



*"Tenho a sensação que,
de fato, cumpri minha missão:
com Brasília e comigo mesmo."*

Walter Mello

ENTRE A ORALIDADE E A ESCRITA
apontamentos biográficos

Walter Mello

ENTRE A ORALIDADE E A ESCRITA
apontamentos biográficos

*"Tenho a sensação que,
de fato, cumpri minha missão:
com Brasília e comigo mesmo."*

Brasília - 2018

ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL

SUPERINTENDENTE

Jomar Nickerson de Almeida

CHEFE DE GABINETE

Marco Aurélio de Lemos Santos

ASSESSORIA ESPECIAL

Denise Barros Pereira

ASSESSORIA TÉCNICA

Jessica de Jesus Cardoso

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Luana Rodrigues da Silva Sá

ASSESSORIA JURÍDICA

Lays Christine Fernandes

UNIDADE DE GESTÃO DE DOCUMENTOS E PROTOCOLO

Deuzani Cândido Noletto, Carolina Cersósimo de Souza Abdalla,
Paulo César Gusmão.

UNIDADE DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO

Laércio Souza Costa, Gabriel dos Santos Pereira.

UNIDADE DE ADMINISTRAÇÃO GERAL

Marilene Helena Dias, Alexander Regis Batista,
Carlos Daniel Ramos Ferreira de Souza, Darlan Pereira Soares,
Justino Moura de Sousa, Maria José de Souza Fernandes,
Valter Bernardino de Souza.

COORDENACÃO DO SISTEMA DE ARQUIVOS

José Adilson Dantas, Arkemi Maria Guimarães Guedes,
Iraldo Antônio dos Santos, Janderson Nunes Cardoso,
Marcleiton Vilarouca Teixeira, Rejane Soares Canuto,
Taiama Mamede Barbosa Solecki, Vanderlei Marcio de Oliveira.

COORDENACÃO DE ARQUIVO PERMANENTE

Marli Guedes da Costa, Cleice de Souza Menezes, Elias Manoel da Silva,
Ester Eiko Duarte Kimura, Jader Silva de Oliveira, Luiz José Borges Neto,
Maria Angélica Lucchese Targhetta, Odson da Silva Araújo,
Rita de Cássia Alves da Rocha, Tereza Eleutério de Sousa,
Valéria Colletti Sanches Silva.

TEXTO

Elias Manoel da Silva

PESQUISA NOS ACERVOS

Deuzani Cândido Noletto

Carolina Cersósimo de Souza Abdalla

Elias Manoel da Silva

REVISÃO TEXTUAL*

Marli Guedes da Costa

Tereza Eleutério de Sousa

* Depois de revisado, o texto foi acrescido de muitas outras retificações no processo de idas e vindas (Oralidade e Escrita) entre Walter Mello e o escriba deste texto, para as quais não foi feita a revisão, por pura falta de tempo. Portanto, eventuais erros devem ser reputados exclusivamente ao escriba.

ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL

SGO - Setor de Garagens e Oficinas

Quadra 5 - Lote 23

70610-650 - Brasília - DF

Fone (61) 3361.7739 - 3361.1454

www.arquivopublico.df.gov.br

PREFÁCIO

Há tempos, em conversas informais quando o tema girava em torno de Walter Mello, percebíamos a necessidade de conhecer melhor esse homem: quem eram seus pais? Onde viveu sua infância? Onde estudou? Como foi adquirindo o interesse e como se construiu a vocação para a promoção cultural e proteção do patrimônio histórico, seja documental ou arquitetônico? Como chegou a Brasília? Enfim, havia uma contradição a ser resolvida: como podia uma pessoa tão querida, com um círculo de amizade tão grande ser ao mesmo tempo tão pouco conhecida em sua história pessoal?

Na verdade, acho que esse processo acontece naturalmente nas relações humanas. Diria até que é compreensível do ponto de vista antropológico. Quanto mais vamos convivendo com uma pessoa e nos envolvendo com ela, o aumento do afeto, da admiração nos engana dando-nos a falsa impressão de proximidade com sua história pessoal que, de fato, não conhecemos. É um pouco o que acontece com a dinâmica do apaixonar-se: convivemos e admiramos tanto os aspectos conhecidos de uma pessoa que temos a falsa impressão de conhecê-la totalmente.

Creio que essa dinâmica afetou-me também quanto a Walter Mello. Em 1993, ingressei no serviço público e fui lotado no Arquivo Público do Distrito Federal. Muito jovem, com apenas 20 anos, não percebi, naquela época, o tamanho da minha sorte. Walter Mello era

o Superintendente e a hierarquia me impunha manter distância. Essa prática foi pedagógica, pois pude observar de longe no dia-a-dia, quem era, como atuava, o quanto era respeitado e o tamanho de sua paixão pelo Arquivo.

Neste sentido, estes apontamentos biográficos preparados pela Diretoria de Pesquisa, Difusão e Acesso e costurados pelo servidor Elias Manoel da Silva, para que o Arquivo Público do Distrito Federal possa presentear Walter Mello por ocasião da celebração de seus 90 anos quer responder às perguntas que fizemos acima. Podemos conhecer uma pessoa acessando e interpretando documentos. Aqui, contudo, a prioridade é conhecer o Walter Mello por ele mesmo. Há o sabor de um amigo nos contando e partilhando sua vida. São memórias partilhadas para que as gerações futuras possam conhecer e enaltecer uma pessoa tão importante para a história cultural de Brasília e, para nós, servidores do Arquivo Público, o testemunho eloquente da iniciativa, teimosia e coragem do homem que lutou pela criação desta instituição arquivística.

Na trama que a memória de Walter Mello vai nos apresentando, notamos que ele privilegia fatos e perspectivas de sua vida que somente ele poderia contar, como protagonista que foi dos fatos que vivenciou. E percebemos ainda, em seus testemunhos, o sabor de quem faz um balanço da própria vida: há o orgulho latente da vida que viveu, da história que construiu, das pessoas que conheceu e das cicatrizes que ficaram na alma. São memórias filtradas pelas alegrias, sofrimentos e aprendizados que a própria dinâmica da vida foi lhe oferecendo e que são belamente sintetizadas em sua expressão: “Tenho a sensação que, de fato, cumpri minha missão: com Brasília e comigo mesmo”.

Ao ler esses apontamentos me arrisco a afirmar que ele foi “picado pela vespa da cultura” ainda na juventude, ratificando, mais tarde, sua escolha quando iniciou suas “jornadas artísticas” – incursões por

Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e, finalmente, Brasília.

De forma simples e clara, Walter Mello vai nos contando dos acasos e das decisões que o trouxeram para Brasília, do convite para trabalhar na primeira loja de discos do Plano Piloto, onde pode exercer seu conhecimento sobre cinema, teatro e literatura. Rapidamente tornou-se referência no meio cultural brasiliense. Foi convidado para assumir um cargo na Fundação Cultural do Distrito Federal e, dentre as diversas ocupações, participou do grupo de trabalho, sob a coordenação de Paulo Emílio Salles Gomes, que criou o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Neste ano de 2018, Walter Mello foi homenageado com a medalha “Paulo Emílio Salles Gomes”, criada nesta 51ª edição do Festival. Com ela, foi o primeiro a ser reconhecido pelo desempenho no ensino, crítica e difusão do cinema brasileiro.

A nós que fazemos parte desta instituição arquivística, é empolgante acompanhar suas memórias e ver os movimentos e estratégias que Walter Mello buscou para que fosse criada. Foi pelo seu empenho como Diretor da Divisão do Patrimônio Histórico e Artístico, da então Secretaria de Educação e Cultura, que a instituição foi criada em março de 1985.

O funcionamento do Arquivo se efetivou com o recebimento do acervo histórico da construção de Brasília pertencente à Companhia Urbanizadora da Nova Capital (NOVACAP). Ressalta-se que dentre os vários documentos estavam os registros de centenas de trabalhadores da construção civil que ergueram Brasília. De imediato, o Arquivo desempenhou uma função social com a emissão de certidões de tempo de serviço que viabilizou a aposentadoria dessa parcela da população candanga.

Além disso, Walter Mello vai nos contando como colocou o Ar-

quivo no cenário arquivístico nacional, ao estabelecer vínculo com o Arquivo Nacional e com os arquivos estaduais, ao propor a criação do Fórum Nacional de Diretores de Arquivos Estaduais. No Distrito Federal, fomentou a criação da legislação arquivística, apoiada nas normas nacionais do Conselho Nacional de Arquivos e do Conselho Internacional de Arquivos.

Tudo isso e mais um pouco é o que representa, para mim, Walter Mello. Hoje, ao ocupar a mesma cadeira tenho a real noção da importância e da responsabilidade dos atos por ele praticados. Almejo que em algum momento esse conjunto de memórias possa ser acrescido do testemunho de pessoas que conheceram Walter Mello, bem como de outras pesquisas documentais e seja publicado por esta instituição arquivística. A memória de uma instituição é acima de tudo a lembrança daqueles que a construíram.

Jomar Nickerson de Almeida

Superintendente

Arquivo Público do Distrito Federal

INTRODUÇÃO

Nesta introdução vou me dirigir ao Sr. Walter Albuquerque Mello como “Seu Walter” porque tem o sabor de um testemunho pessoal e não terei mais a chance de, neste texto biográfico, mencioná-lo desse modo informal. Ao mesmo tempo, ressalto que, se assim posso me referir a ele, essa proximidade não foi mérito meu, mas graça dele.

A primeira ideia deste texto nasceu quando tive a chance de presenciar Oscar Niemeyer cumprimentar o Seu Walter como “Wal-tinho Cultura” no hall de entrada do Brasília Palace Hotel, em uma visita do arquiteto a Brasília, no Governo de José Roberto Arruda. Na ocasião, fiquei profundamente impressionado ao perceber que, no meio de todos os que se aproximavam de Oscar Niemeyer, somente Seu Walter tinha sido tratado com tanta deferência e afeto, revelando que os dois já se conheciam há muitos anos e gozavam de uma intimidade que poucos ali conheciam. Como naquele período ainda não tinha conhecimento aprofundado da importância do Seu Walter para a história cultural de Brasília, confesso que fiquei encasquetado com aquela cena. Mais tarde, durante a preparação deste texto, perguntei a ele sobre essa forma de tratamento da parte do Oscar Niemeyer: “Tudo começou porque um dia eu fui pedir que o Oscar, aqui em Brasília, autografasse uma foto dele que eu tinha. Aí, ao chegar lá, o genro dele, que era muito meu amigo, o arquiteto Carlos Magalhães

da Silveira, falou: ‘Ô Oscar, o Walter Cultura tá aqui te procurando’. Aí começou... Depois daquele dia o Oscar sempre me chamou de Walter Cultura”.¹

Motivado pela cena descrita acima, cuja data não lembro, mas aconteceu no período 2007/2010, nasceu em mim o interesse em conhecer melhor esse homem. Fui procurar algum texto. Entretanto não havia nada escrito, a não ser alguns apontamentos em jornais e revistas. Convenci-me de que era necessário escrever algo baseado em suas memórias. Infelizmente, a dinâmica do Arquivo Público levou-me para outras atividades e o interesse em escrever sobre a vida do Seu Walter foi relegado ao esquecimento.

O interesse surgiu novamente a partir de 2015 quando fui nomeado Diretor de Pesquisa, Difusão e Acesso do Arquivo Público do Distrito Federal. Convenci-me de que uma instituição arquivística na capital da República não poderia se omitir de procurar conhecer alguns elementos biográficos daquele personagem que foi essencial para que esta mesma instituição existisse. Além disso, sabia, por ouvir dizer, que Seu Walter estivera envolvido em muitas outras atividades culturais desde que começou a trabalhar na Fundação Cultural no início da década de 1960, quando chegou a Brasília. Não havia outro jeito. Sentia que, na condição de servidor-historiador, seria cobrado futuramente se não iniciasse a empreitada. Então, assumi como uma responsabilidade pessoal. Até porque, devido ao aprofundamento de nossa relação pessoal iniciada a partir de 2007 – quando Seu Walter retornou ao Arquivo Público do Distrito Federal como assessor do Superintendente Luiz Ribeiro de Mendonça e eu era Diretor Cultural – já havia criado um carinho especial por sua pessoa. Seu jeito de falar e os valores que se manifestavam subjacentemente ao seu modo de

viver, me lembravam aqueles monges que deixavam tudo para seguir um ideal. Sua forma de cumprimentar, juntando as mãos e fazendo uma leve flexão com o corpo em direção à pessoa, revelavam uma delicadeza de alma e sensibilidade humanas que me encantavam. Talvez esteja aí o porquê de a prosa deste texto ter suas pitadas de sabor apologético. Não foi falta de cuidado com a objetividade que se exige do historiador. Nasceu do respeito que em mim se enraizou a partir de suas palavras e gestos, tudo somado ao que aos poucos Seu Walter foi partilhando.

De início, tudo começou despretensiosamente. Meu primeiro interesse era apenas fazer um elenco, num estilo de listagem cronológica, dos fatos importantes da vida do Seu Walter. Contudo, as constantes conversas que mantive com ele me convenceram de que ele merecia mais.

Em cada encontro ele me trazia novas informações, fatos, curiosidades de sua vida que, juntadas às informações de seu dossiê funcional, o do Arquivo Público e da Secretaria de Cultura, me convenceram de que eu deveria escrever um texto que costurasse tudo o que ele me revelava em nossos “bate-papos” e o que pesquisava nos documentos. A tarefa que começara pequena e intencionalmente despretensiosa tornara-se, por causa da importância que fui descobrindo no homem Walter Albuquerque Mello para a história cultural de Brasília, muito mais complexa e repleta de informações.

Apesar das várias tentativas e das muitas datas marcadas com antecedência, não foi possível fazer uma entrevista, nos moldes das que fazemos para o Programa de História Oral do Arquivo Público do Distrito Federal. Seu Walter, no dia anterior à data previamente marcada, sempre encontrava um motivo para cancelar o evento. Lembro-

me de uma vez, no período em que era Superintendente Luiz Ribeiro de Mendonça, este, cansado dos cancelamentos do Seu Walter para uma entrevista para o Museu da Imagem e do Som que pretendia criar, bateu na mesa e disse, numa mistura entre sério e afetuoso: “Desisto, Walter. Desisto”. E foi assim que, de convite em convite, a tão esperada entrevista nunca aconteceu. Confesso que isso sempre me preocupou, pois as fontes a respeito de sua vida eram muito escassas. Ou ele partilhava suas memórias ou morreria com ele elementos importantes de sua história pessoal e da própria história de Brasília devido ao seu envolvimento em atividades culturais desde a inauguração da capital.

Diante disso, e tendo em vista a importância dele para a história do Arquivo Público do Distrito Federal e para a cultura em geral de Brasília, usei uma estratégia. Convidava-o para almoçar, participava de refeições em que ele estava presente, visitava-o, ou ia fazer alguma caminhada com ele. Outras vezes era convidado por ele para conversarmos, como foi o caso da longa conversa “Caminhada no Parque Olhos d’Água – 24/02/2016”. Nessas ocasiões, consciente de que ele não gostava de um gravador apontando para seu rosto, eu o informava que íamos começar a conversa gravada e, logo em seguida, colocava o gravador em meu bolso. O gravador era logo esquecido e a conversa ficava fluída e espontânea. Mas registre-se que muitas vezes fiquei com o gravador na mão, numa posição mais discreta, e tudo ocorreu muito espontaneamente também.

Essa estratégia descontraída permitiu que Seu Walter falasse do que quisesse e como quisesse sem a estrutura formal de uma entrevista com o questionário previamente estabelecido e, ao mesmo tempo, sem seguir uma cronologia definida. Os temas, mais antigos ou mais novos, vinham conforme o momento.

Dei-me consciência de que Seu Walter sempre esteve pronto e disposto para conversar sobre sua vida. Só não se sentia confortável em fazê-lo nos moldes de uma entrevista, com uma filmadora ou um gravador apontando para seu rosto. Isso o intimidava. Cada pessoa tem um modo pessoal de se comunicar e, o do Seu Walter, era a informalidade: caminhar num parque, tomar um sorvete, beber um suco, um vinho, bebericar um cafezinho... Esses eram de fato os momentos para se falar da vida. Quem lhe poderia tirar a razão?

Foi a partir dessa metodologia que, com outras fontes citadas acima, construí esses apontamentos biográficos. A cada vez que terminava uma versão do texto, apresentava ao Seu Walter. Tal metodologia permitiu que ele, ao ler os textos que aos poucos lhe entregava, corrigisse e acrescentasse suas próprias falas, num processo de idas e vindas, que veio a facilitar e enriquecer o acesso às suas memórias. Por isso, tudo o que cito entre aspas foi reelaborado numa mistura complexa de oralidade, escrita e reescrita, como indicado no subtítulo desses apontamentos biográficos.

Ressalte-se que também busquei informações em alguns poucos artigos de jornal e revista publicados em Brasília, e na dissertação de mestrado “O Arquivo Público do Distrito Federal: contextos, concepções e práticas informacionais na trajetória de uma instituição arquivística”, de Shirley do Prado Carvalhêdo, apresentada em 2003 ao então Departamento de Ciência da Informação e Documentação da Universidade de Brasília – UnB.

Em nenhum momento, na elaboração desses apontamentos biográficos, houve a intenção de entrevistar pessoas que conviveram com Seu Walter. Se fôssemos enveredar por esse caminho, o presente trabalho se estenderia muito além do escopo intencionado inicialmente:

construir uma biografia do Seu Walter a partir de suas memórias. O meu interesse é apenas a perspectiva do Seu Walter. Muito pode ser dito a respeito de uma pessoa cotejando-se diversas fontes. Contudo, quando possível, e este é o caso, acredito que tudo o que possa ser dito deve iniciar conhecendo a versão do próprio protagonista.

Se outros acharem adequado aprofundar esses apontamentos com opiniões de terceiros, tenho certeza que enriquecerá em muito o que aqui vai apresentado. Novas fontes sempre são bem vindas para que a aproximação ao objeto tematizado seja o mais abrangente possível. Até porque, como nos ensina a hermenêutica, todo ponto de vista é somente a visão de um ponto.

Em nenhum momento destes apontamentos biográficos houve a intenção de elaborar uma biografia literária. Não acredito ter estofado para tal empreendimento. Meu objetivo foi bem menos pretensioso: resgatar o máximo possível elementos da memória do próprio biografado, dar um concatenamento cronológico e contextualizá-las o mais objetivamente possível. Portanto, todo e qualquer texto que não esteja “entre aspas” e que apresente discrepância com a narrativa de fatos comumente aceitos é de total responsabilidade minha.

Contudo, apesar de ser esse o objetivo primário houve uma exceção, e essa foi intencionalmente praticada por esse escriba. Para todos os fatos revelados por Seu Walter anteriores a sua chegada a Brasília, procurei buscar neles elementos que pudessem compreender as ações que iria então desempenhar mais tarde na nova capital federal plantada no Planalto Central. Portanto, houve sim uma tentativa de interpretação, repito, intencionalmente levada adiante com o intuito de compreender aspectos da personalidade de Seu Walter que iriam se manifestar mais tarde em sua atividade profissional. Dessa forma, os fatos que Seu Walter ia lembrando e narrando sobre sua infância, juventude e vida adulta,

vivididos em Salvador, Ilhéus e Rio de Janeiro foram num primeiro momento narrados o mais objetivamente possível e, num segundo momento, eram interpretados à luz do homem que se manifestou em Brasília. A intenção era encontrar na história de sua vida anterior a chegada a Brasília, por meio dessa interpretação dos fatos, aspectos que estavam moldando uma personalidade, um estilo de ser, um caráter que já tinha latente aqueles traços que seriam desvelados nas atividades culturais que mais tarde iria desempenhar.

Quando, como historiador, tenho que entender histórias pessoais, tomo como pressuposto antropológico a premissa de que “ninguém dá o que não tem”. Essa premissa que iluminava a minha interpretação da vida do Seu Walter anterior a sua chegada em Brasília, me permitiu compreender que o seu zelo para com a Cultura, o Patrimônio Histórico e Artístico, bem como pela documentação histórica de Brasília, não foram atitudes espontaneistas, ou seja, inventadas por uma criatividade que brotou a partir do momento que começou a desempenhar atividades públicas, no contexto das atribuições que aos poucos ia desenvolvendo, primeiro como assessor da Fundação Cultural de Brasília, depois como Diretor da Divisão do Patrimônio Histórico da Secretaria de Educação e Cultura e, finalmente, como Superintendente do Arquivo Público do Distrito Federal. Não! A perspectiva de uma criatividade momentânea é mecânica e supõe uma antropologia quase metafísica, mágica, onde a ação do indivíduo é entendida como uma criação “ex nihilo”, a cada momento, sem o adequado lastro histórico-antropológico que a fundamenta. Ao afirmarmos a historicidade da subjetividade, somos guiados a buscar na história dessa subjetividade, leia-se Walter Mello, os fatos que lastreiam suas práticas em determinado momento de sua vida. E, para nós, o “determinado momento” de sua prolífica atividade cultural refere-se à sua vida profissional em Brasília.

Na verdade, quanto mais ouvia os fatos que Seu Walter comentava de sua vida anterior a sua chegada a Brasília, percebia que ele, consciente ou não, já estava construindo uma estrutura de personalidade, uma perspectiva pessoal que trazia de forma latente uma cosmovisão que deu o fundamento de sua ação. Suas atividades culturais em Brasília eram a manifestação de uma liberdade pessoal que se concretizava como expressão de sua própria essência. Eram a manifestação de uma singularidade pessoal que ele já vinha construindo na sua história. As atividades de Seu Walter, concretamente manifestadas na preocupação em divulgar a cultura, em tomar bens históricos, em zelar e divulgar a documentação histórica de Brasília, e tantas outras atividades afins, nasceram de um homem que já tinha plantado em seu coração e em sua razão (afeto – inteligência), os fundamentos que alimentavam essa prática. A sua ação era conatural à sua própria essência. As atividades não eram executadas apenas como consequência das atribuições dos cargos que recebia e, que o levavam a agir como zeloso guardião dos bens culturais. Suas atividades não eram executadas apenas como resposta à responsabilidade do cargo. Ao contrário. Se era tão fecundo no que fazia, assim o era porque o seu modo de ser antecipava as atividades que executava. Não era o cargo que o definia. Ao contrário, o cargo apenas manifestava sua definição.

O mais importante que eu quero refletir, e a partilha de sua história me permitiu perceber, é que o Walter Mello que vem para Brasília não foi fruto do acaso. Sua vida em Brasília é o desvelamento da história de um homem que se construiu aos poucos por opções, por decisões, por estudos, por leituras que criaram estruturas subjetivas que, por sua vez, estruturaram uma personalidade preparada como ninguém para responder às demandas que Brasília começou a ter no processo de consolidação da “*urbis*”. Se um Lucio Costa, um

Oscar Niemeyer, um JK, um Israel Pinheiro foram providenciais para a construção e transferência da capital de um país continental, um Walter Mello o foi para dar prosseguimento à construção da cidade em seus aspectos culturais e históricos. Se a uns coube a construção do corpo urbano, a outros ficou a responsabilidade em zelar pela alma cultural da nova cidade que se constituía. E graças aos fatos que os leitores deste texto biográfico poderão conhecer, Seu Walter estava preparado para a missão. Parodiando Oscar Niemeyer que afirmava que Brasília havia nascido na Pampulha, podemos afirmar que o Walter Mello manifestado em Brasília havia nascido em Salvador, Ilhéus e Rio de Janeiro.

Enfim, o que pude perceber é que o homem Walter Mello que conhecemos, a partir dos diversos trabalhos que realizou em Brasília, chegou vocacionado para a missão. Vocacionado naquela acepção de que carregava em si o conteúdo daquilo que praticava. Não foi possível perceber pelos seus depoimentos em que momento específico esse projeto foi definido em sua vida. Ouso dizer que talvez nem mesmo Seu Walter possa responder a essa questão. O fato é que ao buscar o que gostava, ao alimentar sua existência com a riqueza da arte, música, pintura, literatura, história, cinema, somada aos encontros com pessoas criativas nos diversos campos da cultura humana – como também poderá ser constatado neste texto biográfico – Seu Walter capacitou-se para uma missão que mais tarde lhe foi dada.

Nesse sentido, Brasília foi privilegiada porque o Walter Mello que chegava não havia sido gestado pela cidade que nascia. Ao contrário, chegou carregado de valores para desempenhar o papel que lhe coube nas funções que executou. Certamente aprendeu coisas novas; mas esse aprendizado já nascia a partir de um riquíssimo lastro pessoal. É neste contexto que se pode entender uma frase repetida muitas

vezes nas conversas que entabulamos: “O baiano não nasce. Estréia. E eu estreei em Brasília”. Nossa maior gratidão, Seu Walter, por estrear no palco de Brasília.

O texto final foi assinado em 20 cópias. Destas, uma ficou com este escriba, outra foi entregue ao Superintendente do Arquivo Público do Distrito Federal, para que faça parte do acervo. Outra foi entregue ao Seu Walter, o “operário da cultura”,² como se autodefinia, para que fique com a família. As demais para os fins determinados pela Superintendência desta instituição arquivística.

Acessar as memórias de uma pessoa é quase uma caminhada de fé. Apenas espero ter sido digno das lembranças que Seu Walter partilhou.

Elias Manoel da Silva
Servidor/historiador

Notas:

1. Passeio para tirar fotografias com Walter Mello - 08/06/2016.
2. Revista GPS – Lifetime. Ano 7, nº 9, 2018, p.30.

DA CAPITAL SALVADOR PARA A CIDADE DE ILHÉUS

Walter Albuquerque Mello, ou “Walter Cultura”, como o saudava Oscar Niemeyer quando vinha a Brasília,¹ nasceu em Salvador-BA, no dia 5 de novembro de 1928. Seu pai, João Albuquerque Mello era casado com Guiomar Gomes de Albuquerque Mello. Ele, natural de Ilhéus, onde a maior parte da família morava. Ela, natural de Salvador. João Albuquerque Mello era funcionário público e trabalhava em um órgão de combate à seca. Dessa relação nasceram João, Wilson, Guiomar, Nair, Edite e Vasty.

João Albuquerque Mello era, contudo, um homem dado a aventuras amorosas extra-conjugais. Em certa ocasião conheceu a jovem Alta Moreira Chagas, relação da qual nasceu Walter Mello. Seu pai teve outras relações das quais nasceram Romeu e Mirian. Recordo que, no momento em que me revelava essas informações de foro tão íntimo, de repente, sem mágoa alguma na voz, apenas a manifestar um fato objetivo, declarou: “Meu pai era um danado paquerador que, fora do casamento, andou fazendo filhos no mundo todo. Eu, meu irmão Romeu e minha irmã Mirian somos desta leva. Nem eu, nem o Romeu e nem a Mirian temos a mesma mãe.”²

Enquanto comentávamos sobre seus irmãos por parte de pai e a relação singular sua e do irmão Romeu no seio da família, solicitou que nesses apontamentos biográficos fossem feitas referências a alguns sobrinhos: a Olímpia, o Príamo, o filho do Wilson Albuquerque Mello, Eduardo, “que hoje é médico naturalista e mora no Rio Grande do Sul”; as filhas do João Albuquerque Mello, Denyse, Tânia e Yvanise e, finalmente, lembrou também da sobrinha Alice, filha de Guiomar Albuquerque Mello. Curioso, perguntei por quê, entre tantos sobrinhos, quis fazer referência a estes: “Porque com esses sobrinhos eu tive um maior entendimento afetivo e amoroso. A Denyse, por exemplo, me considera um pai e é onde eu me hospedo em Salvador. Ela liga sempre pra mim. Mantemos constante contato.”³

Com poucos anos de idade, foi enviado aos cuidados do casal Hilda Chagas e Cândido Guedes Chagas, que moravam na Rua Coronel Paiva, em Ilhéus. Sobre esse assunto é taxativo: “Eu não sei porque eles foram escolhidos para cuidar de mim.”⁴

Assim, devido ao fato de ter sido criado por outra família desde muito pequeno, tem poucas recordações de sua infância com o pai João e sua mãe Alta Moreira Chagas. “Eu não fui criado pelos meus pais. Fui criado pelos meus padrinhos. Para mim é um mistério porque eu fui parar lá. Essa é uma pergunta que eu nunca consegui fazer para meus pais.”⁵ Ao se referir a “padrinhos”, fiquei curioso e perguntei se eram “Padrinhos de Batismo”: “Não, não eram.”⁶ Voltei em outros momentos ao tema para ver se sua memória trazia novas informações sobre o porquê seus pais o teriam deixado aos cuidados desta família de Ilhéus, ao que ele respondeu: “Eu me lembro que há um corte, um hiato em minha vida. Eu criança em Salvador, numa casa modesta, tô num pátio tomando banho na bacia, que minha mãe Alta tava me dando e, de repente, há um corte e eu estou em Ilhéus. Não sei como.”⁷

Certo dia, do mês de novembro de 2016, fui visitá-lo, pois tinha feito uma cirurgia na cervical. Estava meio abatido e queixou-se de que estava ainda sentindo dores, além de reclamar que foi um ano de luta porque teve que entrar com uma reclamação na Agência de Saúde Suplementar, só conseguindo fazer a cirurgia por intervenção da justiça. Começou me perguntando sobre a festa de aniversário do ex-Superintendente Luiz Mendonça, que ele deveria ter participado, mas foi impedido porque coincidiu com o dia de sua cirurgia: “Lamento ter perdido aquele bacalhau.”⁸ Como conhecia seu apreço por frutos do mar, sabia o quão sinceras eram suas palavras.

No contexto da conversa, aproveitei a temática para lhe perguntar se lembrava das festas de aniversário em sua infância. Baixou a cabeça, depois olhou para o fundo do corredor de seu apartamento, como a vislumbrar algum passado que a memória queria acessar, e respondeu: “Só ficou um trauma dessa época, porque eu nunca fiz aniversário lá na casa dos meus padrinhos. Talvez minha mãe não tenha passado a informação e meus padrinhos também nunca pediram nem se interessaram em saber se eu tinha certidão de nascimento. Acho que era por isso que eles não sabiam... Assim eu nunca tive uma festa de aniversário enquanto morei com eles. Mas eu estranhava porque às vezes eu ia para alguns aniversários... Mas não tinha a festa do meu aniversário. Naquela época, não tinha Coca-Cola nem Pepsi... era servido chocolate porque era a terra do cacau, né? Era servido, então, chocolate com bolo. Não ter tido festa de aniversário ficou como um trauma daquela época.”⁹

Assim, ao ser entregue por seu pai João para ser criado por uma família de Ilhéus, por força do acaso, São Jorge dos Ilhéus, tornou-se a cidade da infância, adolescência e parte da juventude de Walter Mello. A Rua Coronel Paiva, de pouca extensão, cortava a ponta da península onde se encontrava grande parte do centro histórico da cidade. Situada

entre duas praças, a rua era limitada pelo rio e pelo mar. Numa ponta da rua estava a Praça José Marcelino que dava para o Rio Cachoeira onde se encontrava o famoso bordel Bataclan, que funcionou até o anos 40 do século passado, eternizado pela literatura de Jorge Amado. Sentado em um banco da Praça José Marcelino, Walter Mello podia ver, de um lado, o Porto de Ilhéus e, do outro, a Feira. Na outra ponta, a pequena e estreita Rua Coronel Paiva se abria para a Praça Dom Eduardo, onde se encontravam a Catedral São Sebastião, o também famoso Bar Vesúvio, um dos mais antigos estabelecimentos comerciais de Ilhéus, cujos primeiros proprietários foram italianos e já em 1915 era citado como a única pastelaria da cidade. No largo desta mesma praça também se encontrava o Teatro Municipal de Ilhéus.

Na verdade, na época da chegada de Walter Mello a Ilhéus, a atual Catedral São Sebastião estava sendo construída no lugar da antiga, a partir de projeto apresentado pelo arquiteto Salomão da Silveira. Em estilo neoclássico, sustentada por colunas gregas e com uma abóbada romana logo na entrada, o projeto do novo templo levantou discussões acaloradas. Fato é que enquanto Walter Mello crescia, crescia também a nova Catedral e a cidade de Ilhéus. Não é exagero, portanto, afirmar que o cenário da infância e adolescência de Walter Mello era o mesmo da literatura amadiana daquele período.

O burburinho dos que frequentavam as duas praças para vender seus produtos, somado à circulação dos moradores, certamente fazia da Rua Coronel Paiva uma via bastante movimentada e vibrante. Do ponto de vista econômico, no mesmo período da chegada do menino Walter Mello, Ilhéus se encontrava em um momento de grande pujança. Ainda no século anterior, devido ao plantio de mudas de cacaueteiro, trazidas da Amazônia e que se adaptaram muito bem ao ambiente do sul da Bahia, Ilhéus havia se tornado uma das maiores cidades baianas com o comér-

cio do cacau. O dinheiro havia atraído pessoas, luxo e, acima de tudo, criou uma classe de orgulhosos coronéis que vinham à cidade para se divertir, entre outros lugares, no cabaré Bataclan ou no Bar Vesúvio, todos muito próximos da casa em que Walter Mello fora acolhido.

Quatro anos antes de Walter Mello nascer, devido às dificuldades de exportação do cacau pelo distante porto da cidade de Salvador, os coronéis resolveram construir um porto em Ilhéus com seus próprios recursos. O anterior era um pequeno cais e não atendia mais à nova condição econômica da cidade. Com a exportação do cacau sendo feita diretamente de Ilhéus, criou-se do ponto de vista político, um modo peculiar de interação da cidade, fazendo com que tivesse maior proximidade cultural com a capital federal, Rio de Janeiro, e com a Europa do que com as outras cidades baianas. Assim, apesar de geograficamente distante de outros grandes centros urbanos, a cidade que recebia Walter Mello respirava ares cosmopolitas e para ali afluíam profissionais liberais, trabalhadores não especializados, aventureiros em busca de riqueza, dançarinas, mágicos, afinal de contas os endinheirados do cacau precisavam de serviços e de diversão. Portanto, não é por mero acaso que o contexto da época da chegada de Walter Mello a Ilhéus coincide com a ambientação dos romances de Jorge Amado.

Entretanto, longe de serem personagens de ficção, os “padrinhos”¹⁰ que o acolhiam, apesar de viverem geograficamente no centro desse mundo regional singular, não partilhavam da riqueza das famílias que viviam do cacau. No máximo, pode-se admitir que a riqueza circulante na cidade facilitava as condições de trabalho de seus “padrinhos”.

O certo foi que a chegada inesperada daquela criança, pequena e magra para os padrões das crianças da mesma idade, trouxe algumas preocupações, pois seria uma boca a mais para alimentar e vestir. Pelo menos seria o caçula da família e seus “irmãos” poderiam ajudar nos

cuidados. Já nos primeiros dias perceberam que o menino, de porte mirrado, não daria maiores problemas, pois manifestava um temperamento tranquilo e mais introspectivo e, apesar da compleição frágil, tinha boa saúde.

O chefe da família, Cândido Guedes, não tinha um trabalho fixo. A fim de aumentar a renda da família montava barracas nas festas da cidade. Já menino crescido, Walter Mello começou a acompanhar os “padrinhos”. “Na festa de São João, meu padrinho Cândido montava uma barraca para vender fogos de artifício. No carnaval montávamos barraca para vender lança-perfume. A minha madrinha fazia vestidos, chapéus e outras roupas e aproveitava a ocasião. Eu trabalhava com eles. Quando meu padrinho saía, ele só confiava em mim para cuidar da parte financeira. O caixa da banca só podia ser administrado por mim, na ausência do meu pai de criação.”¹¹

De sua infância, uma recordação marcante e que deixou muitas saudades refere-se a um presente que ele ganhou. “Meu sonho de criança era ganhar um velocípede; tinha três rodas, né! Várias vezes manifestei esse meu desejo para o meu padrinho Cândido. Certo dia, eu estava na janela e parou na frente de nossa casa um caminhão que tinha na caçamba um velocípede. No momento estranhei a coincidência. Mas logo em seguida vi meu padrinho descer do caminhão e, na hora, pensei que era o meu tão sonhado velocípede. Aí, eu saía de minha casa na Rua Coronel Paiva, em Ilhéus, e ia pedalando até o Bar Vesúvio, que ficava na frente da praça da Catedral São Sebastião.” O bar a que se refere Walter Mello foi aberto na década de 1915 e foi eternizado pelo escritor baiano Jorge Amado no seu livro “Gabriela Cravo e Canela.” No famoso romance, o Bar Vesúvio pertencia ao árabe Nacib que se apaixonou pela protagonista Gabriela.

Ao insistir por mais alguma lembrança da infância, relatou:

“Outra lembrança de minha infância, e que me marcou, foi quando eu ganhei uma bola. A gente morava bem perto da praia que ficava no final na Rua Coronel Paiva. Aí, eu acordava bem cedinho e tinha meu amigo Aloísio que vinha de manhã e me chamava... e nós íamos para a praia antes de ir para a escola.”¹²

Em Ilhéus aprendeu a ler e a escrever com uma professora particular contratada pelos seus pais de criação. “Me lembro que a professora era filha de um farmacêutico de Ilhéus.”¹³ Um fato do período da alfabetização que Walter Mello lembra, e do qual acha muita graça, refere-se à sua inaptidão para pintura. “Eu tinha uma caixinha de lápis e comecei a ligar uns pontos e apareceu a figura de um pato. Ela veio e me disse: ‘ah que bonito o patinho’. Foi o primeiro e único elogio de um desenho que ganhei na vida. A minha carreira de desenhista ficou no pato.”¹⁴ E soltou uma gargalhada como poucas vezes vi fazê-lo. Já alfabetizado, Walter Mello foi matriculado no Grupo Escolar de Ilhéus, em sua época um dos centros de ensino mais importantes do interior da Bahia. Localizado na Praça Castro Alves e inaugurado em 1915, fora construído de tal forma que as meninas e os meninos estudassem em alas separadas do colégio. Atualmente funcionam ali a Biblioteca Pública e o Arquivo Público de Ilhéus. Nessa escola cursou o Primário (1935-1940)¹⁵, e o Ginásio (1941-1944).¹⁶

Sua primeira experiência em trabalho remunerado vai dar-se na companhia de Fernando, filho de seus “padrinhos.” Fernando Chagas havia trabalhado durante muitos anos numa empresa de produtos escolares. Lastreado pela experiência, resolveu abrir um negócio próprio e, para ajudá-lo, convidou o jovem Walter Mello que, já naquela época, demonstrava interesse pela literatura. Infelizmente a empreitada não teve sucesso e, pouco depois, Fernando Chagas mudou-se para Campinas, em São Paulo.

Segundo Walter Mello, foi em Ilhéus que conheceu o cinema e se apaixonou por essa arte. Provavelmente suas primeiras experiências com o cinema tenham acontecido no “Cine-Teatro Ilhéos”, inaugurado em 1932.

O RETORNO PARA A CIDADE DE SALVADOR

Foi nesse período que, apesar de todo o carinho que sentia pelos “padrinhos” que o criaram desde muito pequeno, Walter Mello começou a sentir-se isolado da família e dos irmãos de sangue. Além disso, lembra: “chegou um momento que Ilhéus não tinha mais nada para oferecer.”¹⁷

Seu irmão João Albuquerque Mello, que acolhia em sua casa o irmão Wilson Albuquerque Mello, já tinha também manifestado o desejo de que Walter Mello voltasse ao seio da família e o havia convidado para morar com ele. Apesar de não lembrar a idade exata dessa grande mudança em sua vida, mas já adulto e livre para decidir o caminho a tomar, entre 17 e 19 anos, parte definitivamente da casa dos “padrinhos” e vai morar com a família de seu irmão, em Salvador. Para se manter, começou a trabalhar na parte administrativa de uma pequena fábrica de calçados que seu irmão João Albuquerque havia aberto. Além disso, iniciou a Faculdade de Ciências Sociais,¹⁸ porém, convencido de que a Academia não lhe daria as condições para desenvolver seus interesses por cinema e literatura, não chegou a concluir o curso.

Espírito inquieto, apaixonado por cinema e literatura e exímio

fazedor de amizades, Walter Mello começou a se integrar nos círculos culturais soteropolitanos. Frequentador assíduo dos cinemas da capital baiana, nessa época começou a se interessar pelos textos do escritor e crítico de cinema, Walter da Silveira que, segundo Walter Mello, “foi o mentor do Glauber Rocha, que dava embasamento quando o Glauber começou a se meter no cinema”.¹⁹ Considerado o filósofo do cinema brasileiro, “nenhum outro intelectual brasileiro refletiu com tanta acuidade sobre a posição que ocupa o filme na sociedade contemporânea, desde o mudo, o falante e o tecnicolor. E essa reflexão estava ancorada no fato de ter visto e escrito acerca de todos os filmes de todas as latitudes, a partir da província, Salvador, o que não é corriqueiro na história do cinema. [...] Antenado no que se escrevia mundialmente sobre cinema, foi um crítico brasileiro de cinema e não um intelectual brasileiro que fazia crítica de cinema. [...] Conhecedor da gramática do cinema, Walter da Silveira fazia análise imanente dos filmes com reflexão sociológica. Foi o primeiro crítico marxista no Brasil, atentou para a necessidade da prática advinda com o cineclube, fundado por ele em Salvador no ano de 1950.”²⁰

Desta forma, desde muito jovem, começou a absorver um enorme conhecimento sobre a produção cinematográfica, elemento importante em sua formação como promotor cultural e defensor do patrimônio histórico, que passou a exercer quando mudou-se para Brasília em 1960.

IDA PARA A CIDADE DO RIO DE JANEIRO

O apaixonado cinéfilo foi vivendo na casa do irmão até que alguns anos depois João Albuquerque Mello foi convidado para trabalhar na empresa de seguros Vera Cruz, no Rio de Janeiro. Como desejava mudar-se com toda a família, fazia-se necessário desfazer-se de seus bens para arrumar o dinheiro necessário. Vendeu então a pequena fábrica de calçados e mudou-se para o Rio de Janeiro. A mudança do irmão levou Walter Mello a repensar novamente sua vida. Diante das possibilidades que se abriam para aprofundar sua paixão pelo cinema, teatro e literatura, resolveu também deixar Salvador e acompanhar seu irmão. Era o final dos anos 40 do século passado. Não sabe ao certo. No Rio de Janeiro foram morar no Bairro Vila Isabel, famoso já na época como ambiente fértil do samba e por ter ali nascido o grande compositor, Noel Rosa.

Naquele período, a falta de saneamento básico fazia com que a cidade do Rio de Janeiro enfrentasse constantes epidemias de diversos tipos de doenças. Depois de alguns meses morando no Rio de Janeiro, seu irmão João Albuquerque tornou-se mais uma das vítimas dessas condições sanitárias. Contraiu febre tifóide, vindo a falecer em poucos dias. Sua cunhada e sobrinhos voltaram desconsolados para Salvador.

Walter Mello se defrontava com mais um drama familiar. A trágica perda do irmão o obrigava a decidir novamente o que fazer de sua vida. Gostava do que o Rio de Janeiro oferecia para seus interesses pessoais. Contudo, não tinha absolutamente nenhuma referência. Sem mala nem cuia, numa cidade estranha, pela primeira vez na vida sentiu-se totalmente desamparado, sem saber o que fazer: “depois da morte inesperada do meu irmão eu fiquei meio perdido.”²¹

PERÍODO NO ESTADO DE SÃO PAULO

Em meio à tragédia familiar, a sorte bateu-lhe à porta. Fernando Chagas, filho do casal que o havia criado em Ilhéus, e com o qual tinha tido sua primeira experiência de trabalho, estava morando em Campinas, estado de São Paulo, desde a malfadada tentativa de abrir um negócio de venda de produtos escolares em Ilhéus. Como não tivesse nada a perder, aceitou o convite para ir morar com seu “irmão” no interior de São Paulo. “Fiquei com o Fernando, que era representante de uma empresa de capitalização.”²²

Estabeleceu-se na cidade por aproximadamente um ano e meio. Mas a estadia era provisória. Não intencionava morar em Campinas. Ficou na dúvida se voltava para Salvador, onde seus parentes poderiam acolhê-lo, ou se se arriscava no Rio de Janeiro, sem nenhum contato, sem nenhum apoio. Além disso, a morte prematura do irmão lhe deixara certo receio em relação às condições de saúde da capital do Brasil. No meio da dúvida e do medo, deixou falar mais alto seu desejo mais íntimo de aproveitar as condições culturais que o Rio de Janeiro oferecia nas áreas de teatro, cinema e literatura. “Fiquei lá [Campinas] por mais ou menos um ano e meio tentando arrumar trabalho.”²³ Como não conseguiu arrumar nenhuma ocupação remunerada, escolheu retornar ao

Rio, sozinho, sem referência, sem contatos, mas cheio de expectativas e coragem para enfrentar o novo.

O RETORNO À CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Segundo se lembra, decide se estabelecer no Rio de Janeiro no início da década de 1950. Apesar das condições adversas, Walter Mello é enfático na importância que sua estadia no Rio de Janeiro representou em sua vida: “No Rio de Janeiro foi que eu pude realmente fazer esse plano de abrir minha mente com relação às artes: música, cinema, teatro.”²⁴ Para suas intenções, a decisão foi acertada, porque nos anos 50 do século passado, o Rio de Janeiro, como capital brasileira, não apenas ditava assuntos de caráter político para todo o Brasil, mas, sobretudo, era um ambiente de efervescente produção no cinema, teatro, música e literatura:

O cinema e o teatro também participaram desse processo, tanto do lado das produções de caráter popular quanto das produções mais sofisticadas. No caso do cinema, as populares chanchadas, comédias musicais produzidas pela Atlântida, empresa criada nos anos 40, tiveram seu auge nos anos 50, e seus atores foram consagrados pelo público. O teatro de revista, que também misturava humor e música, fazia bastante sucesso. Apesar de originárias da década de 40, as experiências tanto de um ci-

nema industrial, como foi o caso daquele produzido pela Vera Cruz, quanto de um teatro menos popular; como o do Teatro Brasileiro de Comédia, ainda perduraram ao longo dos anos 50. Se o otimismo e a esperança implicaram profundas alterações na vida da população em todo o mundo, permitindo, não a todos, mas a uma parcela, os setores médios dos centros urbanos, consumir novos e mais produtos, por outro lado, a vontade do novo trazia embutido, em várias áreas da cultura, o desejo de transformar a realidade de um país subdesenvolvido, de retirá-lo do atraso, de construir uma nação realmente independente. O entusiasmo pela possibilidade de construir algo novo implicou o surgimento e/ou o impulso a vários movimentos no campo artístico. Eram novas formas de pensar e fazer o cinema, o teatro, a música, a literatura e a arte que se aprofundavam, como revisão do que fora feito até então. Em alguns casos, consolidou-se um movimento que já se iniciara em décadas passadas. Mas outros movimentos nasceram exatamente naquele momento e se tornaram marcos e/ou referências de renovações estéticas que viriam a se firmar mais plenamente depois. Guardando suas especificidades, e em graus diferenciados, tanto o cinema, quanto o teatro, a música, a poesia e a arte, movidos pela crença na construção de uma nova sociedade, fosse ela industrial, fosse ela centrada na valorização do elemento nacional e popular, abraçavam expressões artísticas e estéticas inovadoras que vinham sendo praticadas não só em outras partes do mundo, mas também no próprio país. Essa foi, em linhas gerais, a marca do processo de renovação estética em curso ao longo da década de 1950. Por outro lado, o vigor do movimento cultural encontrava eco junto a setores das camadas médias urbanas em franca expansão, sobretudo universitárias, sintonizadas com o espírito nacionalista da época, e com a crença nas possibilidades de desenvolvimento do país.²⁵

Neste contexto e com um dom único para as relações humanas, fez amizade com um profissional que trabalhava no Jardim Zoológico do Rio de Janeiro. Detalhes de como isso aconteceu, não lembra. Provavelmente no afã de conseguir referência de emprego. O fato é que na primeira oportunidade expôs a ele suas dificuldades financeiras e principalmente a necessidade de conseguir trabalho. Deu suas referências e pediu que, se aparecesse algum serviço, lembrasse dele. Num daqueles providenciais acasos que a vida nos traz, o profissional com quem Walter Mello tinha conversado, chamado Flávio - que, apesar do tempo, a gratidão mantém vivo o nome na memória - tinha favores a receber de um tal senhor Hermany, dono da “Hermany Indústria e Comércio.” A empresa produzia e comercializava perfumes e produtos de beleza na Rua do Ouvidor. O favor tinha nascido porque “o velho Hermany tinha uma criação de cachorros da raça pinscher miniatura de origem alemã, e sempre buscava orientação de como criá-los, no Jardim Zoológico. Por sorte, o profissional a quem eu me apresentei pedindo emprego era que atendia o senhor Hermany.”²⁶ Sensibilizado pela história de Walter Mello, Flávio sugeriu ao senhor Hermany que desse um emprego ao jovem baiano. “Aí eu fui lá, e fui aceito na hora”.²⁷

Admitido no seu primeiro emprego de carteira assinada, no Rio de Janeiro, foi trabalhar no escritório administrativo da empresa de cosméticos, sediada em um prédio de muitos andares da Rua Senador Dantas. Novamente o acaso lhe havia colocado próximo de um lugar importante para a história de Brasília. A Rua Senador Dantas ficou famosa, pois foi ali, no “Juca’s bar” do Hotel Ambassador, que um grupo de amigos decidiu construir uma residência provisória para o Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira: o Catetinho.

Recorda com muito orgulho que foi na portaria desse prédio onde trabalhava que conheceu e estabeleceu amizade com Dorival

Caymmi: “certo dia, quando eu me dirigia para o trabalho, encontrei, no *hall* de entrada do prédio onde ficava o escritório da Hermany Indústria e Comércio, o Dorival Caymmi. Seu filho fazia tratamento dentário num consultório médico daquele prédio, e ele foi acompanhar o filho, acho que era Danilo... Aí eu me apresentei, disse que também era baiano, que tinha uma admiração por ele, que era amigo do escritor e crítico de cinema Walter da Silveira... e começamos uma amizade. Aí, entre uma conversa e outra sobre a nossa terra baiana, eu falei pra ele: ‘eu tenho um presente para você’. Gentilmente ele me disse: ‘Vamos, então, marcar um encontro para a próxima semana’. E o presente que eu dei para ele era um livro sobre a Bahia, de autoria do poeta Thiago de Mello. No encontro eu dei o livro para ele. O Caymmi ficou encantando e dali pra frente ficamos amigos.”²⁸

Apesar de pouco, a garantia de um salário constante deu-lhe nova motivação. Pela primeira vez na vida Walter Mello sentiu-se seguro e independente. Com o salário que recebia pode alugar um pequeno quarto e, terminado seu expediente, devido à localização privilegiada de seu local de trabalho, viu-se rodeado por um ambiente de enorme efervescência cultural. Suas aspirações mais profundas pelo cinema, artes cênicas e literatura estavam a poucos passos de seu trabalho: os cinemas da Cinelândia, inúmeros prédios de arquitetura de inspiração francesa, a Biblioteca Nacional, o Museu de Belas Artes e o Teatro Municipal. Alimento não faltava para um homem tão profundamente faminto por artes.

Mas, ressalte-se, seu envolvimento cultural nas atividades que a capital brasileira daquele período lhe oferecia não era apenas por lazer. Participava dos eventos culturais como quem vai fazer um curso superior. Várias vezes, em nossas conversas, fez questão de chamar a atenção para o fato de que associava a leitura e a discussão com os

amigos a tudo o que via e ouvia. Não era um passatempo de final de semana. Havia a intencionalidade de adquirir novos conhecimentos, indo muito além de um espectador neutro. Para essa abordagem da vida cultural do Rio de Janeiro cunhou a expressão “jornadas artísticas”. Mesmo que essa metodologia, em certos momentos, exigisse a solidão e os estudos de aprofundamento por meio de leituras, preferia que as “jornadas artísticas” fossem realizadas na companhia de amigos, tendo em vista as discussões que se seguiam. Contudo, se não podia contar com a presença deles, entregava-se solitariamente ao aprendizado, fruindo tudo como se algum dia fosse daquele alimento precisar.

Assim, enquanto morava no Rio de Janeiro, nem mesmo a pouca condição financeira foi desculpa para não se aprofundar naquilo que tanto prezava. “Eu tinha um salário modesto, aí não dava pra fazer muita coisa. Nos finais de semana, além do cinema e teatro, eu gostava muito de ir passear no Jardim Botânico.”²⁹

Em que momento de sua vida surgiu essa intencionalidade de, para usar uma expressão do próprio biografado, “estudar diretamente”³⁰ e não por meio de uma formação acadêmica? Segundo se lembra, foi em suas caminhadas pelo Jardim Botânico que chegou a uma conclusão em relação à sua formação: “Sabe de uma coisa, em vez de eu entrar numa faculdade, vou estudar diretamente, vou manter esses contatos com a arte e a cultura.”³¹ Foi a partir dessas reflexões que surgiu a metodologia das “jornadas artísticas”.

No contexto das “jornadas artísticas”, lembra, saudoso, que nas horas vagas era assíduo frequentador, com um grupo de jovens amigos, do Teatro Municipal e do Cine Teatro Rex. Inaugurado em 1934, em estilo *Art Decó*, o cine teatro era o pólo cultural do Rio de Janeiro. Nesses dois ambientes, passava horas assistindo cinema e teatro, suas duas grandes paixões.

Portanto, não foi uma decisão tomada por contingências que a vida lhe trazia. Os eventos culturais e contatos que mantinha eram vivenciados com a disciplina e o envolvimento de um aluno. Não eram apenas passatempo lúdico. Anotava, escrevia, lia. “Visitei muito museu, muita música, teatro. Concertos, domingo eu ia de terno no Teatro Municipal, porque só podia entrar de terno: aí assisti a ópera de Pequim, a sinfônica de Nova York. E tinha também uns concertos para a juventude da Juventude Musical Brasileira que eu participei. Os concertos eram no Teatro Rex que era próximo ao Teatro Municipal e se apresentava no domingo também, com grandes regentes como o maestro brasileiro, Eleazar de Carvalho, ou outro regente de fama internacional... e a entrada era franca.”³²

Ao ouvi-lo comentar o potencial de todo o aprendizado informal que o contexto cultural do Rio de Janeiro lhe propiciava, conhecimento importante a partir do momento em que se estabeleceu em Brasília, percebe-se certa visão profética de Walter Mello sobre si mesmo. É estranho, mas havia uma profunda consciência de que sua metodologia formativa, sintetizada na expressão “jornadas artísticas”, teria uma função importante em sua vida. De fato, tudo o que realizou em Brasília tornou-se a consolidação daquilo que pensava para si mesmo. Não é por outro motivo que constantemente repetia em nossas conversas, mudando a frase aqui e ali: “Tenho a sensação que, de fato, cumpri minha missão: com Brasília e comigo mesmo.”

Desse período, Walter Mello recorda, entre muitas risadas, a estratégia que criou com o porteiro do Teatro Municipal para poupar seus poucos recursos. O porteiro deixava que ele entrasse com um bom desconto, desde que seguisse certas condições que dependiam do número de pessoas que afluíam a cada espetáculo. “Ele dava um sinal e eu entrava. Se o público não fosse muito grande eu ia para a poltrona. Se

houvesse mais público, ia para o balcão nobre. Se o teatro ficasse cheio, eu ia para a galeria. Se ficasse totalmente lotado, eu ia sentar na escada do balcão nobre. Com essa estratégia, eu assisti grandes espetáculos de teatro e grandes orquestras americanas.”³³

É interessante perceber como em nenhum momento das conversas informais que tive com Walter Mello, ele se colocava como vítima das circunstâncias. Ao contrário. As condições adversas foram percebidas e enfrentadas com criatividade e um profundo senso de que há uma bondade natural nas pessoas que, por meio do diálogo, se poderia acessá-la. E de fato, esse dom inato para criar amizades, construir histórias com pessoas desconhecidas e que aos poucos, tornaram-se seus amigos, que o apoiaram, o ajudaram e abriram novas perspectivas de vida para ele, foi uma constante em todos os testemunhos que partilhou.

Walter Mello lembra que um dos seus grandes amigos nesse período e que o acompanhava nas noitadas culturais foi Roberto Nicolsky, sobrinho de Luiz Carlos Prestes. Era em sua casa, no Bairro da Urca, que Walter Mello, sozinho no Rio de Janeiro, passava muitos finais de semana aproveitando a companhia da família e as refeições preparadas por dona Lúcia, mãe de Roberto e irmã de Carlos Prestes: “eu não conheci o Luiz Carlos Prestes, posto que ele não morava naquela casa. Ele estava sempre viajando, sempre escondido, foragido, preso ou exilado, por conta das ditaduras, Vargas e a Militar. Mas a irmã dele, a Lúcia, eu conhecia bem. A casa dela, lá na Urca, eu frequentava muito. Ela teve o Roberto quando morava na União Soviética. O Roberto Nicolsky ia nos concertos e a gente sempre se encontrava lá. O Roberto ficou um cientista famoso na Universidade Fluminense.”³⁴

Em uma dessas visitas, conta que teve a felicidade de conhecer o Vianninha, Odulvaldo Viana Filho. Certamente não foi mero acaso Walter Mello tê-lo conhecido na casa de um sobrinho do comunista

Carlos Prestes. Com forte ligação com a esquerda, Vianninha foi fundador do Centro Popular de Cultura, do Grupo Opinião, esteve envolvido com a criação da União Nacional dos Estudantes, e participante ativo do Teatro de Arena.³⁵ “Ele era um grande dramaturgo, né!? Foi o autor do clássico ‘Rasga Coração’, dentre outros. Adaptou peças clássicas para o teatro, como Medeia, e criou e escreveu ‘A Grande Família’, grande sucesso da Globo.”³⁶

Foi nesse período, no auge da Guerra Fria, que aprofundou ainda mais seus conhecimentos e sua afeição pelo ideário comunista: “eu sempre fui comunista por opção, não de carteirinha. Eu fui comunista no sentido de querer um sistema igualitário, solidário, fraternal... nesse sentido. Meu encantamento era nesse ponto. É assim que eu imaginava que era a ideia original do comunismo. Eu sempre estive preocupado num mundo como o nosso, desigual, muito desigual... isso me comovia e me preocupava. No Rio de Janeiro eu tinha mais convivência com as pessoas que me abriram os olhos para um esquerdismo. Aí eu pensava: quem sabe se o comunismo não poderia dar isso. Mas de fato, lá no Rio de Janeiro, eu quase cheguei a me filiar ao Partido Comunista. Teve um dia que o Roberto Nicolsky, sobrinho de Carlos Prestes, ia me levar para uma sessão pra eu assinar a minha filiação. Mas daí houve uma batida de policiais lá no lugar e cancelaram o evento. Então eu não cheguei a ser filiado, mas eu fiquei com as ideias socialistas e vou morrer com essas ideias porque eu sofro em ver a desigualdade nesse país e no mundo.”³⁷

Algumas ousadias, em nome da cultura, também foram protagonizadas pelo baixinho soteropolitano em seus dez anos no Rio de Janeiro. Resolveu conhecer o poeta Thiago de Mello que, naquela época, era cronista do jornal “O Globo” e que, com a publicação do livro de poesia “Silêncio e palavra”, em 1951, irrompeu no cenário cultural bra-

sileiro. Apaixonado pelas crônicas do poeta amazonense, certo dia, sem mais nem menos, apareceu na porta da residência do poeta. Foi amizade à primeira vista e a paixão pela poesia o conduziu por toda a vida. Ainda hoje, quando convidado pelos amigos para almoçar, começa a contar suas versões de passagens bíblicas ou narrar fatos numa prosa poética.

Em janeiro de 2017, percebendo seu maior interesse e envolvimento na elaboração deste texto biográfico, perguntei-lhe novamente sobre a época em que havia vivido no Rio de Janeiro. Ressaltei que gostaria de conhecer mais amigos que tenham convivido com ele naquele período e que participavam com ele das “jornadas artísticas”. Disse que ia pensar a respeito. No dia seguinte, quando chego ao Arquivo Público, ao abrir minha caixa postal eletrônica me deparo com mais algumas importantes lembranças de Walter Mello, justificadas realisticamente: “expulso da cama e do sono, pela insônia, aqui estou motivado por lembranças importantes que devem ser registradas”.³⁸

As lembranças a que se refere, dizem respeito a um amigo, companheiro assíduo de suas “jornadas artísticas” e que se tornou um consagrado artista plástico, Ronaldo Miranda. Segundo o próprio, “pinto o que gosto e o que sinto. Olho o mundo através de janelas? A verdade é que atravesso-as ou não; busco horizontes salineiros, a fruta ou a jarra. Também arrisco um abstracionismo colorido e imagético. Tudo talvez sem mistério, tudo talvez tão misterioso...”³⁹

Com Ronaldo Miranda, recorda que, “quando os concertos que frequentávamos da Orquestra Sinfônica Brasileira eram realizadas pela manhã no Teatro Rex ou no Teatro Municipal, próximos à Cinelândia, sob a regência do grande maestro brasileiro Eleazar de Carvalho ou outro regente de fama internacional, após o espetáculo invariavelmente almoçávamos no Restaurante Spaghettilândia que ainda funciona na Cinelândia. Quando os concertos eram realizados às tardes, em se-

guida, como éramos dois jovens ‘finos e educados’ tomávamos chá com torrada e não ‘parati’, como diz a música de Noel Rosa.”⁴⁰

A amizade com Ronaldo Miranda permitiu a Walter Mello participar assídua e afetivamente da família dele, que morava em Niterói, então capital do estado do Rio de Janeiro. “Muitas vezes cruzei a Baía da Guanabara para ir até a casa do Ronaldo que morava com os pais em Niterói. Gostava de ir lá para tomar chá e, acima de tudo, conhecer os novos poemas do Ronaldo, além de ouvir música. O Ronaldo estudou psicologia, mas se notabilizou mesmo foi nas artes plásticas. Sempre fui muito bem recebido por toda a família. Me sentia afetivamente acolhido, principalmente por dna. Talita, mãe do Ronaldo, que era poeta. Ela deixou gravado nas minhas lembranças o fragmento de um dos seus poemas: “estendi a minha alma no varal”.⁴¹ Recorda ainda que foi ali, entre chá, poesia e música, que conheceu ainda criança, Ricardo Miranda, “que se tornou um excelente cineasta.”⁴²

Outro grande amigo que fez em seu período carioca foi o professor Waldemar Henrique. Nascido em Belém em 1905, havia se mudado para o Rio de Janeiro em 1933 a fim de estudar piano, composição, orquestração e regência. Waldemar Henrique da Costa Pereira, desde o início de sua criativa carreira musical, dedicou grande parte de sua obra para enaltecer e difundir o folclore da região amazônica. Desta vertente nasceu, dentre numerosas outras, as clássicas canções de temática regional como, Tamba-Tajá e Uirapuru. Apaixonado ainda hoje pelo estilo musical do compositor, recorda: “O Ronaldo Miranda estudava música com o professor Waldemar. Então, eu e o Ronaldo visitávamos muitas vezes o professor Waldemar Henrique, que projetou Fafá de Belém. Ele é o autor da canção clássica da música erudita brasileira, Uirapuru... íamos lá tomar chá, conversar e estudar música.”⁴³

Outro lugar que recorda ter frequentado foi a Cinemateca do

Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Mesmo depois de ir para Brasília, visitava a cinemateca onde fez amizade com o estudioso do cinema brasileiro, Cosme Alves Netto, que assumira a direção a partir de 1964. Cosme Alves Netto foi importante interlocutor de Walter Mello no período em que, mais tarde, vai estar, entre outros, criando e promovendo o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro.

Assim, vivendo no Rio de Janeiro, capital da República brasileira, aos poucos, disciplinadamente autodidata em cultura, ia se formando Walter Albuquerque Mello na escola da vida. E a semente plantada em solo fértil estava apenas esperando o momento apropriado para produzir cem por um. De fato, o sucesso não é apenas fruto do acaso, da sorte. Há necessidade de se estar pronto para que o acaso seja acolhido por uma opção livre e responsável. Do contrário, as boas chances de sucesso que a vida traz se perderão pela falta de preparo para percebê-la.

Sua decisão de “estudar diretamente”⁴⁴ mantendo contato disciplinado com a arte e a cultura que o ambiente carioca lhe apresentava potencializaram sua sensibilidade. Em 1956, após seis anos vivendo no Rio de Janeiro, um fato vivido por Walter Mello, qual janela no tempo, permite-nos perceber a singularidade que estava se gestando e se solidificando naquele jovem baiano. Walter Mello contava então com 28 anos de idade. Portanto, jovem e maduro o suficiente para que esse fato permitisse desvelar, àqueles que hoje tentam traçar alguns elementos de sua história pessoal, as peculiaridades de sua personalidade. A carga simbólica deste acontecimento em relação a tudo o que Walter Mello irá desempenhar na área cultural em Brasília, mais tarde, indica que nada foi gratuito, nem nasceu do acaso em sua vida.

O CASO KLEMENTINA KALAŠOVÁ

Vamos ao fato, contado aos 87 anos de idade, nos mínimos detalhes, a este escriba, numa manhã de fevereiro de 2016, no Parque Olhos d'Água, onde muitas vezes durante a semana fazia sua caminhada. O fato de ter insistido que esse evento de sua vida fosse contado o mais detalhadamente possível nestes apontamentos biográficos, revela o quanto essa experiência foi marcante para sinalizar e sintetizar o que representou em sua vida. Quanto ao fato, foi claro e direto: “Isso eu quero muito que entre na minha biografia.”⁴⁵

Depois de morar seis anos no Bairro da Lapa, sempre trabalhando para a Hermany Indústria e Comércio, mudanças em seu trabalho o levaram a morar no Bairro Bom Sucesso. Ele recorda: “A Hermany Indústria e Comércio representava uma firma poderosa americana que produzia uma linha de produto chamada Dorothy Gray. Quem distribuía no Brasil era a Hermany. Aconteceu que a fábrica da Dorothy Gray foi transferida para o Bairro Bom Sucesso porque eles queriam um espaço maior. Em determinado momento eles precisavam de alguém no escritório da Dorothy Gray lá no Bom Sucesso. Aí, como havia essa ligação entre a Hermany Indústria e Comércio e a Dorothy Gray, o senhor Hermany me indicou pra ir trabalhar lá. Então eu passei a trabalhar lá na

parte de escritório, mas subordinado à Hermany Indústria e Comércio. Por causa disso fui morar no Bairro Bom Sucesso. Como era longe da Lapa, eu decidi morar lá mesmo porque tinha apartamentos disponíveis para alugar.”⁴⁶

Foi neste contexto, no ano de 1956, quando Walter Mello mudou-se para o Bairro Bom Sucesso a fim de trabalhar nos escritórios da Dorothy Gray, mas ainda como funcionário da Hermany Indústria e Comércio, que ele conheceu um colega de trabalho chamado Yaroslav Novotny: “Ele me falou sobre a Klementina Kalašová. E isso eu quero muito que entre na minha biografia. Yaroslav estava exilado no Rio de Janeiro e a família continuava lá em Praga, na antiga Tchecoslováquia. Ele não tinha condição de voltar para a antiga Tchecoslováquia e ao mesmo tempo não tinha condições de que a família viesse. Então o que ele fazia? Ele mandava sempre mantimentos pra família através da Cruz Vermelha e algum outro órgão. Era uma pessoa de uma sensibilidade muito grande, também gostava de música. Eu e ele conversávamos muito sobre cultura. Era uma pessoa muito boa. E aí, numa dessas conversas, ele me conta a história da Klementina Kalašová. Ele tinha um livro, publicado na Tchecoslováquia, de Vojtech Lev que escrevia sobre a vida dessa cantora lírica, e ele lia para mim e comentava. Contou-me que o Carlos Gomes, nosso maior compositor de ópera, fazia turnê pelo Brasil: Manaus, Recife, Bahia. E para as apresentações formava uma equipe, uma trupe de cantores, para apresentar os espetáculos nestas cidades. O sucesso dessas turnês era enorme. A Klementina Kalašová integrou o elenco que o Carlos Gomes organizava. Ela era famosa na Europa. Participava nos grandes teatros mundiais. Ela era tão famosa que, em Salvador, chegavam a imprimir a primeira parte do jornal em seda para entregar para ela. Acontece que ela vem e fica em Salvador na Bahia, uma temporada. Aí ela morre na capital baiana numa epidemia de febre amarela em 1889 e é enterrada em Salvador. E tinha um

poeta com quem ela se correspondia que ficou preocupado porque enviava cartas e não mais obtinha a resposta dela. Contudo, depois de um tempo, as cartas começaram a voltar pra ele e atrás estava escrito: ‘É morta’. Meu sonho é de fazer um documentário sobre essa cantora lírica com o título: “É morta.” Eu fiquei tão impressionado com essa história que meu colega de trabalho Yaroslav Novotny me contou, que decidi ir a Salvador. Lá, com uma pessoa que é a memória viva do cemitério, encontrei o túmulo dela. O cemitério é a Quinta dos Lázarus e o túmulo estava na Quadra Monte Pio dos Artífices, número 17. Aí mandei fazer uma limpeza no túmulo dela, coloquei umas flores em homenagem pra ela. Ainda em Salvador, mandei uma carta pra esse meu amigo Yaroslav Novotny no Rio de Janeiro, dizendo tudo o que eu tinha feito e que Klementina não estava esquecida. Essa carta, mais tarde, foi publicada em um livro de um poeta que escreveu sobre ela. Fiquei sabendo mais tarde que outra pessoa, no início no século XX, já havia visitado o túmulo dela. Eu fui a segunda pessoa. Uma vez, dei uma entrevista na televisão Tcheca e me perguntaram por que ela ficou esse tempo todo esquecida. Aí eu contei o que eu tinha feito e disse que pelo menos eu não esqueci. Recentemente a Bohumila Araújo, que é professora universitária, e que vai escrever um livro sobre as mulheres de Kafka, casada com Guido, que é meu amigo, e cineasta, e que organizou a famosa jornada baiana de cinema, que marcou época por lá, lançou o livro, *Klementina Kalašová – a estrela tcheca que ficou na Bahia*. Nesse livro ela faz referência a esse meu gesto que eu fiz ainda no tempo que morava no Rio de Janeiro. Para o lançamento do livro eu fui a Salvador. Foi no Teatro Castro Alves, com a Orquestra Sinfônica da Bahia e com a presença de uma cantora tcheca cantando músicas de compositores tchecos. A Bohumila Araújo fez uma bela apresentação. Lançamos o livro no hall do Teatro e depois tomamos uma cerveja tcheca maravilhosa. Esse evento e o gesto da Bohumila Araújo, de fazer referência ao que eu tinha feito

para a Klementina Kalašová ainda na minha juventude, no livro que ela estava lançando, me marcaram profundamente.”⁴⁷

O fato, comovente, a respeito de um jovem de poucos recursos financeiros que sai do Rio de Janeiro, cidade em que morava e trabalhava, e viaja vários estados para visitar um túmulo na capital baiana a fim de resgatar do anonimato uma importante cantora lírica tcheca, morta numa epidemia de febre amarela em pleno gozo de sua fama, mostra como já naquela época, por todas as opções feitas em sua vida, Walter Mello havia criado e solidificado dentro de si um modo de ser que em tudo refletia sua primária preocupação pelo resgate e proteção da cultura e da história. Nele estava enraizada uma natural percepção da importância da memória histórica para a sociedade. Da mesma forma que aquela cantora lírica, enterrada longe de sua pátria e de seus entes queridos, merecia ser tirada de seu anonimato, assim também, para Walter Mello, os bens culturais e a memória histórica deveriam sempre fazer parte consciente de um povo.

Portanto, mais tarde, a partir de 1962, quando entrou para a Fundação Cultural do Distrito Federal em Brasília, tudo o que promoveu como agente cultural não nasceu naquele momento, como se fosse expressão de uma criatividade momentânea e casual. Seus posicionamentos em relação à cultura foram sendo gestados por escolhas que desde muito jovem havia feito em relação aos bens culturais e cuja atitude, única, romântica e singular em relação àquela cantora lírica, que vindo da Tchecoslováquia tinha sido enterrada num cemitério de Salvador, desvela sua vocação primordial.

O ACASO LEVA WALTER MELLO A BRASÍLIA

Em certo dia do ano de 1959, antes de entrarem no Teatro Municipal, Walter Mello e seu grupo de amigos conversavam quando irrompeu na roda alguém fazendo uma proposta. O sujeito estava querendo dividir os custos do aluguel de um apartamento no Morro de Santa Tereza. Era o jornalista da Revista Manchete, Narceu de Almeida. Roberto Nicolsky, conhecedor das dificuldades financeiras do amigo baiano, adiantou-se e indicou Walter Mello. Como a indicação era feita pessoalmente pelo sobrinho do famoso comunista Luiz Carlos Prestes, Walter Mello foi prontamente aceito e passou a morar no Morro de Santa Tereza. Considera esse episódio “fundamental em minha vida”⁴⁸, tal qual a queda do cavalo do apóstolo Paulo, quando ia para Damasco perseguir os cristãos daquela cidade. O convite de Narceu de Almeida foi o estopim de sua ida para Brasília, onde tudo o que havia aprendido como autodidata no mundo das artes se expressaria nas várias atividades que iria desempenhar na nova capital do Brasil.

O fato é que, meses depois, no início do ano de 1960, o jornalista Narceu de Almeida recebeu uma proposta de seu cunhado André Reis, que havia se mudado para Brasília e trabalhava no Ministério da Educação. Propunha que ele e Narceu montassem uma livraria e uma

“discoteca” – loja de venda de discos – na nova capital, que iria ser inaugurada dali a poucos meses. As perspectivas eram promissoras, pois seria a primeira loja do gênero na cidade de Brasília⁴⁹ e ele não queria perder a oportunidade de aproveitar o promissor mercado de venda de livros e discos que iria ser criado com a inauguração da nova capital. Motivado pela proposta, Narceu, que pela convivência com Walter Mello conhecia o profundo interesse e conhecimento do baixinho⁵⁰ so-teropolitano por literatura, cinema e música, estende a proposta e convida seu companheiro de quarto para se aventurar em Brasília. Walter Mello, que já estava no Rio de Janeiro a aproximadamente dez anos e ansiava por novos desafios aceitou de pronto a proposta: “Eu disse: eu vou. Largo tudo aqui e vou com você... É que eu tinha uma grande curiosidade, interesse em relação a Brasília.”⁵¹

Mas nem tudo na vida é tão em linha reta como se pretende, ainda mais na vida de Walter Mello, em que circunstâncias e acasos estiveram sempre presentes por traz de suas decisões. Passadas poucas semanas, Narceu comunicou a Walter Mello que havia recebido uma proposta irrecusável: a Revista Manchete, onde trabalhava, convidou-o para ser correspondente em Paris e, portanto, não iria mais para Brasília. Diante da nova situação, Walter Mello quis saber de Narceu se seu cunhado, André Reis, o aceitaria sozinho em Brasília a fim de montar a livraria e discoteca conforme haviam planejando. Narceu garantiu que a proposta estava de pé, mesmo que ele fosse para Paris.

Sobre suas várias moradias no Rio de Janeiro, conclui: “Durante esses dez anos no Rio de Janeiro morei em diversos lugares. Morei na Lapa, em Bom Sucesso, São Cristóvão e aí terminou que, quando eu vim para Brasília, eu morava em Santa Tereza com o Narceu.”⁵² Narceu de Almeida foi para Paris e Walter Mello para Brasília. O Rio de Janeiro havia se tornado uma página importante do seu passado.

Com essa decisão, fincou definitivamente suas raízes na história cultural da nova capital do Brasil, no Planalto Central, até porque, como repetiu várias vezes nas nossas conversas: “o baiano não nasce. Estréia! E a minha estréia se deu em Brasília.”⁵³

SE ESTABELECE DEFINITIVAMENTE EM BRASÍLIA

Dessa forma, mesmo sem a companhia de Narceu, Walter foi recebido em Brasília por André Reis. Chegou alguns meses após a inauguração da nova capital. O mês, não lembra, talvez, julho ou agosto de 1960. “Eu acreditava na nova capital de JK, achava a ideia dele pertinente. Eu quis participar dessa história.”⁵⁴

Em relação ao dia da chegada à recém inaugurada capital, nunca esqueceu sua primeira impressão: “Não tinha nada. Só barro e terra vermelha. Senti uma coisa muito especial naquele dia.”⁵⁵ De pronto, juntamente com a família de André Reis, começou a organizar a discoteca que, ele lembra, não foi um trabalho fácil, pois o expediente era de segunda a domingo. Não tinha folga: “Eu trabalhava sábado e domingo.”⁵⁶ Mais tarde, depois de todas as reviravoltas que sua vida enfrentou após a ida para Brasília, vai afirmar com toda convicção: “Tudo valeu a pena. Minha vida só começou a ter sentido no dia que cheguei a Brasília.”⁵⁷

Trabalhou aproximadamente um ano no empreendimento, período em que morou na casa de André Reis e Zilah Almeida Reis: “Quando cheguei a Brasília, eu não tinha onde morar. Foi o André Reis e sua

esposa Zilah, que já tinham cinco filhos, que me acolheram na própria casa deles como uma pessoa da família. Além de me darem trabalho eles me acolheram como se fosse um filho. Em todo o tempo que eu fiquei com eles tive uma profunda relação fraternal de amizade que permanece até hoje, com o filho deles, que é o Guilherme Reis. Apesar de eu ter me afastado para seguir outros convites profissionais, a amizade continuou.”⁵⁸

Segundo Walter Mello, a intenção original era montar também uma livraria e discoteca, mas o projeto não foi levado adiante. “A ideia era abrir também uma livraria. Mas não tinha muito espaço no lugar que foi alugado. Com a renúncia de Jânio Quadros, Brasília parou. Se ele tivesse ficado a ideia era expandir.”⁵⁹

A loja de venda de discos, batizada de “Master – discos”, foi montada na W3, na época em que ainda não tinha sido asfaltada. Localizava-se no primeiro andar em um prédio da 508 Sul. Na nova capital, a “Master Discos” tornou-se a primeira discoteca no “Plano Piloto”. Entre tantos outros títulos de LP vendidos, a Master era especializada no gênero musical *jazz* e bossa nova. No período já havia outra discoteca no Distrito Federal: “A primeira e maior discoteca era a Bariani Ortencio do Núcleo Bandeirante.”⁶⁰ A Bariani Ortêncio, da então Cidade Livre, hoje Núcleo Bandeirante, era filial da Discoteca Paulistinha de Goiânia, cujo proprietário era Waldomiro Bariani Ortêncio. Além de famoso compositor de música sertaneja, atualmente nomeada de “Sertanejo Raíz”, é também escritor, pesquisador da Cultura Popular e Presidente de Honra da Comissão Goiana de Folclore, além de ser também Membro da Academia Goiana de Letras.⁶¹

A “Master Discos” nasceu com uma moderna forma de atendimento. Ao lado das prateleiras de discos havia uma cabine toda envidraçada onde os clientes podiam levar os discos e ouvi-los antes de

comprá-los. Ali, o baiano e cosmopolita Walter Mello, com um bigode ralo bem tratado, vestido de camisa branca de manga comprida e gravata preta, atendia os clientes.

Além de todas as atividades na administração do negócio, Walter Mello, com uma rara aptidão para criar amizades e fazer relações e, acrescido de seu profundo conhecimento em cinema e seu gosto pela literatura, logo ficou conhecido em Brasília. A loja era procurada por todos que queriam uma boa música. No círculo de amigos que construiu na nova capital, e que mais tarde vai ser responsável por outra grande guinada em sua vida, estava o arquiteto Alcides da Rocha Miranda, que pertencia ao círculo de Oscar Niemeyer. Alcides da Rocha era professor e cofundador da UnB, ao lado de Darcy Ribeiro, Anísio Teixeira, tendo sido o primeiro diretor da Escola de Arquitetura e Belas Artes.

Coincidentemente, dona Zilah Reis, irmã do jornalista Narceu de Almeida, e esposa de André Reis, o dono da “discoteca”, também era apaixonada por cinema como Walter Mello. Foi do encontro de dois apaixonados por cinema que nasceu o Cineclube de Cinema Brasília. Os filmes eram rodados na casa de dona Zilah. Das primeiras sessões, comenta: “Nós nos reuníamos ali, na sala da casa de Zilah, eu, Geraldo Sobral Rocha, Rogério Costa Rodrigues, Cleide Almeida e André Reis. Queríamos estar por dentro das novidades, discutir os filmes atuais e, principalmente, vê-los.”⁶² Mas longe de ser um momento meramente informal, o grupo seguia uma disciplinada organização dos encontros: “Cada um do clube ficava responsável por um filme, ou por um diretor, e pesquisava em jornais, conversava com amigos de fora do Brasil e corria atrás do que estava sendo exibido e produzido. Foi neste espírito que o grupo conseguiu reservar três dias da semana no Cine Brasília para exibir essas películas.”⁶³

Em 1961, um ano depois de estar envolvido com a administra-

ção da “Master – discos” um evento político veio mudar definitivamente a sua vida inserindo-o de vez na história cultural de Brasília. Com a renúncia de Jânio Quadros, o arquiteto, pintor, desenhista e pesquisador Alcides da Rocha Miranda, coordenador do Instituto Central de Artes da Universidade de Brasília – do qual faziam parte do grupo docente, profissionais do calibre de Oscar Niemeyer, Athos Bulcão, Paulo Emílio Salles Gomes, Nelson Pereira dos Santos, Décio Pignatari, Amélia Toledo, Alfredo Ceschiati, Glênio Bianchetti, Elvin Dubugras, entre outros⁶⁴ – foi designado para assumir a Superintendência da Fundação Cultural do Distrito Federal, que havia sido criada naquele mesmo ano e cujo primeiro Superintendente havia sido Ferreira Gullar, importante poeta, escritor, biógrafo, crítico de arte, memorialista e um dos fundadores do neoconcretismo, movimento artístico surgido no Rio de Janeiro no final da década de 1950.

Ciente que era do vasto conhecimento de Walter Mello na área do cinema e literatura, convidou-o para assumir a função de seu assessor da Diretoria Executiva da Fundação Cultural do Distrito Federal para as áreas de cinema e artes plásticas. Walter Mello não titubeou. Pela primeira vez em sua vida, todo seu interesse e conhecimento adquirido sobre cinema, teatro e literatura, em anos de estudo como autodidata, poderiam frutificar. Enfim, estaria desempenhando atividades que estavam em consonância com o que ele mais gostava.

Foi então falar com o André Reis, dono da “Master – discos”: “Olha, eu recebi um convite do doutor Alcides pra trabalhar na Fundação Cultural. Eu já dei minha contribuição. E eles entenderam perfeitamente.”⁶⁵

Walter agradeceu profundamente à família que o havia trazido e acolhido em Brasília e abraçou esse novo desafio em sua vida. Era o ano de 1962 e estava com 34 anos de idade. Brasília acabava de ser

inaugurada e o afluxo de servidores transferidos do Rio de Janeiro, somado à chegada de uma população bastante eclética, demandava produtos culturais. Neste contexto e no desempenho de diversas atribuições que aos poucos vai assumindo dentro na Fundação Cultural do Distrito Federal, Walter Mello inseriu-se de vez na história cultural de Brasília.

Assim, em 1º de fevereiro de 1962 começa a exercer sua primeira atribuição na Fundação Cultural do Distrito Federal: “discotecário” e programador da Rádio Educadora de Brasília.⁶⁶ Poucos meses depois, em julho de 1962, já é nomeado para o cargo de Assistente Técnico.⁶⁷ Em 9 de setembro de 1966 é nomeado Assessor da Fundação Cultural do Distrito Federal por meio do Decreto 525 de 09/09/1966, cargo que irá exercer até 1978, quando irá assumir a Diretoria de Divisão do Patrimônio Histórico e Artístico do Distrito Federal.

De suas atividades na Rádio Educadora lembra: “Eu trabalhava na Fundação Cultural e fazia também um programa na Rádio Educadora.⁶⁸ Não havia incompatibilidade de horário porque na rádio eu trabalhava no expediente que não coincidia com meu trabalho na Fundação. Na Rádio Educadora, que era do Ministério da Educação e Cultura, eu era programador, fazia a programação musical, a parte cultural: música brasileira, clássica... Não era uma rádio muito difundida. Consegui esse trabalho por causa de minha ligação com a parte cultural, e tinha um diretor da rádio que me conhecia e me chamou, o professor Masi.”⁶⁹

Assim recorda: “Na Rádio tinha um professor que me ajudava a escrever os textos para os programas de música. Um dia, ele me entregou um texto dele sobre Mozart. No texto ele escreveu: ‘Mozart morreu na mais extrema miséria e na mais cruciante penúria’. Aí eu disse a ele: ‘Estevão, vamos amenizar esse texto. O cara morre na mais extrema miséria e cruciante penúria... Você tá querendo massacrar demais a memória do compositor. Vamos amenizar isso. Bota ‘morreu na miséria’.”

70

Infelizmente, a experiência não durou muito tempo. No clima de Guerra Fria daquele período, uma inocente iniciativa levou-o à demissão: “Trabalhei alguns meses. Aconteceu que para a data nacional da Polônia, eu fiz um programa especial com música de Chopin, para homenagear a Polônia... aí então eu me ferrei. O diretor da Rádio era um reacionário, chamado Esaú de Carvalho, irmão do maestro Eleazar de Carvalho que eu havia conhecido no Rio de Janeiro, quando participei da Juventude Musical Brasileira, que tinha o interesse de levar o jovem para o campo da música. Nós estávamos em plena Guerra Fria, né... e a Polônia era comunista. O diretor da Rádio não gostou da homenagem e eu fui demitido.”⁷¹

Uma das suas primeiras propostas na Fundação Cultural foi a criação de uma Discoteca Pública. “Depois que eu entrei por convite do doutor Alcides, uma das coisas que eu criei foi a Discoteca Pública de Brasília. É uma espécie de Biblioteca que, ao invés de livros, tinha discos. Como eu já tinha experiência da Discoteca Pública de Salvador, que eu frequentara bastante para ouvir músicas... ao chegar lá, ao invés de pegar um livro, eu pegava um disco e escolhia a música que queria ouvir: música clássica, etc. Era uma coisa que eu achei interessante e sugeri ao doutor Alcides para a gente criar em Brasília... Tanto que nós chegamos a comprar uma coleção muito grande de discos. Mas não chegou a se consolidar. A discoteca é uma coisa muito complexa de se montar, né! Aqui nós inovamos. Em vez de um lugar onde as pessoas pegavam um disco para ouvir música, nós fizemos uma série de apresentações, de concertos. Nós convidávamos pessoas que, ao invés de assistir um concerto com a orquestra, assistiam apenas com audição do disco. Antes de colocar a música nós apresentávamos informações sobre o compositor e sobre a sinfonia. Aí não foi pra frente. Fizemos al-

guns concertos na Escola Parque, mas com discos. A discoteca pública não prosperou porque, além disso, nós tínhamos outras atividades.”⁷²

De 1962 até setembro de 1966, quando foi nomeado assessor da Fundação Cultural do Distrito Federal, suas atividades estiveram mais ligadas às artes plásticas. Segundo o próprio Walter Mello: “Me tornei uma espécie de curinga na área cultural de Brasília. Eu acho que realizei pra mais de 500 exposições. Eu participava de tudo. Desde pegar o processo e dar um parecer sobre a proposta até a montagem física propriamente dita.”⁷³ Destas 500 exposições cabe destacar a do 1º Salão de Arte Moderna do Distrito Federal, em 1964,⁷⁴ e o fato de ter sido indicado como Supervisor do 2º e 3º Salão de Artes Plásticas do Distrito Federal (1966-1967).⁷⁵

Nesse período inicial de sua carreira como animador das artes em Brasília, se envolveu ainda na fundação do Coral de Brasília,⁷⁶ além de colaborar na criação de outros organismos da área cultural, como o Concurso de Literatura.

Foi nesse contexto que em um de nossos encontros, desta vez em sua residência, começou a falar sobre o Coral de Brasília, do qual era uma espécie de relações públicas: “Eu trabalhava no Coral de Brasília que foi criado e era regido pelo maestro Reginaldo Carvalho. E eu, como assessor da Fundação Cultural, fazia uma espécie de relações públicas pra divulgação e captação de recursos pro coral. O Coral funcionava no Elefante Branco, na Asa Sul, onde o professor Reginaldo Carvalho lecionava e não dispunha de muitos recursos. E o Coral teve uma iniciativa bonita quando a Fundação Cultural trouxe a Brasília a Orquestra Sinfônica de Bamberg, da Alemanha. Naquele tempo não havia restrição no Aeroporto de Brasília. Aí, no dia que a Orquestra chegou, nós fomos pro aeroporto receber a orquestra. E quando a orquestra desceu, o Coral de Brasília cantou Villa Lobos, ‘Seja Bem Vinda à

Nossa Casa'. Eles ficaram emocionados porque nunca tinham recebido uma homenagem, uma recepção como essa né!. Aí, tinha um grupo, do qual fazia parte eu e o professor Reginaldo Carvalho, que queria que a Orquestra de Bamberg se apresentasse na Concha Acústica pra que pudesse vir um maior número de pessoas. Mas tinha um outro grupo que queria que fosse na Escola Parque. Acontece que essa Escola tinha 640 lugares. Bom, aí sei que o grupo, que queria que a Orquestra de Bamberg se apresentasse na Escola Parque, ganhou. O professor Reginaldo Carvalho ficou revoltado. Ele era o regente do Coral de Brasília, como disse. Aí, ele mandou imprimir um monte de convites, além daqueles que a Fundação Cultural havia impresso, e mandou entregar nas escolas. Não eram ingressos vendidos. Eram apenas convites distribuídos gratuitamente. No dia do concerto, imagina... a escola que tinha 640 lugares, tinha recebido mais de mil pessoas pra assistir o concerto. Eu próprio cedi meu lugar a uma senhora e fiquei ouvindo o concerto do lado de fora. Aí, no dia seguinte, a Fundação Cultural demitiu o professor Reginaldo. Eu fiquei chateado e procurei o Oscar Niemeyer que participava do Conselho da Fundação Cultural e contei a história que haviam demitido o professor. Aí o Oscar Niemeyer me disse: 'Sabe de uma coisa? Eu já estava querendo sair do Conselho da Fundação Cultural. Me dá um papel... Aí começou a escrever: 'Eu Oscar, tal e tal, em solidariedade ao professor Reginaldo Carvalho, que falsificou os ingressos, tal e tal'. Ao terminar, leu o bilhete em voz alta. Eu então falei pra ele: 'Olha Oscar, não fica bem colocar que ele falsificou. Coloque apenas que ele reproduziu os ingressos. O Oscar então aceitou a sugestão e trocou a palavra 'falsificou' por 'reproduziu'. Só sei que, no dia seguinte, o professor Reginaldo Carvalho foi readmitido.'⁷⁷

A experiência adquirida fez com que Walter Mello fosse designado responsável pela promoção de diversas exposições: "Exposição de Arte Decorativa de Gianfranco Ronca"; "Exposição da Pintura Brasilei-

ra Contemporânea”; “Exposição de 40 gravadores norte-americanos”; “Exposição de Reproduções de Afrescos e Ícones Medievais”, além de montar exposições a convite do Ministério das Relações Exteriores.⁷⁸

Foi na promoção de uma das várias exposições que conheceu as artesãs Cândida Sardinha, portuguesa da ilha de Funchal, e sua filha Minie Sardinha, que haviam se mudado de Formosa para Brasília. Cândida Sardinha havia trazido da ilha do Funchal a técnica, de tradição popular, da confecção de mantas coloridas. Numa dessas exposições, Walter Mello enamorou-se por Minie Sardinha com a qual teve uma filha, Camila Sardinha Albuquerque Mello, nascida aos 16 de dezembro de 1975, e recebeu como enteado, o filho de Minie, Daniel Sardinha. Mais tarde, conheceu Valéria Souza de Lima com quem teve, aos 61 anos, o filho Joaquim Pedro Albuquerque Mello (19/08/1989), cujo nome foi escolhido em homenagem ao cineasta Joaquim Pedro de Andrade que, entre tantos outros filmes, dirigiu “Macunaíma”, seu maior sucesso de crítica. Para completar a importância da escolha do nome, ressalte-se que o cineasta Joaquim Pedro era filho de Rodrigo Mello Franco de Andrade, mineiro, escritor, que exerceu função pública junto ao Ministério da Educação e Saúde no Governo Getúlio Vargas. Como diretor do SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional desde o ano da fundação, em 1936, até o final da década de 1960, tornou-se grande responsável pela preservação do patrimônio histórico nacional ao defender a concepção de patrimônio com base na valorização do legado histórico de um povo. Dessa forma, até na escolha do nome de um dos filhos, Walter Mello procurava ligar o seu amor pelo cinema e pela proteção da memória histórica.

Além de todas as atividades que vimos comentando, competia a Walter Mello, como Assessor da Fundação Cultural, o planejamento das atividades culturais, assim como a fiscalização e acompanhamento

da execução e divulgação de todo o programa cultural de cada ano. Cabia-lhe ainda a coordenação dos trabalhos conjuntos com órgãos de governo, representações diplomáticas e outras entidades culturais, além de manter entendimento com grupos artísticos e empresários. Conforme atribuições indicadas no Regimento da Fundação Cultural, que encontrei em seu assentamento funcional, competia-lhe também fazer o controle das disponibilidades orçamentárias de cada setor de atividades culturais e de cada promoção.⁷⁹

Como animador da arte cinematográfica no Distrito Federal, juntamente com Paulo Emílio Salles Gomes, participou em 1967 da criação do Festival de Cinema de Brasília, ideia proposta pelo então Diretor da Fundação Cultural, Carlos Augusto de Oliveira Albuquerque e pelo jornalista José Vieira Madeira.⁸⁰ Os idealizadores encarregaram Paulo Emílio Salles Gomes, coordenador do curso de cinema da UnB, para criar e operacionalizar o projeto. Comenta Paulo Emílio: “É ainda à ação do baiano Carlos Augusto Albuquerque que se deve a própria existência do Festival, empreendimento que não teria alcançado seu terceiro ano sem a competência e tato revelados pelo jovem diretor executivo da Fundação Cultural do Distrito Federal”.⁸¹ Foi neste contexto que Walter Mello foi convidado para assessorar os trabalhos, vindo, por isso, a participar diretamente da criação do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, cujo primeiro evento aconteceu no auditório “Dois Candangos” da UnB.⁸²

Ressalte-se que o Festival nasceu no período da Ditadura Militar, quando a censura em relação à produção cinematográfica estava muito presente.⁸³ Neste contexto, como coordenador da Comissão de Seleção e Premiação do Iº, IIº e IIIº Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, selecionou filmes que se tornaram antológicos como “Meteorango Kid – o herói intergaláctico” (1969), de André de Oliveira e

“O bandido da luz vermelha” (1968), de Rogério Sganzerla. “Walter Mello, cheio de amigos e argumentos, convenceu censores a liberar filmes que só poderiam ser exibidos durante o Festival e que depois seriam proibidos para o grande público.”⁸⁴

Participou como “coordenador técnico” do IV ao X Festival de Brasília do Cinema Brasileiro e ainda foi designado como responsável pela promoção do “Festival de Filmes Franceses” (1967),⁸⁵ da “Semana do Jovem Cinema Alemão” (1968),⁸⁶ “Mostra do Filme Polonês”⁸⁷ (1968), em apresentação conjunta com o Cine Cultura.

No desempenho das suas atribuições como integrante da comissão coordenadora do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, viajava constantemente para o Rio de Janeiro e São Paulo a fim de acertar a programação cinematográfica dos Festivais, promover a instalação de postos de inscrição, estabelecer contatos com a imprensa local, distribuir passagens e fazer a remessa de filmes.⁸⁸ Sobre essas constantes viagens, lembra: “No Festival de Cinema, pra inscrição, pro pessoal não ter que vir a Brasília, nós tínhamos criado esses postos de inscrição no Rio de Janeiro e São Paulo... era para as pessoas irem até lá e inscreverem os filmes pra concorrer. Era mais fácil né?! Além disso eu fazia propaganda do Festival. Tinham também as pessoas convidadas pra vir pro Festival: diretor, atores, pessoal técnico, etc... Aí eu levava as passagens para essas pessoas. Não tinha a tecnologia de hoje, né! Tinha que entregar fisicamente a passagem. Eu viajava também pra entregar alguns prêmios. Alguns dos Festivais que eu dirigi, eu instituí um concurso de cartazes. Por exemplo, o Ziraldo participou com um cartaz para o filme ‘O homem que comprou o mundo’. E ele ganhou. Então, eu tive a incumbência de viajar ao Rio de Janeiro para entregar o prêmio pro Ziraldo.”⁸⁹

Contudo, suas atividades na área do cinema em Brasília foram

muito além de promoção de festivais. Atento à sua formação, em 1968 viaja a Belo Horizonte a fim de proceder a estudos junto ao Iº Festival do Cinema Brasileiro de Belo Horizonte.⁹⁰ Frequentou, no Rio de Janeiro, o curso do Instituto Nacional do Cinema Educativo do Ministério de Educação e Cultura, “para atividades relacionadas à técnica cinematográfica e pesquisas audiovisuais no ensino,”⁹¹ além de participar, em São Paulo, do “Encontro de Pesquisadores do Cinema Brasileiro”⁹² em 1971, e do “Seminário: Novo Cinema Americano”⁹³ em 1972. Participa do “IVº Encontro Nacional de Escritores”⁹⁴ (1971), e do “Simpósio sobre Literatura Brasileira”⁹⁵ (1972). Frequentou em 1973, na Universidade de Brasília, o “Curso de Extensão sobre o Expressionismo Alemão no Cinema.”⁹⁶

Seu zelo para com sua formação como crítico de cinema e a expertise adquirida como fomentador do cinema em Brasília, levou-o a ser designado como representante da Fundação Cultural do Distrito Federal para compor a Comissão Coordenadora do III Festival do Filme Brasileiro de Curta Metragem (1968),⁹⁷ no cargo de 2º Secretário da 1ª Mostra Internacional do Cinema Novo – Bienal de São Paulo,⁹⁸ e em 1971 é escolhido para participar na qualidade de membro do júri internacional do XXI Festival Internacional de Cinema de Berlim.⁹⁹ O premiado naquele ano com o Urso de Ouro foi o filme italiano “O jardim dos Finzi-Contini” – do ator e diretor italiano Vittorio De Sica. “Neste Festival eu votei no nosso filme brasileiro: ‘Como era gostoso meu francês’. Agora, veja só, um festival que tinha, entre outros, De Sica, nós não tínhamos muita chance. Mas eu fui lá defender o nosso filme brasileiro, do Nelson Pereira dos Santos e lutei por esse filme. De fato o nosso filme era muito interessante, muito bom, mas não tinha condições de derrotar De Sica e outros né?!”¹⁰⁰

Participou, ainda, como membro do Conselho Superior de Ci-

nema do Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro e como representante em Brasília da Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.¹⁰¹

Foi assessor geral do Conselho Nacional de Cine Clubes,¹⁰² presidente da Federação Centro-Oeste de Cineclubes e primeiro secretário do Clube de Cinema de Brasília.^{103a}

O tema “Clube de Cinema de Brasília” retornou no final de 2018 quando, o zelo em buscar resgatar suas memórias, principalmente para aqueles fatos em que era protagonista, foi demonstrado mais uma vez em uma de nossas últimas reuniões de revisão, naquele movimento entre oralidade e escrita que fundamentou este texto biográfico. Estava convencido de que não haveria mais nada a acrescentar, até porque a data de seu aniversário – 5 de novembro - estava se aproximando e eu precisava ainda imprimir e encadernar os exemplares que seriam entregues na celebração dos seus 90 anos, que o Arquivo estava preparando.

Cabe aqui ressaltar que, os nossos últimos encontros de revisão e reescrita deste texto foram acompanhados pela ajuda constante do filho, Joaquim Pedro. Releu com seu pai todo o texto e disciplinadamente datilografou todas as dezenas de sugestões e correções. Quando eu chegava na residência, tudo estava organizado com a indicação específica das páginas onde haveria mudanças, além de, por debater com seu pai, trazer novos temas e aprofundar outros. Às vezes, enquanto reescrevia o texto e tinha alguma dúvida, eu enviava a ele uma mensagem pelo aplicativo de texto e voz chamado *WhatsApp*, e Joaquim Pedro rapidamente conversava com Walter Mello e me encaminhava as respostas.

Naquele 24 de outubro de 2018, ao chegar no apartamento de Walter Mello, sentamos ao redor da mesa de vidro da sala de estar. Após concordar com as últimas mudanças feitas, assinaladas com um grande

OK em cada página reescrita que havia lhe entregue anteriormente, ainda sentado, colocou sua mão direita em meu ombro e olhou diretamente para mim: “Olha, Elias, o Joaquim Pedro já me avisou. Sei que temos que terminar o texto. Pode deixar!”^{103b} E completou com aquela frase mágica que sempre trazia uma novidade para esse texto biográfico: “É que eu quero muito fazer referência a mais uma coisa”.^{103c} Em seguida completou com o tema da vez: “É sobre o Clube de Cinema de Brasília e o Cine Cultura”.^{103d} Tirei o celular do bolso, pois não estava apetrechado com o gravador digital profissional e pedi um instante enquanto ligava o gravador de voz do meu velhinho smartphone Samsung.

Fiz um gesto com a cabeça de que estava preparado e ele começou a falar: “O Clube de Cinema de Brasília teve uma importância muito grande em Brasília na parte de divulgação da cinematografia. Eu quero muito fazer uma referência a esse trabalho porque estive participando diretamente de sua criação e das atividades que lá nós desenvolvíamos. O Clube de Cinema de Brasília foi fruto do idealismo e do amor à arte do cinema do Rogério Costa Rodrigues, que nos deixou tão cedo, do Geraldo Sobral Rocha e de eu, Walter Mello. Inclusive gostaria de lembrar das memoráveis sessões semanais de cinema, na Escola Parque da 508 Sul, coordenadas pelo Paulo Emílio, que era professor de cinema na UnB. Mas daí, não me lembro o porquê, parou de passar filmes. Daí, tanto eu, como o Geraldo e o Rogério, gostávamos muito de cinema... e sentimos muito a falta de uma espaço em que a gente pudesse continuar a assistir os filmes que nós gostávamos e que também teria aceitação para as pessoas que, como nós, não tinham oportunidade de ver certos filmes”.^{103e}

Deu uma parada e eu engatei uma pergunta. E onde os membros do Clube de Cinema de Brasília se reuniam: “Os membros do Clube de Cinema de Brasília se reuniam na casa do André Reis e dona

Zilah. Lá era nossa sede. A gente se reunia lá porque era em frente à Escola Parque, perto do Cine Cultura né, além da profunda amizade que eu tinha com o André e com a Zilah. A gente se reunia na sala da casa deles: era eu, o Geraldo Sobral Rocha, o Rogério Costa Rodrigues, a Cleide, sobrinha da Zilah, o André Reis e a Zilah. Pretendíamos ficar por dentro das novidades, conversar sobre os filmes atuais e, principalmente, assistir bons filmes. Nós dividíamos as tarefas e cada membro do cine clube ficava responsável por um diretor, por um filme... e devia pesquisar e correr atrás do que estava sendo produzido e exibido”.^{103f}

Enquanto estava falando, surpreendeu-me a facilidade com que as lembranças vinham. Percebi que, mais do que memórias, havia uma conexão afetiva entre Walter Mello e as atividades do Clube de Cinema de Brasília. “O Clube de Cinema de Brasília foi muito importante para Brasília porque nós damos a possibilidade de as pessoas poderem frequentar uma programação de filmes de alta qualidade cinematográfica. Durante todo o mês, o Cine Cultura passava os filmes de programação comercial. Aí, nós, com o cine clube, uma vez por mês, fazíamos a projeção de filmes sob a curadoria nossa. Não podia ser no final de semana porque neste período o cinema tava reservado para as sessões comerciais. Nós escolhíamos os filmes que tivessem melhor evidência e qualidade do diretor, do roteiro... mas principalmente dos grandes diretores daquela época”.^{103g}

E onde aconteciam as sessões dos filmes escolhidos pelo Cine Clube de Brasília, perguntei: “Ah, era responsabilidade do Clube de Cinema de Brasília a curadoria da programação dos filmes que escolhíamos, uma vez por mês, para passar no Cine Cultura. Infelizmente o Cine Cultura foi desativado para atender interesses de políticos do governo à época. Encerraram o Cine Cultura para colocar uma clínica”.^{103h} Apesar de minhas leituras sobre a história cultural de Brasília, confesso

que eu nunca tinha ouvido falar do Cine Cultura. Inquiri, então, sobre quem era o proprietário do cinema, onde estava situado e como o Cine Clube de Brasília conseguiu a sala para a projeção dos filmes. “O Cine Cultura, pertencia à Fundação Cultural, ficava ali na 507 Sul, ao lado da Escola Parque e, junto com os outros prédios da 508 Sul, formavam um região importante de divulgação cultural. Além de cinema, ali também tinha espetáculos de teatro que a Fundação Cultural trazia. Acho que tinha quase uns quinhentos lugares. A ideia seria formar um espaço cultural que teria cinema, teria Escola Parque, além de ter o que é hoje o Espaço Renato Russo com área para exposições. Ali fizemos sessões magníficas. A coisa funcionava assim: nós tínhamos um contrato com o programador e ele, por sua vez, tinha contato com as empresas distribuidoras de filmes. O programador nos apresentava uma lista de filmes que ele tinha conseguido com as distribuidoras e que estavam disponíveis para aluguel. Nós escolhíamos levando em conta nosso gosto pessoal e também aqueles que nós achávamos que teriam maior aceitação... que seriam de interesse da comunidade que gostava de ver bons filmes, para que o público interessado em cinema de qualidade tivesse oportunidade de assistir... e o programador ficava responsável por alugar. Nós pagávamos a taxa para aluguel do filme e o frete com a bilheteria da própria sessão de cinema. Nunca deu prejuízo. Era um programa fantástico porque nós dispunhamos do cinema do governo e nós podíamos fazer a nossa programação. Eram filmes que dificilmente seriam passados pelas distribuidoras! Eram escolhidos pela diretoria do Clube de Cinema de Brasília, que era eu, o Geraldo Rocha e o Rogério Costa Rodrigues. O Cine Cultura pertencia ao Governo mas era explorado por particulares. Nós percebemos, por meio do contrato, que a Fundação Cultural teria direito a periodicamente usar aquele ambiente com programação cultural. Aí quem ficou encarregado de fazer uso do Cine Cultura foi o Clube de Cinema de Brasília”.¹⁰³ⁱ

E as sessões promovidas pelo Cine Clube de Brasília, como aconteciam? “Geralmente, antes de iniciar a projeção do filme, nós fazíamos uma palestra muito rápida sobre o conteúdo, o diretor... e tem uma coisa que eu quero mencionar e que acho muito importante para mostrar nosso empenho na divulgação de bons filmes. Isso foi na inauguração do Clube de Cinema de Brasília, quando a gente foi se preparar para passar o primeiro filme. Fizemos, então, uma sessão especial num cinema da rede do Abdala Karim Nabut. Não me lembro a localização exata, mas ficava perto do prédio do BRB no Setor Bancário Sul. Na ocasião o Geraldo Rocha, que era o primeiro presidente do Clube de Cinema de Brasília, vendeu o carro dele prá financiar essa primeira sessão. Infelizmente, não me lembro qual foi o filme. Aí, felizmente, a renda das sessões deu para cobrir os gastos... e depois conseguiu comprar de novo o carro”.^{103j}

Entretido que estava com o tema, completei: então vocês do Cine Clube de Brasília estavam oferecendo uma programação alternativa ao cinema comercial em Brasília? “Sim. Nós rompemos com a programação comercial do Cine Cultura para oferecer uma programação diferente. Não havia interesse comercial em passar os filmes que a gente escolhia para as sessões organizadas pelo Clube de Cinema de Brasília. O pessoal que tinha contrato com o governo para usar o Cine Cultura trazia mais filmes comerciais, com apelo maior para o grande público, né! Não havia interesse no tipo de filme que a gente trazia. Nossas sessões atraíam gente que gostava do bom cinema”.^{103l}

Em reconhecimento a todo este trabalho na promoção do cinema, foi homenageado no 46º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, em 2013, com o Troféu Candango. Ao ser comunicado que iria receber a homenagem, comentou a um jornalista: “Ver meu trabalho, anônimo, ser reconhecido vai ser uma das maiores alegrias da minha

vida.”¹⁰⁴ E completou sua fala com um famoso provérbio chinês que ele afirma sempre seguir: “Não deve o general jactar-se das medalhas que lhe ostentam o peito e sim dos obstáculos que teve de transpor para merecê-las.”¹⁰⁵ Em 2018, no ano em que completa 90 anos foi novamente homenageado por ocasião do 51º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro com a medalha Paulo Emílio Salles Gomes.

Contudo, não foi só no cinema que se destacou Walter Mello. Como assessor da Fundação Cultural, competia-lhe o acompanhamento da execução e divulgação de todo o programa cultural da Fundação. Nesse sentido foi designado como responsável pela “Apresentação do Quarteto de Cordas La Salle” (1968)¹⁰⁶. Em 1970, viaja ao Rio de Janeiro a fim de trazer a Orquestra Sinfônica Nacional para as comemorações do aniversário de 10 anos da inauguração da nova capital.¹⁰⁷

Já na década de 1970, pressagiando o importante trabalho que irá desempenhar mais tarde na proteção da documentação histórica da construção da nova capital e no tombamento de importantes marcos históricos de Brasília, “visitou, a convite do governo da República Federal da Alemanha, em 1971, os Museus de Berlim, Frankfurt e Munique, tendo realizado estágio na Exposição Comemorativa dos 500 anos do nascimento de Alberto Dürer.”¹⁰⁸ Participou no Rio de Janeiro (1970), em Salvador (1974) e em Cuiabá (1975) dos colóquios do “Museu de Arte do Brasil.”¹⁰⁹ O X Colóquio do Museu de Arte do Brasil, realizado em Brasília (1976), foi coordenado por Walter Mello. Em 30 de julho de 1973 é designado presidente da comissão que irá proceder ao tombamento das obras de arte que constituem o acervo da Fundação Cultural do Distrito Federal.¹¹⁰

Diante de todo o trabalho realizado como animador das artes em Brasília, em 1974 recebeu “Elogio” do Presidente da Fundação Cultural: “pela dedicação funcional e pelo perfeito espírito de equipe demonstra-

do [...] até a presente data, quando, face ao esforço coletivo, aumentou consideravelmente o interesse do público pelas promoções realizadas sob o patrocínio da Fundação Cultural do Distrito Federal.”¹¹¹

MEMÓRIAS DO GOLPE MILITAR DE 1964

No dia 14 de janeiro de 2017 fui à residência de Walter Mello levar a primeira versão dos apontamentos biográficos que vinha preparando desde o ano anterior. Como tudo era produzido a partir de pequenas conversas informais em almoços, passeios ou visitas em sua residência, suas falas não eram colhidas a partir de um roteiro previamente construído, e pequenas contradições surgiam. Era necessário, portanto, que ele conferisse atentamente todo o texto, fundamentalmente elaborado a partir de suas memórias, e me esclarecesse certos pontos. Além disso, Walter Mello lapidava e modificava certas frases que havia me dito espontaneamente, as quais, depois de colocadas neste texto, nem sempre expressavam adequadamente o que queria dizer. Como afirmei no subtítulo desses apontamentos biográficos, foi um trabalho construído entre a oralidade e a escrita.

Como no ano anterior havia comentado com ele a possibilidade de entregarmos seus apontamentos biográficos no aniversário do Arquivo Público que ocorreria no mês de março de 2017, logo após nos sentarmos ao redor de sua mesa circular com tampo de vidro, descartou incisivamente a proposta: “Acho que primeiro deveria ter havido uma discussão maior comigo sobre essa ideia de lançar a minha biografia.

Mas sei que vocês estavam querendo me homenagear. Vou pedir encarecidamente: se não dá para a gente adiar para o ano que vem? Veja bem! No ano que vem, em 2018, se eu estiver ainda vivo, estarei completando 90 anos e gostaria que essa homenagem fosse feita no meu aniversário.”¹¹² Terminado o “puxão de orelha”, olhou para mim com afeto e completou com um sorriso zombeteiro: “Se eu não estiver vivo, fazem uma homenagem póstuma... e seu eu estiver vivo, melhor ainda!”.¹¹³

Sensibilizado e ao mesmo tempo achando genial a ideia de lançar os apontamentos biográficos na comemoração de seus 90 anos, puxei para mim toda a responsabilidade do cronograma imposto e pedi desculpas, batendo duas vezes com a mão fechada no peito, como antigamente se fazia ao rezar o Confiteor: “mea culpa, mea maxima culpa”. Comentei que a proposta dos apontamentos biográficos fora uma iniciativa minha, levada à frente como uma missão pessoal e com todo o apoio do Arquivo Público do Distrito Federal... e que, talvez, exatamente por isso, pequei ao impor uma data sem o devido diálogo.

Nem bem tinha terminado minhas desculpas, Walter Mello olhou-me compreensivo e comentou: “Porque, inclusive, tem mais uma coisa que eu vou narrar agora, que é importantíssimo”.¹¹⁴ Depois de tantas memórias partilhadas em pílulas, sempre com novos aspectos de sua singular história pessoal, não me surpreendi com sua frase, apenas fiquei curioso por saber qual seria o tema desta vez.

E foi assim, então, no dia que eu ia entregar a primeira versão do texto de seus apontamentos biográficos para as correções e acréscimos, que Walter Mello me narrou sua participação nos primeiros dias do Golpe Militar de 1964. “Com relação a março de 1964, é o seguinte. Por causa de minha função na Fundação Cultural eu realizava certas atividades em parceria com algumas Embaixadas ou representação de

alguns países. Na época não tinha ainda todas as embaixadas, mas todas tinham representação aqui em Brasília. Com a Embaixada da Alemanha eu tinha trazido a Orquestra Sinfônica de Bamberg. Aí, certo dia, o secretário da Embaixada de Cuba, Jacinto Vaz de La Garça, que na época era só um escritório de representação de Cuba, me falou: ‘Walter, como você é nosso amigo e conhece nossa comunidade, eu queria que você ficasse aqui hospedado com a gente para que possamos fazer contatos para desenvolver atividades culturais em Brasília’. Ele queria que eu desse consultoria na área cultural. Tudo bem, fui e fiquei hospedado lá. Aí eclodiu o golpe... e eu estava hospedado na representação diplomática de Cuba aqui em Brasília. Logo nos dias seguintes, um pessoal da Fundação Cultural que estava descontente com o golpe começou a recrutar pessoas para fazer a resistência”.¹¹⁵

Curioso, me meti em suas lembranças e perguntei sem dar-me conta da imprudência do que inquiria: “O senhor lembra de algum nome?”. Ao que ele me respondeu sério: “Eu não vou citar nenhum nome, não!”¹¹⁶ E continuou: “Eu fui então lá, ao Teatro Nacional, e me inscrevi. Eu assinei uma lista para preparar as pessoas que iriam lutar contra aquela situação. Na época o Teatro não estava ainda terminado. Mas você imagina a loucura. Para se inscrever nesse grupo para combater a ditadura a gente tinha que deixar um documento. Bem, eu me inscrevi e comecei a fazer parte de um batalhão. Quem comandava o batalhão era o servente da Fundação Cultural que fora indicado porque tinha o certificado de reservista. Maravilha, democracia. Éramos umas vinte pessoas. Aí então, fomos almoçar no Restaurante do GTB, na W3, onde está a Biblioteca Demonstrativa, hoje. Na época o Grupo de Trabalho de Brasília tinha um restaurante ali. De lá nós fomos para a 912 [Sul] que é onde ainda hoje funciona o Clube dos Previdenciários. Como eu não tinha feito serviço militar eu não tinha experiência com armas. No trajeto para lá, quando eu passo de caminhão na W3 com os

recrutas, eu vi o Paulo Emílio e nos acenamos.”

Parou de falar e olhou para fora do apartamento pela janela que ficava ao lado da mesa. Confesso que fiquei surpreso. Na imagem que havia construído de Walter Mello, não conseguia vê-lo empunhando uma arma. Muito menos ainda tentando atirar em alguém. Parece que ele leu meus pensamentos, porque se voltou para mim novamente e comentou: “Imagina só a loucura, então? Esse pessoal não tinha qualificação para empreender uma luta armada!”¹¹⁷ E tornou a olhar através da janela, pensativo.

Como acontece nestas circunstâncias, costumo repetir algo que estava ouvindo para ajudar o interlocutor concatenar as ideias e voltar ao raciocínio. “Poxa, Seu Walter, então vocês estavam formando um grupo de resistência. E o que foram treinar lá no Clube dos Previdenciários?”

Encarou-me e deu um leve sorriso. E quem já conviveu com o Walter Mello sabe que seu sorriso é bastante eloquente quando comenta uma situação que considera despropositada, ou quando quer contar algo que considera jocoso. E foi em tom quase de brincadeira que narrou o absurdo da situação em que se meteu. “Pois é, começamos o treinamento. O sujeito com uma espingarda de madeira pra instruir aqueles que não tinham o menor conhecimento de armas. Uma espingarda de madeira para explicar teoricamente como deveríamos manobrar um fuzil de verdade.”¹¹⁸

Depois desse comentário, contudo, ficou sério e continuou: “Bom, aí ouvimos o discurso do Jango, lá no Rio Grande do Sul. De repente alguém nos comunicou: ‘O DOPS está por perto, vamos debandar. Então nós saímos pelos fundos e eu voltei para a Embaixada de Cuba, onde já estava hospedado. Cheguei com a calça toda cheia de

carrapichos porque eu me meti pelos matos, né! Na época tinha uma namorada que eu era muito apaixonado e comecei a trocar algumas ideias com ela do que fazer. Daí, naquele contexto de insegurança e com medo de alguma represália, o Secretário da representação de Cuba aqui em Brasília, Jacinto Vaz de La Garça me ofereceu uma importância, que eu não aceitei, para cobrir a passagem para eu viajar para Cuba, via México.”¹¹⁹

Deu uma breve parada e eu, que já não me segurava mais de tanta curiosidade, temendo que ele mudasse de assunto, perguntei-lhe: “E por que o senhor não aceitou a proposta?” Revelando certo desapontamento na voz pela pergunta impertinente e como a me repreender por não supor qual seria a decisão correta que ele tomaria numa circunstância dessas, respondeu: “Mas como é que eu ia tirar um passaporte naquele momento para fazer uma viagem dessas? Não ia conseguir, porque havia repressão muito grande. Eu ia ser inquirido, com certeza. Iam pensar que eu estaria fugindo de alguma coisa, né! Ainda mais porque eu tava hospedado na representação de Cuba, eles iam pensar: ‘Esse cara deve ter alguma relação ou informação sobre Cuba’. E é no início do Golpe... o pessoal tava prendendo e caçando Deputados!”¹²⁰

Intuí que seu desapontamento foi mais pelo teor de minha pergunta, a qual dava margem para supor que ele pudesse fugir. E fuga de uma situação difícil não fazia parte de sua personalidade. Em todas as memórias que partilhou em relação à vida difícil que levou até se estabilizar profissionalmente como Assessor da Fundação Cultural, em nenhum momento deixou de lutar por aquilo em que acreditava. E, de fato, parece que essa interpretação de sua insatisfação em relação à minha pergunta tinha certo fundamento, pois, depois de um breve momento, completou: “Mas é que eu queria mesmo ficar aqui, pra ver o que aconteceria e como é que eu podia colaborar”.¹²¹

Interessante como às vezes, a curiosidade pode nos tornar insensíveis, não intencionalmente é claro, na elaboração de uma pergunta. E em tais circunstâncias podemos até perder a confiança de um interlocutor. Sorte a minha que não foi esse o caso. Aproveitando o serenar dos ânimos, perguntei-lhe: “Então o senhor voltou para a representação de Cuba. E o que aconteceu depois?” Fechou os olhos várias vezes com um forte aperto das pálpebras e continuou. “Fiquei uns quinze dias ali na representação de Cuba. Mais tarde consegui que um carro da Embaixada da Tchecoslováquia me pegasse e levasse para a casa de minha sobrinha que morava na 208 [Sul]. Isso foi lá pelo dia dois de abril de 1964. Então, foram essas as minhas primeiras atividades logo depois do Golpe. Imagina só! Brasília não tinha nenhum grupo organizado naquele momento, a resistência de Brasília era essa: nós treinando com arma de madeira. O cerne da questão é o seguinte: A direita se preparava há muito tempo. Quando eles deram o Golpe, a coisa estava consolidada. Então, a resistência aqui em Brasília era essa. Lá no Rio Grande do Sul, não! Lá o Brizola fez uma preparação, uma resistência muito grande.”

122

Até esse momento, Walter Mello havia relatado suas atividades em torno dos primeiros dias do Golpe. Como já havia descrito a tentativa de criar um grupo de reação armada que, entretanto, havia malogrado, me interessava saber o que aconteceu em longo prazo. Questionei-lhe e ele respondeu: “Houve, no início, logo depois do Golpe, uma paralisação na Fundação Cultural, mas depois as atividades voltaram ao normal. Não mexeram muito com a gente, não! E eu continuei fazendo meu trabalho de intercâmbio, de música, de teatro. E aí, o que é que aconteceu? O documento que eu e os outros tínhamos assinado lá no Teatro Nacional para o recrutamento da resistência ao Golpe foi parar no Sindicato dos Bancários que funcionava lá na W3 [Sul]. Deve ter parado lá porque o pessoal dos bancários tava envolvido também,

era um pessoal de esquerda, né! Nossa sorte que uma pessoa era nosso companheiro, o Coronel Cairolí. Ele pegou esse documento e destruiu. Se os militares pegassem esse documento, tava todo mundo ferrado. Iam falar: ‘olha, esses aqui se inscreveram para combater as forças democráticas’. Veja só o primarismo da coisa, né?! De minha parte era idealismo. Uma mistura de idealismo com utopismo. Bom, agora era esperar para ver o que acontecia.”¹²³

O fato de ter se hospedado na representação de Cuba na exata ocasião do Golpe, apesar de não ter tido relação direta com aquele evento, pois havia sido um convite do representante do Estado cubano, levou-me a perguntar se havia tido alguma consequência para ele. Recordou que “desse período eu esperava ter algum problema por causa de ter me hospedado na Embaixada de Cuba, mas nunca fui incomodado. Só uma vez, depois do Golpe consolidado, eu soube por um amigo meu, que trabalhava na Secretaria de Turismo e que era filho de um Senador, que havia uma acusação contra mim: que eu era amigo dos músicos da Tchecoslováquia”.¹²⁴ Deu de novo um daqueles seus sorrisos a indicar o absurdo da acusação e continuou: “Isso porque vinha a orquestra, e devido ao meu cargo na Fundação Cultural, era eu que articulava, na imprensa e nos ensaios... eu tava sempre com eles, né?”¹²⁵

Aproveitei a deixa sobre o tema e perguntei-lhe: “Então, houve interferência nas atividades da Fundação Cultural?”. Ao que comentou: “É que esse pessoal dos militares que fazia a censura era muito sem qualificação, né! Quando o Vianinha no Rio de Janeiro apresentou a peça Sófocles, o pessoal teve lá procurando o subversivo Sófocles. O livro ‘O Vermelho e o Negro’ do Stendhal foi censurado!”¹²⁶ E narrou então uma estratégia que usou para, como disse ele, “dentro do possível”, trazer eventos culturais que expressassem uma crítica à situação política daquele momento: “Uma outra vez eu consegui trazer um grupo

que tinha ideias contra o Golpe: o Teatro Arena de São Paulo. Na época eles estavam apresentando uma peça de Gorki, ‘Pequenos Burgueses’. Foi na época do primeiro ditador, o Castelo Branco. Eu usei uma estratégia. O Castelo Branco gostava muito de teatro. Ele tinha assistido a peça em São Paulo ou no Rio, não me lembro bem. Eu aproveitei isso como argumento para trazer o Grupo Arena. Aí eu fiz um parecer e encaminhei ao Conselho da Fundação Cultural dizendo: ‘inclusive o Presidente Castelo Branco já assistiu a peça’. Então, em plena ditadura eu consegui trazer um grupo que tinha ideias contra o Golpe... e foi um sucesso.”

Antes de dar o sinal de que estava na hora de me retirar porque tinha que fazer outras coisas, Walter Mello terminou o tema contando mais um fato: “Tinha um pianista, o Arthur Moreira Lima, que era amigo meu. Ele era casado com a filha do Presidente do Supremo Tribunal Federal. Ele veio e tocou na Escola Parque e o Presidente Castelo Branco foi no espetáculo. O Arthur é um cara muito piadista e comentou comigo: ‘Walter, será que se eu tocar uma peça musical feita somente para ser tocada com a mão esquerda ele vai mandar me prender?’”¹²⁷ ... e completou: “Tá bom, tá bom! Por hoje tá bom.”¹²⁸

Me despedi, e ao descer as escadas me alegrava interiormente pela sorte de ter conseguido, depois de mais de um ano de pequenas conversas, resgatar mais um momento importante da vida de Walter Mello e da história do país. Enquanto dirigia de volta ao Arquivo Público do Distrito Federal dei-me conta de que tanta coisa da vida desse importante promotor das artes de Brasília teria se perdido se não tivéssemos ousado importuná-lo para que partilhasse suas memórias. Estava convicto de que é também missão do Arquivo Público guardar a memória daqueles que consolidaram Brasília. E Walter Mello representava como ninguém essa missão, como testemunhou certa vez: “Renasci e

me realizei com Brasília e ter podido participar com um tijolinho na parte da preservação da memória da cidade me faz muito feliz. Aqui encontrei o sentido da vida. Brasília é minha história.”¹²⁹

DIRETOR EXECUTIVO DA FUNDAÇÃO CULTURAL

O esforço e empenho, durante tantos anos, no exercício de suas atividades na Fundação Cultural de Brasília destacaram a pessoa de Walter Mello no ambiente cultural de Brasília. Ficou evidente tal importância pelo fato de ter exercido, entre 1966 e 1970, várias vezes a função de “substituto do Diretor Executivo da Fundação Cultural do Distrito Federal”,¹³⁰ e em 1971 foi designado para responder pelo Diretor Executivo da Fundação Cultural do DF “em seus impedimentos eventuais.”¹³¹ Portanto, pelas novas responsabilidades assumidas é possível perceber que a partir de 1970 já era considerado seriamente para a função de Diretor da Fundação Cultural.

A ocasião apareceu quando voltou do Festival de Berlim, em meados de 1971: “Eu cheguei de Berlim e tinha um funcionário chamado Mário Branco que foi me receber no Aeroporto de Brasília. Daí eu achei estranho e ao mesmo tempo simpático ele ter ido me receber. Quando entramos no carro ele começou a me falar: ‘Olha, Walter, o Comandante Henning se demitiu. Então, nós queremos que você assumira’. O próprio Henning queria que eu assumisse. Fui então falar com o general que era o Secretário da Cultura de então. Aí eu disse: ‘Olha, General, eu não tenho muito interesse...!’ É que nós estávamos num pe-

riodo de ditadura. Aí eu sugeri que fosse convidado o professor Rosalvo Cruz. Ele já participava do Conselho da Fundação Cultural e era professor da Fundação Educacional. O general não aceitou a minha sugestão e disse: ‘Não! O senhor vai assumir’. O próprio Comandante Henning me apoiou também. Aí, tudo bem, eu aceitei a função de Diretor Executivo da Fundação Cultural.”¹³²

Ao cotejar esse relato de Walter Mello com o período em que ficou na Direção Executiva da Fundação Cultural, achei estranho o fato de ter ficado no cargo por apenas um mês. Voltei à casa dele e levei a ele essa minha constatação. Curiosamente, não deu maiores detalhes. Disse apenas: “Eu fiquei como Diretor no tempo que eu volto de Berlim, até a tragédia. Depois continuei na Fundação Cultural como assessor. Só que não tinha mais condições de ser Diretor Executivo. Quem me substituiu foi o professor Rosalvo Cruz, que eu já havia indicado, quando me escolheram para Diretor Executivo da Fundação Cultural.”¹³³

Havia algo estranho ali. Anotei em meus apontamentos: perguntar sobre essa tal “tragédia”. Sabia que ali tinha algo importante e que estava ligado diretamente ao pouco tempo que ficou na Direção da Fundação Cultural. Minha experiência com Walter Mello sugeriu para não insistir naquele momento. Fiz bem, porque não precisei esperar muito tempo para conhecer os detalhes de sua passagem meteórica pela direção da Fundação Cultural, como poderá ser constatado logo em seguida.

“Uma chaga no meu coração”

Certo dia, muito cedo, sabendo de minha preocupação em elaborar uma pequena biografia de sua longa vida, Walter Mello telefonou ao Arquivo Público do Distrito Federal e me convocou: “venha aqui em casa. Tenho algo urgente para comunicar.”¹³⁴ Tinha consciência de que

a minha insistência em criar ocasiões para tentar ouvir suas memórias talvez lhe tivesse tirado a paciência. Pensei comigo: ‘acho que estou abusando da bondade do Seu Walter’. Por causa do incisivo convite para ir à sua casa, saí do Arquivo preparado para pedir desculpas e durante o trajeto fui construindo mentalmente argumentos para convencê-lo de que o Arquivo Público precisa ter uma biografia daquele que lutou pela sua criação e foi seu primeiro Superintendente.

Mas logo ao chegar a seu apartamento, na Quadra 415 Norte, percebi que o problema não era a respeito de nossas constantes conversas. Manifestou-me que tinha medo de, por causa de sua idade avançada e de sua memória que começava a fraquejar, deixar de lado certas pessoas e fatos importantes e também alguns de seus desejos.

Foi assim que no dia 24 de fevereiro de 2016, por causa de seu convite-convocação, me encontrei caminhando com Seu Walter em direção ao Parque Olhos d’Água. A manhã estava linda, e o sol, apesar de forte, era filtrado pela bela vegetação. Como eram apenas 9h45min, a temperatura estava bastante amena e uma suave brisa, levemente fria por causa do microclima do parque, chegava até nós. Sentamos em um banco com pés de concreto e assento em madeira. Ao sentar, procurei a posição de quem fica ao lado direito. Curiosamente, pegou-me pelo braço e me passou para o lado esquerdo. Não deu maiores explicações, apenas comentou: “Não gosto de conversar com as pessoas estando do meu lado direito.” Também não inquiri de sua atitude, apenas supus que fosse por causa de seu aparelho auditivo.

Mudada a posição no banco, logo começou a falar a respeito de uma chaga que carregava em seu coração: “Na Fundação Cultural, cheguei num precipício que pouca gente tem conhecimento. Houve uma tragédia da qual eu fui vítima.”¹³⁵ Ao ouvir a palavra “tragédia”, logo recordei-me da última conversa que havia tido com ele, na qual a pa-

lavra “tragédia” havia aparecido, sem que Walter Mello desse maiores informações sobre seu significado. Mas não consegui divagar muito, porque logo em seguida começõu a falar novamente.

Ressaltou que não gostaria que sua biografia fosse tornada pública sem que ele manifestasse sua mais profunda homenagem a duas pessoas que haviam sido assassinadas quando assumiu a Direção da Fundação Cultural do Distrito Federal. Fiquei sobressaltado. Apesar de viver há mais de uma década em Brasília e ter ficado bastante próximo do “Seu Walter”, nunca tinha ouvido falar de nenhuma tragédia que o envolvesse; ainda mais ligada a assassinatos. Curioso, fiz uma reverência, como que a dar-lhe sinal para falar.

“Em 1971, eu era um assessor da Fundação Cultural de Brasília e estava na Alemanha participando como membro do júri do Festival de Berlim, um dos mais importantes festivais de cinema do mundo, junto com o Festival de Veneza e outros. E quando eu voltei, tinha um funcionário que era meu amigo, trabalhava na parte administrativa, e me confidenciou: ‘Walter, o Comandante Henning saiu’. O Henning era o Diretor da Fundação Cultural. Ele era comandante da Marinha, aposentado. Aí, então, o **Mário Branco** me disse que eles queriam que eu assumisse a Direção da Fundação Cultural. Eu era apenas um assessor e coordenava as atividades culturais. Imagina só! Em plena ditadura. Disse que ia pensar. Pensei comigo: trabalhar na ditadura eu já trabalho porque sou um funcionário de carreira. Se fosse pra administrar um órgão repressor ou então de torturadores, eu não aceitaria. Mas era um órgão cultural e eu teria oportunidade ainda de fazer trabalhos na área cultural de Brasília. Eu aceitei. Aí então fizemos um festival de cinema maravilhoso. Na ocasião eu até criei um novo troféu que era o Buriti de Prata que premiava outras categorias, não o prêmio principal. Era uma placa. Além disso, realizei um encontro nacional de escritores. Também

foi um sucesso. Depois destes eventos, chegou a denúncia de que um funcionário, que era um fuzileiro naval, que tinha sido trazido ainda no tempo do Comandante Artur Azevedo Henning, portanto, da administração anterior à minha, estava desviando coisas da Fundação: gasolina e outras coisas mais. Então eu disse: vamos abrir uma comissão de inquérito para averiguar se isso era verdade. Aí eu fiz um documento solicitando o inquérito e deixei sobre minha mesa. Naquela época a Fundação Cultural ficava ali na região dos hotéis sul, onde tinha uma antiga feira que foi desativada. Como a Fundação Cultural não tinha pra onde ir, fomos pra lá. Era tudo aberto. Mais tarde, numa reunião, esse homem chega de revólver, entra, atira, e mata dois colegas, meus amigos: uma moça, a Gilda Saraiva, assessora de imprensa e que tinha filhos gêmeos, e o Antônio Augusto, que era coordenador do Festival de Cinema de Brasília... e feriu outros. Eu tava na mesma sala. Aí eu saí correndo e ele saiu atrás de mim, e atira. A bala passou aqui no pescoço e, felizmente, não atingiu a carótida. Quem me salvou foi a filha desse sujeito. Depois de dar dois tiros em mim, a filha dele se agarrou com ele. Era um militar, preparado. Infelizmente morreram dois. Foi uma chacina. E a filha dele eu tinha admitido no Festival do Cinema. A gente contratava jovens pra recepcionistas, e ela foi uma das contratadas. E foi ela que me salvou. Eu não posso me omitir de contar esse fato porque eu estaria traindo a memória dessas pessoas. E até hoje eu trago uma chaga no meu coração por causa dessas pessoas. Eram funcionários dedicados, amigos, e aí, por um longo período, minha vida acabou. Se eu não colocar, em minha biografia, esse fato, eu estaria traindo a memória das pessoas que morreram naquele dia.”¹³⁶

Os servidores cuja homenagem Walter Mello quer fazer são:

- Gilda Saraiva de Castro Chaves: nasceu em Juiz de Fora – MG, em 2 de fevereiro de 1941. Filha de Silvestre Cupertino Rodrigues e Ma-

ria Diva Saraiva Rodrigues. Casou com Luiz Otávio Caldas de Castro Chaves, com quem teve três filhos: Marcelo Saraiva de Castro Chaves – 16/2/1969, Bruno Saraiva de Castro Chaves – 16/11/1970 e Luciana Saraiva de Castro Chaves – 16/11/1970. Foi admitida na Fundação Cultural do Distrito Federal em 20 de fevereiro de 1968. Faleceu no Hospital de Base no dia 2 de setembro de 1971.

- Antônio Augusto Guimarães Fernandes de Abreu: nasceu no Rio de Janeiro – RJ, aos 23 de abril de 1939. Filho de Carlos Augusto Fernandes de Abreu e Lorena de Carvalho Guimarães de Abreu. Foi admitido em 17 de julho de 1966, por meio de concurso público, na Prefeitura do Distrito Federal. Em 1967 foi requisitado para trabalhar na Fundação Cultural do Distrito Federal. Solteiro, faleceu no Hospital de Base no dia 2 de setembro de 1971.

Por fim, pediu-me que constasse nesse texto biográfico o artigo do jornalista Clóvis Sena, “Dimensão dos atingidos”, publicado no Correio Braziliense, em 12 de setembro de 1971, que expressa uma justa homenagem aos dois servidores.

Dimensão dos atingidos

Clóvis Sena

Conheci Walter Mello, o diretor executivo em exercício da Fundação Cultural, logo após minha vinda para Brasília, em 1960: em muitas reuniões lá estava ele, interessado, a debater a necessidade de se fazer algo em favor de uma atividade de cultura artística estável na recém instalada Capital. Ele, que veio a ser um dos principais artífices dos vitoriosos Festivais de Cinema de Brasília, teria de ser lembrado e chamado para prestar serviço no local apropriado, que é a Fundação

Cultural do Distrito Federal. Não é por outro motivo – o do zelo e da seriedade no trato de assuntos dessa ordem – que seu nome extrapolou de Brasília, sobre naturais e possíveis pretendentes do eixo Rio-São Paulo, para ser, como o foi, membro do júri do último Festival Internacional de Cinema de Berlim.

Essas lembranças afloraram quando se me deparou, na gaveta de minha mesa de serviço, na redação, uma fotografia que Gilda Chaves me enviara, para possibilidade de aproveitamento na coluna de Cinema, sobre o filme UM HOMEM A MAIS, de Costa-Gavras. No dia em que viria morrer, ela telefonou-me, perguntando se poderia mandar buscar a foto – já que não fôra utilizada – de vez que pretendia devolvê-la à companhia distribuidora do filme. Tanta coisa terrível, porém, ocorreria. Duas pessoas morreram – conforme todos sabem – duas feridas, sendo que o bom Renato, antes em estado grave, reage bem, e convalesce.

E ocorreu-me dizer algo, dentro de minha perspectiva, sobre a riqueza humana dos que se foram.

Antônio Augusto, por exemplo, era o assessor de teatro, efusivo, animado de bons propósitos, com capacidade de adesão total às boas causas. Esteve, antes da fase da Fundação, integrado nas tentativas de se fazer teatro também aqui em Brasília, e com ele Sylvia Orthof sempre contou, nos tempo de CRISTO VERSUS BOMBA.

Sofria quando porventura a Fundação não acertava na contratação de determinada peça, como também sentia uma ponta de orgulho quando um bom espetáculo era montado por sugestão sua. E perguntava-me, cioso da resposta favorável: “Que tal?” A última informação que me deu foi acerca de HOBIN WOOD, que meninos de Taguatinga estavam levando.

- Essa você tem de ver – disse-me. É notável a leveza do espetáculo e também ver-se aqueles garotos representando de gentis-homens da Inglaterra da Idade Média.

Sobre Gilda, ocorreu no nosso conhecimento apenas isto: entendíamos dezenas – talvez centenas de vezes, pelo telefone – e nunca a vi pessoalmente. Ocorre que lhe conhecia a aura de eficiência e interesse pela ativação de movimentos culturais. Sempre que queria uma complementação de informação, para o noticiário referente às atividades da Fundação, e que não encontrava o Walter, lembrava-me logo da legenda que cercava Gilda, e não falhava. Seu plano mental era o melhor possível, e tudo saía satisfatoriamente.

O importante em Gilda, é que ela amava o serviço a que se dedicava: ela não era sua secretária, conforme o noticiário de rotina referente à sua morte. Ela era, sim, a criatura apta e pronta para serviços de maior envergadura, e embora não fossem razoáveis os seus vencimentos, sentia-se compensada em atuar num campo em que, do lado de outros seus admiráveis colegas, podia fazer, com gosto, algo para coletividade em que vivia. Uns dias antes de sua morte, levava, ela, à Sala de Conferências do Setor Cultural (um prédio pequeno atrás da Torre), levava Cosme Alves Neto, diretor da Cinemateca do Museu de Arte Moderna da Guanabara, a fim de que, com sua experiência, indicasse um tipo de projetor de 16 mm ideal para exposições cinematográficas ali. Cosme indicou um, de fabricação alemã, como também a melhor tela. Ela fez logo o ‘croquis’ de tudo, acrescentando: ‘Precisamos fazer desta sala um ponto de encontro diário de Brasília, para cinema, apresentações de pequenos conjuntos de música, palestras’. E na véspera – porque estivesse fazendo poeira, na Fundação, que se mudava para novo prédio na Avenida W3 – ela que não era de perder tempo, deslocou-se para o Teatro

Martins Pena, com Walter Mello, a fim de esquematizar providências com vistas ao VII Festival de Cinema de Brasília. Gilda, conforme definição de Rogério Costa Rodrigues, era uma jovem mulher, nascida em Juiz de Fora, criada no Rio de Janeiro, e realizada em Brasília, cidade que amava, pela qual lutava e onde se sentia com dinamismo para trabalhar, criar três filhinhos, e ainda fazer um curso universitário noturno.

Foram essas duas pessoas, úteis e maravilhosas, que a cidade perdeu, e sobre as quais, mesmo com esses poucos elementos, senti o desejo de mostrar algo da imensa dimensão humana e comunitária que possuíam. Porque, afinal, eles eram muito mais: estavam para além de um número de carteira de identidade e da designação técnica da função de serviço.

DIRETOR DA DIVISÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO DISTRITO FEDERAL

Em 1975, o Embaixador Wladimir do Amaral Murtinho assumiu a Secretaria de Educação e Cultura do Distrito Federal. “Frente à Secretaria, no final do período da ditadura,¹³⁷ foi o responsável pela consolidação do Festival de Cinema de Brasília e da Escola de Música, pela reativação do Teatro Nacional e da Sala Martins Pena e pela criação da Sala Alberto Nepomuceno – espaços que possibilitaram o funcionamento da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional, hoje Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Cláudio Santoro, e deram impulso à dança e ao teatro no Distrito Federal.”¹³⁸

No início de 1978, último ano de sua gestão à frente da Secretaria de Educação e Cultura, Wladimir Murtinho convidou Walter Mello para assumir a Direção da Divisão do Patrimônio Histórico do Distrito Federal, departamento esse ligado à Secretaria de Educação e Cultura. A nomeação para a nova função marca o final de seu longo período de trabalhos prestados à Fundação Cultural do Distrito Federal: exatamente 16 anos.

Ao assumir a nova função, Walter Mello já era então muito conhecido no meio cultural de Brasília pelos trabalhos prestados desde

1962. Lembra que ficou bastante inseguro com o novo convite, afinal já havia passado 16 anos prestando serviços na Fundação Cultural que, nos constantes processos de reformas administrativas, pertencia então à estrutura organizacional da Secretaria de Educação e Cultura: “Eu não gosto de fazer grandes mudanças sem consultar. Aí então eu consultei a Verinha Catalão, minha amiga, pra jogar o I Ching, pra saber se eu devia ou não aceitar o convite... E o I Ching indicou que eu deveria aceitar.”¹³⁹

Recorda a responsabilidade com a qual recebeu a nova tarefa: “Assumi com essa preocupação de memória, de preservar as coisas.”¹⁴⁰ Enquanto esteve à frente da Divisão do Patrimônio Histórico e Artístico do Distrito Federal suas maiores preocupações estiveram ligadas ao longo processo de criação do Arquivo Público do Distrito Federal e a iniciativas de reconhecimento do valor histórico de diversos bens por meio do Tombamento.

O cargo de Diretor da Divisão do Patrimônio Histórico e Artístico do Distrito Federal trouxe-lhe novas demandas para sua formação. Autodidata convicto e disciplinado, procurou imediatamente por conhecimentos que o habilitassem à função assumida. Dessa forma, no mesmo ano de sua nomeação para a Direção da Divisão do Patrimônio Histórico do Distrito Federal participou do III Curso Interamericano de Administração Cultural: política e gerência, organizado pela OEA – Organização dos Estados Americanos, UnB – Universidade de Brasília e IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.¹⁴¹

Fez questão de ressaltar que, ao assumir como Diretor da Divisão do Patrimônio Histórico e Artístico do Distrito Federal encontrou um ambiente de muita laboriosidade: “Quando eu cheguei na Divisão, não era terra arrasada não! Tinha uma equipe muito boa.”¹⁴² Entre todos os servidores, uma lhe chamou a atenção em especial e se tornou aquela

profissional incansável e extremamente importante para o prolífico trabalho desempenhado naquele período: “Eu quero fazer um reconhecimento aqui de uma pessoa muito importante. Tinha a Celina Lamounier D’Alessandro que já havia preparado uma série de projetos importantíssimos pra Brasília. E a partir daí, nós começamos a trabalhar com ideias novas, mas aproveitando e melhorando os projetos que já estavam sendo encaminhados. Então eu não quero deixar em branco, pois seria um desrespeito à memória dela, não mencionar a importância da Celina na Divisão do Patrimônio.”¹⁴³

Ao terminar seu comentário, levantou-se e foi furungar,¹⁴⁴ sobre o sofá, uma volumosa pasta da qual tirou dois conjuntos de documentos fotocopiados. “Olha aqui. Quando cheguei, a Celina me apresentou esse subprojeto: ‘Recuperação e Revitalização do Núcleo Histórico de Planaltina’, que fazia parte de um projeto maior chamado ‘Raízes Históricas do Distrito Federal’. Aquilo ficou um bom tempo na minha cabeça. Daí eu fui convidado para participar de um encontro sobre patrimônio cultural em Paraty, no Rio de Janeiro. Eu achei o evento fantástico e fiz relação com Planaltina, que também como Paraty, é uma cidade histórica e que a gente estava preocupado em proteger. Foi então que tive a idéia de criar e organizar o I Encontro do Patrimônio Cultural de Planaltina... e convidei muita gente. Nos reunimos lá no Museu Histórico e Artístico. Daquele encontro surgiram várias recomendações que influenciaram todo o trabalho relacionado ao patrimônio histórico de Brasília. O encontro foi em Planaltina, mas as recomendações estavam voltadas para todo o Distrito Federal.”^{145a}

De todos os convidados a participar do evento, pediu para que um fosse lembrado em especial: “Uma das pessoas importantíssimas na organização desse evento foi o professor José Carlos Córdova Coutinho, que era arquiteto e professor de UnB e uma pessoa muito preocu-

pada com a preservação do patrimônio histórico. No documento final daquele encontro ele teve uma participação importantíssima, detalhando uma série de sugestões”.^{145b}

Começou a folhear o documento e, em seguida, passou a ler e comentar algumas recomendações que achou relevantes. “Por exemplo, nós recomendamos que se providenciassem formas de aproveitamento das parcelas representativas da flora e da fauna; que se providenciassem medidas de defesa do parcelamento do solo e da cobertura vegetal, para evitar a descaracterização e o comprometimento do potencial natural. Nós não nos preocupávamos só com o patrimônio cultural construído pelas pessoas; queríamos proteger também o patrimônio natural... foi um documento essencial com muitas recomendações importantes”.¹⁴⁶

Provavelmente esteja aí um dos caminhos para compreender como Walter Mello produzia tanto. Sabia aproveitar o que já fora construído. Valorizava os servidores e potencializava os trabalhos que já estavam sendo encaminhados. Em todas as conversas que mantive com ele para esses apontamentos biográficos, estava sempre latente a preocupação de não esquecer aqueles que com ele, seja na Fundação Cultural, na Divisão do Patrimônio e no Arquivo Público do Distrito Federal, tornaram possível seu prolífico trabalho.

Sempre que a prosa se tornava demasiado apologética, me dizia: “menos, menos”. Não queria que fosse representado como alguém que fez tudo, que idealizou tudo, que executou tudo, sozinho. “Eu não cheguei na divisão do Patrimônio inventando a roda, não! Quando eu cheguei encontrei muita coisa boa parada... não tinha quem levasse avante, né!? Aí eu disse. Vamos fazer”.¹⁴⁷

Portanto, se em algum momento da leitura desse texto, alguém se sentir excluído ou esquecido, posso afiançar como escriba e escuta-

dor zeloso das memórias de Walter Mello, que não foi intencional. Ao contrário, percebi sempre a preocupação sincera, até com certo temor, de esquecer pessoas com as quais ele partilhou sua vida profissional. E sobre esse assunto foi bastante específico. Enviou-me uma mensagem eletrônica, dia 10 de janeiro, um dia após a visita em que discutimos uma das últimas revisões do texto, com o seguinte conteúdo: “Quero que em algum momento desta biografia você coloque essa citação do Graciliano Ramos que estou plagiando livremente: ‘lamentavelmente devo ter esquecido pessoas, até muito queridas, e fatos importantes, tudo por causa da minha inteligência que é fraca e da memória que às vezes escasseia’.”¹⁴⁸

Mas, registre-se também, várias vezes manifestou certa mágoa por ser esquecido em atividades que, com sua equipe, idealizou e realizou. Certo dia, ao convidá-lo para tirar algumas fotografias dos bens de que ele foi responsável pelo tombamento, aproveitei para perguntar sobre como eram feitos os respectivos processos e sobre alguns tombamentos que foram realizados sob sua iniciativa e coordenação. Sem mágoa, mas apenas descrevendo os fatos, comentou que seu nome era quase sempre omitido. “Como era uma Divisão, o meu nome não constava em nada.”¹⁴⁹

Em relação aos diversos tombamentos promovidos em sua gestão, cabia à Divisão do Patrimônio Histórico e Artístico do Distrito Federal instruir o processo e atuar em todas as etapas que antecederiam à assinatura do tombamento pelo Governo do Distrito Federal.

Constam nos arquivos da SUPHAC – Subsecretaria do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural, os seguintes tombamentos realizados na gestão de Walter Mello: Igreja São Sebastião de Planaltina-DF – Decreto nº 6.940, de 19 de fevereiro de 1982; Igreja Nossa Senhora de Fátima – Decreto nº 6.717, de 28 de abril de 1982, juntamente com

seu entorno; Museu da Cidade – Decreto nº 6.718, de 28 de abril de 1982; Museu Histórico e Artístico de Planaltina – Decreto nº 6.939, de 19 de agosto de 1982; Pedra Fundamental – Decreto nº 7.010, de 7 de setembro de 1982; Árvore do Buriti – Decreto nº 8.623, de 30 de maio de 1985; Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira – Decreto nº 9.036, de 13 de novembro de 1985.

A respeito da Pedra Fundamental, comentou: “a rigor, o tombamento da Pedra Fundamental devia ser feito pelo IPHAN Nacional. Entretanto, fomos nós da Divisão que tomamos todas as providências, nós que tomamos a iniciativa de fazer o tombamento, e meu nome era omitido. Fizemos tudo no mesmo dia, 7 de setembro, e no mesmo horário, meio dia. Levamos um coral. Foi um evento magnífico, uma coisa fantástica.”¹⁵⁰ Numa visita posterior, o tema “Pedra Fundamental” entrou novamente em nossa conversa: “o lugar em que a Pedra Fundamental foi colocada, lá em Planaltina, é muito bonito. Aquele espaço fica no alto. Dá pra ver toda a região. Depois que nós realizamos o I Encontro do Patrimônio Cultural de Planaltina, eu tomei a iniciativa de propor a construção de um ‘belvedere’ para que as pessoas que fossem visitar a Pedra Fundamental pudessem desfrutar daquele espaço magnífico. Não foi construído. É uma pena. Aquele espaço tem que ser melhor cuidado e aproveitado.”¹⁵¹

No tocante ao tombamento da “Igrejinha” Nossa Senhora de Fátima da 307/308 Sul, lembrou: “Eu tinha muito interesse no tombamento da Igrejinha. Era um monumento da cidade muito requisitado, uma das obras que Oscar Niemeyer tinha grande carinho, inclusive porque teve a participação, para sua construção, da esposa de Juscelino Kubitschek. E a gente na época tinha necessidade de preservar os monumentos. Aí, através da Divisão do Patrimônio, nós tomamos a iniciativa para o tombamento.”¹⁵²

Sobre o tombamento da *Árvore do Buriti*, plantada na Praça do Buriti, comentou: “Muito antes de se falar em ecologia e tal, eu propus, como Diretor da Divisão do Patrimônio Histórico e Artístico, fazer o tombamento do buriti, que foi plantado na praça em frente ao Palácio do Buriti. Na época tinha um governador maluco que topava qualquer parada, o José Aparecido... que topou a ideia na hora. Essa ideia que eu tive partiu de um poema do Afonso Arinos, o velho, que dizia mais ou menos assim: ‘um dia, alguém de alma sensível, te colocará numa praça que te dará o nome’. Foi a partir desse texto, pra justificar, que eu propus o tombamento que ficou na placa que está lá na Praça do Buriti.”¹⁵³

Certo dia, ao fazer-lhe uma visita tendo em vista a revisão deste texto que preparava, comentou que tinha voltado a pensar sobre a questão do tombamento do Buriti, plantado naquela que é hoje a Praça do Buriti. Estava encasquetado pela presença de tantos mineiros envolvidos. Tinha refletido alguma coisa e queria partilhar. Aprumou-se na cadeira, como a dar um ar de solenidade para o que ia comentar, fechou e abriu os olhos algumas vezes e olhou para mim fixamente: “Olha aqui. Quem fez a primeira referência a respeito de plantar o buriti na praça foi o Afonso Arinos, que é mineiro. Depois veio o Israel Pinheiro, que é mineiro, e mandou plantar, de fato, o buriti naquele local ali. Depois vem um baiano, que sou eu, e se intromete, e propõe ao Governador José Aparecido, que também é outro mineiro, o tombamento do buriti. Essa previsão poética-profética do Afonso Arinos se concretiza pela atuação de muitos mineiros. Um mineiro faz a poesia, outro mineiro manda plantar a árvore e finalmente, outro mineiro tomba... por solicitação de um baiano.”¹⁵⁴

Voltei ao Arquivo pensando na relevância daquela reflexão. Pude perceber que por meio daquele raciocínio, ao estilo de cadeia de causalidades, Walter Mello inseria a história de sua vida na história

de Brasília. Na singularidade de sua existência, tinha consciência de que, por meio de todo o trabalho desenvolvido na área cultural, havia colaborado para que Brasília zelasse pelo seu patrimônio histórico e documental. E isso não era pouca coisa. Sim, eram importantes os construtores. Mas aqueles que vieram depois e consolidaram a capital, sintetizados na expressão, “por solicitação de um baiano”, também tinham seu lugar na história, e ele se sentia como um desses.

Mais tarde, fui visitar a Praça do Buriti a fim de ler a placa informativa com o texto original. Percebi, então, que Walter Mello tinha guardado na memória a alma do poema, não sua literalidade. Assim consta na placa informativa: “Se algum dia a civilização ganhar essa paragem longínqua, talvez uma grande cidade se levante na campina extensa que te serve de sôco, velho buriti perdido! Então, talvez, uma alma amante das lendas primévas, uma alma que tenhas movido ao amor e à poesia, não permitindo a tua destruição, fará com que figures em larga praça, como um monumento às gerações extintas, uma página sempre aberta de um poema que não foi escrito, mas que referve na mente de cada um dos filhos desta terra – Afonso Arinos – Buriti Perdidido (1894).”

A CRIAÇÃO DO ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL

Além de todas as atividades ligadas à proteção do patrimônio histórico e artístico do Distrito Federal, foi ainda como Diretor da Divisão do Patrimônio Histórico do Distrito Federal que Walter Mello deu outro grande passo para a memória histórica de Brasília. Foi sob sua liderança que o longo processo de gestação do Arquivo Público do Distrito Federal, que já vinha sendo debatido desde a década de 1970, teve sucesso. Ele mesmo testemunha: “Ao assumir a direção do Patrimônio Histórico e Artístico da então Secretaria de Educação e Cultura, em 1978, constatei que Brasília, sendo a capital do país, não possuía uma instituição arquivística incumbida de preservar e divulgar o seu acervo documental, principalmente aquele produzido no período de construção.”¹⁵⁵

José Maria Jardim, que esteve presente como representante do Arquivo Nacional no apoio à criação do Arquivo Público do Distrito Federal, ao recordar daquela época, comenta: “É clara a liderança desse processo por parte do Walter. Muito competente no sentido de estabelecer essas interfaces com as circunstâncias históricas mais amplas, com as possibilidades emergentes e ao mesmo tempo com muita disponibilidade intelectual para ser um ator conosco naquele momento.”¹⁵⁶

Para entender sua participação nesse importante processo, é fundamental contextualizarmos. Em 1970, dez anos após a inauguração de Brasília, iniciaram-se discussões a respeito da criação do Arquivo Público do Distrito Federal. Nesse ano, o Governo do Distrito Federal foi signatário do documento “Compromisso de Brasília”, fruto do encontro de governadores, secretários estaduais da área cultural, prefeitos e representantes de instituições culturais. O evento foi promovido pelo Ministério da Educação e Cultura, a fim de propor a adoção das medidas necessárias à defesa do patrimônio histórico e artístico nacional. Entre as várias propostas, o documento final recomenda “a defesa do acervo arquivístico, de modo a ser evitada a destruição de documentos, ou tendo por fim preservá-los convenientemente, para cujo efeito será apreciável a colaboração do Arquivo Nacional [...]”¹⁵⁷, chamando a atenção para a responsabilidade do Estado quanto à preservação dos registros históricos.

No ano seguinte, motivado pelas provocações do evento do ano anterior, o Ministro da Justiça, Alfredo Buzaid, solicita ao Governador do Distrito Federal, Hélio Prates da Silveira, “o exame da possibilidade de providências administrativa de alcance para a preservação dos papéis públicos do Governo do Distrito Federal e para a cultura histórica desta capital, qual seja a criação do Arquivo Público do Distrito Federal.”¹⁵⁸ O Ministro ressaltava que Brasília era uma das poucas cidades que não possuía um Arquivo Histórico.

Em 1972, o I Congresso Brasileiro de Arquivologia, em sintonia com o movimento de preservação da memória nacional que se ampliava em todo o país naquela década, nas recomendações finais propôs moção ao Governo do Distrito Federal para a criação do Arquivo Público do Distrito Federal: “Que o GDF promovesse a instalação de seu Arquivo Público, integrando definitivamente a capital brasileira no

movimento de preservação da memória nacional.”¹⁵⁹ Entretanto, apesar de todas as moções e recomendações, em 1974, o processo aberto pelo Ministro Buzaid foi arquivado.¹⁶⁰

A dinâmica para a criação do Arquivo Público do Distrito Federal será reiniciada somente a partir de maio de 1974, quando o novo Ministro da Justiça, Armando Falcão, reitera a solicitação feita pelo ministro antecessor. Em 11 de junho de 1974, o processo é desarquivado pela Secretaria de Administração do Governo do Distrito Federal, que o encaminha ao Gabinete Civil do Governador. Em 16 de julho de 1974, o então Governador do Distrito Federal, Elmo Serejo Farias, encaminha ofício ao Ministro da Justiça informando que a Secretaria de Administração já se encontrava coletando subsídios visando dar continuidade ao processo de criação do Arquivo Público do Distrito Federal.

Somente em 1977, a Secretaria de Administração encaminhou suas conclusões ao Governador. Afirmava que, regimentalmente, a matéria guardava afinidade com as competências da Secretaria de Educação e Cultura. Reforçava seu ponto de vista ao informar que a Secretaria de Educação e Cultura vinha desenvolvendo o projeto “Raízes Históricas do Distrito Federal”, por meio do qual estava inventariando documentação sobre a história da construção da nova capital. Concluía que os estudos, para a criação de um Arquivo Público no Distrito Federal, deveriam ser levados a frente pela Secretaria de Educação e Cultura, “pois julgava ser pouco recomendável subordinar a criação do Arquivo Público à Secretaria de Administração.”¹⁶¹

O processo é, então, encaminhado, em 30 de agosto de 1977, à Secretaria de Educação e Cultura, para o exame e providências cabíveis. Em 8 de setembro de 1977, o então Secretário de Educação e Cultura, Wladimir Murtinho, encaminha a proposição ao Departamento de Cultura daquela Secretaria para as providências necessárias. Do De-

partamento de Cultura, o processo foi encaminhado em 14 de setembro de 1977 à Divisão do Patrimônio Histórico e Artístico.

Ao assumir, em 1978, a direção da Divisão do Patrimônio Histórico e Artístico, Walter Mello defrontou-se com o referido processo que pedia encaminhamentos: “Me interessei pela questão e dei prosseguimento a um estudo iniciado na Secretaria de Educação e Cultura, na gestão do Embaixador Wladimir Murtinho.”¹⁶² A partir desse momento e sob a direção de Walter Albuquerque Mello, a proposta de criação do Arquivo Público do Distrito Federal foi estudada sistematicamente e todos os encaminhamentos para sua consecução foram sempre levados para frente, por iniciativas dele, até a criação em 14 de março de 1985.

É desse longo período que, em nossas conversas, citou várias vezes uma frase, repetida entre um tom jocoso e ofendido, e que tantas vezes ouviu dizer que afirmavam a seu respeito: “Dessa luta, desse tempo de 1978 a 1985, a dificuldade que a gente encontrava era grande. Por exemplo, quando eu procurava o pessoal da Secretaria de Administração, eles comentavam: ‘Lá vem aquele chato querendo criar o Arquivo’.”¹⁶³

Como resposta ao processo que sugeria a criação de um Arquivo Público para o Distrito Federal, Walter Mello elaborou um longo estudo, apresentado por ele em 13 de junho de 1978, o qual contempla: ideias para a instituição arquivística a ser criada; vinculação operacional; aspectos relacionados à construção e instalações; competências, estruturação, organograma e a proposta de criação de um Grupo de Trabalho para operacionalizar o projeto.¹⁶⁴ O projeto também sugeria que a instituição arquivística fosse subordinada à Secretaria de Educação e Cultura, “pois o regimento desta Secretaria englobava competências implícitas ao Arquivo Público.”¹⁶⁵

As recordações de Walter Mello desse período revelam que houve, da parte dele, um profundo envolvimento pessoal que se enraizava muito além de uma mera responsabilidade profissional, ou o zelo de servidor público. Percebemos nele um apaixonado pela memória histórica que envidaria todos os esforços em formação pessoal e em estratégia política para que a instituição fosse criada. Já beirando os 60 anos, se revelava como o mesmo jovem que saiu do Rio de Janeiro e foi visitar o túmulo de uma cantora lírica em um cemitério de Salvador-BA a fim de comunicar aos conterrâneos dela na Europa que ela não estava esquecida. Era o mesmo zelo para com a memória histórica. Apenas em datas diferentes: “verifiquei que Brasília era um dos poucos entes da federação que não tinha Arquivo. Por outro lado, havia várias recomendações de encontros de governadores que comentavam permanentemente a criação do Arquivo. Então eu tinha um embasamento, digamos, não só legal, mas de recomendação no sentido de que Brasília criasse o Arquivo. Aí, fui estudar desde a Grécia, essa questão da importância do Arquivo. E me aprofundi de tal maneira que disse: ‘Vamos criar um Grupo de Trabalho. Pensei que era o órgão adequado pra se dar a partida para a criação do Arquivo.’”¹⁶⁶ Encaminhou a sugestão à Eurides Brito, então Secretária de Educação e Cultura, que lhe deu todo apoio. Walter é incisivo nesse ponto: “ela não pode ser esquecida. Ela deu um apoio muito grande.”¹⁶⁷

Diante de possíveis objeções ao fato de não ter formação acadêmica na área da Arquivologia e, assim mesmo, ter sido o protagonista do processo que levou à criação do Arquivo Público do Distrito Federal, ele comenta: “Meu primeiro contato com a área arquivística ocorreu por ocasião dos vários cursos que frequentei realizados pela Associação dos Arquivistas Brasileiros – Núcleo Regional de Brasília, participação em seminários, congressos e contatos com o Arquivo Nacional, principalmente com a então Diretora, Celina Vargas.”¹⁶⁸ Em outro momento,

comenta seu estilo autodidata: “Eu costumo fazer assim. Quando eu não sei a coisa, eu vou estudar. Eu procurei estudar a teoria das três idades, os holandeses, e procurei as pessoas ligadas à área. Nem todas vou me lembrar. A Nilza Teixeira Soares, por exemplo, que era do Arquivo da Câmara dos Deputados. Ela era da associação do pessoal ligado à Arquivologia. Conversei muito com ela. Me deu aulas... e outras pessoas. Eu sempre procurei estudar.”¹⁶⁹

Ao longo dos próximos oito anos, a partir de 1978, com a entrega do Projeto elaborado por Walter Mello, enquanto Diretor da Divisão do Patrimônio Histórico e Artístico, e da criação do Grupo de Trabalho sugerido nesse mesmo projeto, o qual ficou sob sua coordenação, promoveu-se um trabalho profundo de investigação e inventariamento da imensa massa documental produzida e acumulada pelo Governo do Distrito Federal. Em função desta análise, foram promulgados decretos que consolidaram uma política de arquivos para o Distrito Federal e que propiciaram as condições definitivas para a criação do Arquivo Público do Distrito Federal.¹⁷⁰

No processo de criação do Arquivo Público, Walter Mello, na condição de membro, foi buscar apoio no “Grupo de Trabalho Brasília, conhecido como “GT Brasília”. O grupo, do qual faziam parte representantes do Governo do Distrito Federal, da Universidade de Brasília e do Ministério da Cultura, “realizou estudos e pesquisas sobre o patrimônio cultural de Brasília, de forma inovadora, tendo em vista as práticas institucionais vigentes. O território do Distrito Federal foi estudado amplamente, procurando entender e valorizar sua forma de ocupação e a cultura aqui produzida, sua paisagem natural e a implantação da arquitetura e urbanismo modernista. [...] O produto final resultou numa pesquisa minuciosa sobre os espaços urbanos, rurais e ambientais. [...] Foi estrategicamente utilizado para fundamentar a candidatura de Bra-

sília ao título de Patrimônio Cultural da Humanidade.”¹⁷¹ Sobre esse apoio, Walter Mello comentou: “Eu tinha um trabalho paralelo, que era o GT Brasília. E o Arquivo era um dos itens preferidos pelo Grupo. O GT Brasília apoiava também. Eu fazia parte do Grupo de Trabalho Brasília porque eu era o representante do Governo do Distrito Federal, por causa de minha função como Diretor da Divisão do Patrimônio Histórico e Artístico da Secretaria de Educação e Cultura.”¹⁷²

Nesse processo de idas e vindas, algumas conquistas foram sendo feitas, as quais iam consolidando o caminho para a criação definitiva do Arquivo Público do Distrito Federal. Diante da falta de decisão do Governo do Distrito Federal em relação à criação de um Arquivo Público, Walter Mello, como Diretor da Divisão do Patrimônio Histórico e Artístico, achou prudente garantir primeiro a proteção da documentação histórica sobre a construção de Brasília, que estava na NOVACAP.¹⁷³ Sabe-se lá quando seria aprovada a criação de um Arquivo Público, por isso, estrategicamente, resolveu procurar garantir a proteção especial dessa documentação: “Eu tava de olho nessa documentação. Tava de olho e inclusive visitava periodicamente a NOVACAP. Cheguei, mesmo, a propor a eles deslocar essa documentação para um local mais adequado e seguro... e eles conseguiram um espaço mais seguro. Enquanto desenrolava o Grupo de Trabalho envolvido com a criação do Arquivo Público, grupo que eu era coordenador, eu já tava pastoreando essa documentação. Pensa bem, assim com o Arquivo instalado, o bote¹⁷⁴ seria essa documentação. Nós ficamos de olho se eles estavam cuidando bem da documentação.”¹⁷⁵ A estratégia surtiu efeito, tanto que por meio do Decreto nº 7.492, de 27 de abril de 1983, assinado pelo Governador José Ornellas de Souza Filho, “toda a documentação produzida no período 1956-1960, pela NOVACAP – independente de seu suporte – foi colocada sob a proteção do Governo do Distrito Federal.”

Com o “status” de “proteção especial” adquirida para a documentação da NOVACAP, Walter Mello podia se dedicar mais diretamente à criação do Arquivo Público, sem o medo de que aquela documentação pudesse se perder. Fato é que a estratégia de focar na proteção do acervo da NOVACAP redundou em efeito colateral, ligado diretamente à criação do Arquivo Público. Isso porque no mesmo dia em que se colocou sob proteção do Governo do Distrito Federal o acervo da NOVACAP, foi criado, por meio do Decreto nº 7.493, um Grupo de Trabalho a fim de “estudar, sugerir e propor e adotar medidas para a implantação do Arquivo Público do Distrito Federal.” Pela primeira vez, Walter Mello tinha certeza de que o Arquivo Público havia entrado em rota de criação. Era necessário paciência, mas, com certeza, o movimento não tinha mais como retroceder. Como coordenador do Grupo de Trabalho, promoveu o estudo da legislação federal sobre o assunto, bem como as funções e responsabilidades dos diversos órgãos quanto aos acervos acumulados pela administração pública do GDF, e para isso contou com a orientação técnica do Arquivo Nacional.

Em julho de 1983, terminado o trabalho no qual era proposta a criação do Arquivo Público do Distrito Federal, por sugestão de Walter Mello, a Secretaria de Educação e Cultura enviou para a Diretora-Geral do Arquivo Nacional, Celina Vargas do Amaral Peixoto, o documento final do Grupo de Trabalho, a fim de que o texto passasse por uma revisão. O aval do Arquivo Nacional era fundamental nesse processo e uma estratégia para se evitar qualquer objeção de cunho técnico.

A iniciativa foi extremamente frutuosa, pois, por meio da Diretora do Arquivo Nacional, doutora em ciências políticas, neta de Getúlio Vargas, fundadora e Diretora do CPDOC da Fundação Getúlio Vargas entre 1973-1990 e então Diretora-Geral do Arquivo Nacional desde 1980, Walter Mello conseguiu importante apoio desta instituição

arquivística no assessoramento técnico para a implantação do Arquivo Público do Distrito Federal. Providencialmente, o apoio foi favorecido porque naquele período o Arquivo Nacional estava implementando o Sistema Nacional de Arquivos.

Ficou vívido na memória de Walter Mello o apoio prestado pelo Arquivo Nacional por meio de sua Diretora, Celina Vargas: “Olha Celina, nós estamos com o projeto de criar o Arquivo Público em Brasília, porque Brasília é a única que não tem Arquivo ainda. E Celina Vargas nos dava apoio mandando técnicos para cá. Um que nos deu apoio fundamental foi José Maria Jardim.¹⁷⁷ Ele era a parte conceitual, em termos da nova Arquivologia. O José Maria nos dava as coordenadas, inclusive em termos de arquivística moderna. Uma coisa contemporânea. O projeto que nós fizemos na criação do Arquivo Público do Distrito Federal foi fundamentado nessa orientação do Arquivo Nacional, com a visão de Celina Vargas e do Zé Maria. E mesmo depois que o Arquivo estava criado, nós continuamos a trazer outros técnicos do Arquivo Nacional.”¹⁷⁸

Contudo, lembra com certa mágoa das incompreensões que sofreu por buscar o apoio técnico do Arquivo Nacional. Como o Governo do Distrito Federal não dispunha de ajuda de custo para todas as despesas dos técnicos convidados, Walter Mello tirava do próprio bolso para cobrir os gastos. Mas, como nem todos sabiam desse seu sacrifício pessoal, interpretavam erroneamente: “O Arquivo pagava a passagem e eu hospedava em minha casa. Houve até um Secretário que me telefonou e disse: ‘O senhor tá promovendo turismo?’. Aí eu tive que contar até dez para não mandá-lo à... Imagina só! O Arquivo trazia a pessoa, pagava a passagem, aí eu hospedava comigo, transportava, alimentava...! Daí minha relação de grande amizade com o José Maria Jardim.”¹⁷⁹

O arquivista José Maria Jardim, que assessorava em nome do

Arquivo Nacional a criação do Arquivo Público do Distrito Federal, confirma essa relação técnica e pessoal com Walter Mello ao recordar: “Nós começamos a ter demandas dos estados e era preciso começar a organizar isso. [...] O Arquivo do Distrito Federal surgiu já colocando demandas muito explícitas ao Arquivo Nacional para que o Arquivo já nascesse sob um modelo diferenciado daquele modelo que o Arquivo Nacional criticava e ao qual, de alguma maneira, o Arquivo Nacional pertencia, o modelo do arquivo histórico do século XIX. [...] Naquele momento o Walter Mello deixava muito claro a expectativa da criação de uma instituição em bases diferenciadas. Não que houvesse estratégias da nossa parte deliberada de fazer dessa futura instituição uma experiência piloto, mas era naquela circunstância muito convidativo a gente trabalhar com essa parceria, considerando inclusive outros elementos porque a proposta do Arquivo era uma proposta muito clara no sentido da definição de um conceito de Arquivo moderno para o Distrito Federal.”¹⁸⁰

É interessante ressaltar que no meio de toda a complexa luta para a criação do Arquivo Público do Distrito Federal, envolvidos que estavam na definição de todas as atribuições e conceitos norteadores de uma moderna instituição arquivística, Walter Mello foi enfático em ressaltar que uma das suas grandes preocupações nesse processo foi a criação de uma biblioteca para a instituição arquivística que estava sendo proposta. Na verdade, depois de vê-lo tantas vezes comentar a preocupação com a sua formação permanente, sua disciplinada busca de conhecimento por meio da participação em tantos eventos e cursos, não me causou surpresa essa zelosa atitude. Segundo ele, “a biblioteca fazia parte do projeto. E na nossa visão, a biblioteca não era pra emprestar livros. Era uma biblioteca de referência da área de Arquivo. A minha preocupação, quando foi criado o Arquivo, era subsidiar os funcionários, as pessoas em busca de informação e formação sobre arquivologia

e sobre a história de Brasília.”¹⁸¹

Depois de longos oito anos de insistência, de elaboração técnica, de discussão colegiada, de busca de apoio em instituições arquivísticas e em pessoas de boa vontade, Walter Mello viu seu sonho realizado quando o Governador José Ornellas, em 14 de março de 1985, assinava o Decreto nº 8.530 que criava o Arquivo Público do Distrito Federal, bem como o Decreto nº 8.531, que aprovava o Regimento. Diante da data, retrucou Walter Mello: “Mas fez 40 anos no meu calendário, porque eu trabalhei desde 1978 para que ela existisse.”¹⁸²

Dessa forma, no contexto de redemocratização do país e do empenho pessoal do Diretor da Divisão do Patrimônio Histórico e Artístico, nomeado como primeiro Superintendente da nova instituição arquivística, nascia o Arquivo Público do Distrito Federal: “Eu já era apaixonado por Brasília. Com a criação do Arquivo Público eu participei dessa mudança de cultura de preservar, arrumar, organizar e pesquisar a cidade. Não apenas guardar, mas devolver para a população sua história. Deixar disponível para pesquisas, para quem quiser conhecer mais.”¹⁸³

PRIMEIRO SUPERINTENDENTE DO ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL

Após um processo de aproximadamente 15 anos, oito dos quais sob a liderança de Walter Mello, Brasília tornou-se a última unidade da Federação a criar um arquivo público.¹⁸⁴ Sobre a criação, Walter Mello quis deixar claro o seu lugar nesse longo processo. Quer ser lembrado como aquele que IDEALIZOU e IMPLEMENTOU o Arquivo Público do Distrito Federal: “Na criação do Arquivo não se pode omitir o nome do Governador José Ornellas. Ele foi quem criou. Eu idealizei, implementei, agora a criação foi o Governador que assinou o Decreto. Idealizar eu consegui, e implementei fisicamente com o Grupo de Trabalho.”¹⁸⁵

O Arquivo estava criado. Mas não havia sede, não havia espaço próprio, não havia profissionais nomeados, não havia nada a não ser o Decreto de criação e o Regimento Interno. Walter Mello não se podia dar como satisfeito. Arregaçou as mangas e partiu para uma nova fase: “a criação do Arquivo foi em 14 de março de 1985. A instalação foi bem depois. Não me lembro a data. Mas está numa placa que nós colocamos na primeira sede do Arquivo Público.”¹⁸⁶

Foi nesse contexto que, estrategicamente, a então Secretária de

Educação e Cultura, Eurides Brito da Silva, designou Walter Mello, que continuava como Diretor da Divisão do Patrimônio Histórico e Artístico, para “responder pela Superintendência do Arquivo Público do Distrito Federal, por motivo de vacância, até a designação de titular.”¹⁸⁷ Para poder instalar o que a letra formalmente garantia, Walter Mello teve que aumentar seu empenho assumindo duas atribuições: “Aí, então, eu acumulei, não financeiramente, a coordenação da Divisão do Patrimônio com o Arquivo, pra poder instalar, né?!”¹⁸⁸

Dissemos acima, “estrategicamente”, porque durante oito anos, todo o processo de criação esteve sob a coordenação de Walter Mello, e para os passos seguintes, quando tudo ainda estava por ser feito, Eurides Brito teve a lucidez de perceber que ele seria o protagonista mais bem preparado para os passos a serem implementados até a instalação da nova instituição arquivística em sede e com equipe próprias. Dessa forma, logo após a publicação do Decreto de criação do Arquivo Público e da designação de Walter Mello para “responder pela Superintendência”, seu primeiro passo foi usar da mesma estratégia utilizada na criação do Arquivo Público, ou seja, estabelecer um grupo de trabalho para implementar tudo: “Como Diretor da Divisão do Patrimônio Histórico eu apenas recebi um Decreto de criação do Arquivo Público. Tinha que passar da palavra à ação”¹⁸⁹. E esse movimento não podia esperar: “Eu tive a idéia, né? Mas eu consegui formar e juntar um grupo empenhado. A Vânia Maria Moreira Caldas foi fundamental, foi importantíssima. Também o Antônio Emílio Costa. Ele era um funcionário do Arquivo Público do Distrito Federal... ele começou a trabalhar quando nós ainda estávamos lá na salinha provisória no Teatro Nacional. Eu designei ele como responsável pela produção dos textos que o Arquivo Público produzia para uma coluna no Correio Braziliense sobre Brasília. Além disso, os textos do Antônio Emílio começaram a ser passados na Rádio Cultura. O Antônio Emílio até disse uma frase, em reconhecimento ao

meu trabalho, que gosto muito: ‘Se você der uma caixa de fósforos ao Walter, ele transforma em fogos de artifício’.¹⁹⁰

Não dispondo de sede própria, Walter Mello propôs que as atividades da nova instituição arquivística iniciassem em uma pequena sala do Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico do Distrito Federal, 7º Andar do Anexo do Palácio do Buriti: “Foi aí então que eu reservei uma sala, pra eu criar um núcleo que ia começar a tomar as providências para instalação do Arquivo. De lá, o lugar mais próximo que nós conseguimos foi a sala de ensaio da Orquestra do Teatro Nacional. Ali, como eu já tinha uma pequena equipe formada, foi que nós fizemos várias tratativas para conseguir o primeiro espaço pro Arquivo, na NOVACAP. Mas para ir para lá, nós tivemos que fazer os preparativos, né!”¹⁹¹

Deste período, Walter Mello recorda também: “Ainda não tínhamos acervo. Começamos a discutir as ideias de como fazer. Aí começamos a primeira etapa, conseguir o espaço pro Arquivo.”¹⁹² Foi quando surgiu, então, um espaço na NOVACAP. Sobre a conquista deste primeiro espaço, recorda: “Outra pessoa que não podemos deixar de mencionar é Carlos Magalhães da Silveira, que era meu amigo pessoal, e que na época da criação do Arquivo Público era o Secretário de Viação e Obras do Governo do Distrito Federal. Carlos Magalhães¹⁹³ foi casado com Anna Maria Niemeyer, que era filha do Oscar Niemeyer. Ele é importante porque quando nós recebemos o Decreto de criação do Arquivo Público eu saí em busca de um espaço. Aí, nós localizamos um espaço lá na NOVACAP. Aí o presidente da NOVACAP me disse: ‘Não. Aqui vocês não fazem Arquivo’. Foi então que eu fui falar com o Carlos Magalhães. Aí ele deu um soco na mesa e disse: ‘O quê? Vocês vão para lá, sim. Pode providenciar as coisas’. Por isso, conseguimos a primeira sede provisória para o Arquivo Público, graças ao apoio do

Carlos Magalhães da Silveira, na gestão do José Aparecido de Oliveira.”¹⁹⁴

Para mobiliar o novo espaço, as dificuldades não foram poucas e podem ser sintetizadas nesta lembrança: “No início os nossos móveis eram ainda de papelão. Não tinha móveis. Eram caixas de papelão que a gente usava como mesa. Pra poder mudar, arrumamos caixa de papelão. Não como cadeira porque não dava, né! Mas para mesa. Foi assim.”¹⁹⁵

Uma das primeiras preocupações, logo após a instalação da sede provisória, foi a construção de uma sede definitiva. “Logo após entrarmos na primeira sede do Arquivo Público, eu fiz uma reunião com a presença do Embaixador Wladimir Murtinho, da Secretaria de Educação e Cultura; do Oscar Niemeyer; do Zé Aparecido e eu. A reunião foi uma sugestão do Zé Aparecido para que o Oscar Niemeyer fizesse o projeto arquitetônico da sede do Arquivo Público do Distrito Federal. Nós não tínhamos o terreno ainda. Era ideia só para a sede. O terreno foi conseguido posteriormente, na gestão do governador Cristóvam Buarque. O encontro era oficial, mas nós não chegamos a fazer nenhum desenho. Foi só conversa mesmo. Mas foi importante. Imagine, nós conseguimos levar Oscar Niemeyer para a primeira sede provisória. Na ocasião, o Oscar estava fazendo muitos projetos por solicitação do Zé Aparecido: o Panteão da Pátria e da Liberdade, a Pira da Pátria, a Casa do Cantador, lá em Ceilândia. Aí ele pensou em aproveitar e pedir que o Oscar fizesse um projeto também para o Arquivo Público. Nosso interesse era conquistar o Oscar pra fazer o projeto. Depois nós iríamos então elaborar o projeto. Eu pensava até em pedir ajuda pra Celina Vargas, Diretora do Arquivo Nacional, pra nos ajudar a preparar o projeto.”¹⁹⁶

Sobre aquele dia histórico, lembra que levou uma bronca do então Secretário de Cultura, que não gostou de uma iniciativa: “No dia do lançamento da primeira sede do Arquivo Público do Distrito Federal,

eu consegui dos Correios um carimbo comemorativo... mas me lembro que o Secretário de Cultura da época não gostou e me questionou: por que carimbo?"¹⁹⁷

Conseguido o prédio para a primeira sede do Arquivo Público do Distrito Federal, faltava agora adequá-lo tecnicamente para receber o acervo, bem como preparar a pequena equipe de servidores. Para isso recorreu novamente ao Arquivo Nacional que já havia dado importante apoio nos estudos preliminares para a criação do Arquivo: "Conversei com a Celina Vargas e o José Maria Jardim, do Arquivo Nacional, que se colocaram à nossa disposição para fazer o projeto de adaptação do prédio que iríamos usar na NOVACAP. A Celina Vargas indicou o arquiteto, que fez o projeto dentro das técnicas, de acordo com o espaço que nós tínhamos. Inclusive tinha um jardim interno, tinha um auditório, quer dizer, ocupava muito espaço que não era muito necessário pra gente. Foi o primeiro prédio do Arquivo Público. Pros primórdios do Arquivo foi muito bom."¹⁹⁸

Assim, dois anos e meio após a data de criação, quando Brasília já completava 27 de sua inauguração, o Arquivo Público do Distrito Federal era instalado em sua primeira sede. Sede provisória, é verdade, mas não deixava de ser uma conquista porque pela primeira vez a memória documental do Distrito Federal tinha uma morada unicamente dedicada à sua proteção, estudo e divulgação. Assim consta na placa de instalação daquela primeira sede: "Arquivo Público do Distrito Federal. Preservando a memória documental brasiliense. Inauguração de suas instalações. Governador, José Aparecido de Oliveira. Secretário da Cultura, D' Alembert Jorge Jaccoud. Superintendente do ArPDF, Walter Albuquerque Mello. Brasília – DF, 28 de abril de 1987. 27º aniversário de Brasília."¹⁹⁹

Preparada a primeira sede, a preocupação de Walter Mello vol-

tou-se para o recolhimento do acervo da NOVACAP que, como vimos, havia sido colocado sob a proteção especial do Governo do Distrito Federal. Em 1987, finalmente o Arquivo Público do Distrito Federal recebeu seu primeiro e mais importante acervo.

Walter Mello lembra que os primeiros anos foram de muito trabalho. Tudo era novo e recolher a documentação considerada histórica era apenas um passo. Os documentos precisavam de tratamento arquivístico, higienização, criação de quadros de arranjo, instrumentos de pesquisa, etc. Contudo, nessas primeiras ações sempre houve um princípio norteador: “a preocupação do Arquivo era no sentido de como preservar essa documentação, como analisar, como avaliar... Porque não adianta você guardar apenas. Você tem que colocar à disposição da comunidade a fim de tornar socialmente útil essa documentação. Era essa nossa primeira preocupação.”²⁰⁰

Desse período, Walter Mello lembra com saudade do empenho dos servidores pioneiros. Um dos fatos que considera marcante e exemplo de criatividade e iniciativa deram-se ao começarem a organizar o acervo fotográfico da NOVACAP. Eram milhares de fotografias a serem organizadas. Contudo, as fotos não tinham a identificação das pessoas e do contexto. A equipe não se deu por vencida: “Aí tem a Lúcia Margarida Alheiro da Silva. Gerente de Arquivo Permanente que inventou uma coisa maravilhosa que era o Chá da Memória. Ela trazia convidados pra ajudarem a identificar as pessoas que constavam nas fotografias. Ela mesma trazia toalha e pagava o chá e os bolinhos.”²⁰¹ De repente, as centenas de fotos começaram a ganhar uma identidade própria e a pessoa identificada em uma foto levava à identificação de muitas outras fotografias.

Diga-se, a bem da verdade, que toda essa criatividade e iniciativa se dava num contexto em que Walter Mello fomentava um ambiente

onde os servidores poderiam influenciar o processo de tomada de decisão. Avesso ao centralismo administrativo, apoiava a hoje tão propalada “gestão participativa” num momento em que ainda pouco se falava desse modo de organização institucional. Pela entonação de voz e o ar cerimonioso de suas palavras, era possível perceber o orgulho com que se lembrava dessa iniciativa: “No Arquivo eu criei um Comitê de Gestão Participativa. Ainda não se falava em gestão participativa, mas eu aplicava. O que era isso? Era o conjunto de todos os diretores onde os assuntos eram discutidos de uma maneira como se fosse um plenário. Tudo se discutia ali. Não era eu chegar e mandar fazer isso ou aquilo. Até festas de aniversário eram discutidas pelo Comitê. Eu até mandei, na ocasião, pro Hélio Doyle, que era Chefe de Gabinete do Cristovam Buarque, e ele me respondeu: Walter, parabéns por esse trabalho... e o Comitê foi publicado no Diário Oficial do Distrito Federal: um comitê de gestão participativa.”²⁰²

Ressalte-se, também, que Walter Mello era bastante exigente na escolha e nomeação dos profissionais. A nomeação política só era aceita se estivesse de mãos dadas com a competência técnica. O zelo na escolha de profissionais qualificados levou-o a criar uma estratégia. “Eu ia até o Correio Braziliense e pagava, do meu próprio bolso, anúncios solicitando que profissionais interessados apresentassem seus currículos. Não aceitava qualquer um não!”²⁰³ Nas páginas de classificados do Correio Braziliense do dia 15 de janeiro de 1995, por sinal, um domingo, encontramos o exemplo de um destes anúncios: “Instituição Cultural necessita Gerente Cultural: com nível superior e experiência comprovada na área. Interessados enviar curriculum contendo pretensão salarial para a portaria deste jornal, sob o título Gerente Cultural.” Afirma que recebia vários currículos a partir dos quais “eu chamava para uma conversa. O Arquivo tava iniciando e eu não podia contratar qualquer um, pois o trabalho era muito técnico, né!?”²⁰⁴

Nesses primeiros anos do Arquivo Público do Distrito Federal, mesmo em meio a todo o trabalho de coordenação da equipe pioneira e da instalação de uma sede, Walter Mello preocupou-se em se manter preparado para responder às exigências da função de Superintendente de um Arquivo Público. Participou de vários eventos relacionados à Arquivologia, dentro e fora do país, destacando-se o Congresso Internacional de Arquivos de Paris e o de Pequim.

Sobre a preocupação com sua formação permanente faz questão de lembrar um fato que lhe marcou profundamente: “Eu viajava sempre por minha conta. Não pedia nada. Pagava a passagem, o hotel... eu pagava tudo. Pegava apenas a dispensa de ponto. Quando eu fui para o Encontro Internacional de Arquivos, na China, fui procurado pelo Tribunal de Contas, porque eu tinha saído dois dias antes do Encontro. E eu respondi: ‘É porque o encontro não era em Planaltina, era na China, do outro lado do mundo.’”

Comentando sobre os inícios do Arquivo Público do Distrito Federal, se orgulha de lembrar sobre a aquisição dos primeiros computadores: “Uma das minhas primeiras preocupações ao montar a primeira sede do Arquivo Público foi a Informatização.”²⁰⁵ De fato, na década de 1980, no Brasil, as instituições estavam começando a comprar os primeiros computadores para ajudar na administração. Recorda que foi por meio de um amigo que conseguiu os primeiros computadores para o Arquivo Público do Distrito Federal. “Nós conseguimos informatizar antes do Arquivo Nacional. Tem um amigo meu, o Kléber Farias Pinto que havia feito muitos favores para um japonês da Fujioka. Então o japonês perguntou para o meu amigo o que ele queria como retribuição. O Kléber disse então que queria que o japonês informatizasse o Arquivo Público. Não pediu nada para si mesmo. Aí veio uma equipe e implantou os computadores. O Arquivo foi pioneiro em informatização.”²⁰⁶

Outra grande preocupação à frente da nova instituição era a divulgação. Tinha a convicção de que o Arquivo Público consolidaria suas atividades e se firmaria como instituição da memória documental de Brasília se a comunidade e os profissionais da Arquivologia estivessem a par das atividades e iniciativas ali implementadas. Nesse sentido, ainda no período da primeira sede, recorda com entusiasmo do lançamento do boletim “O QUADRILÁTERO”, cuja impressão foi possível pelo apoio do pioneiro e educador João Herculino, presidente do Centro de Ensino Unificado de Brasília – CEUB, que na ocasião garantiu que a parceria com o Arquivo Público do Distrito Federal visava “dar ao órgão condições de divulgar todos os seus feitos, [...] cuja continuidade queremos garantir, pois temos certeza do êxito deste empreendimento, considerada a importância que o Arquivo Público tem no contexto da administração pública e da comunidade do Distrito Federal.”²⁰⁷

Sobre o lançamento do boletim, escreveu Walter Mello:

*Este lançamento insere-se na programação do 11º aniversário da instituição, ocorrido no último dia 14 de março. A função dos arquivos públicos é fundamentalmente preservar e dar acesso aos registros das ações do Estado. É aí que eles mostram sua utilidade social e se distinguem das bibliotecas e museus públicos. Esta publicação terá por objetivo divulgar o trabalho do Arquivo Público do Distrito Federal – ArPDF, dar informações sobre o que vem acontecendo no campo da Arquivística e da Arquivologia e sobre cursos, seminários, publicações, trabalhos, pesquisas e demais manifestações em defesa da memória documental. Nesta oportunidade congratulome com a briosa, criativa e competente equipe do ArPDF, por mais esta contribuição ao desenvolvimento da Arquivística e Arquivologia brasileiras.*²⁰⁸

Para nomear o boletim, Walter Mello propôs a realização de um concurso entre os servidores. A proposta vencedora, “O Quadrilátero”, foi da servidora Vera Lúcia Pereira Duarte, da Gerência de Arquivo Permanente. O título remetia ao formato do Distrito Federal.

Mais tarde, em 1998, já na segunda sede, o Arquivo Público irá publicar uma revista, em substituição ao boletim, também denominada “Quadrilátero”. Segundo o editorial era um sonho acalentado desde a criação do Arquivo Público em 1985. O objetivo principal foi criar um “vínculo extramuros e produzir um instrumento catalisador de debates, questionamentos e divulgador dos trabalhos de arquivistas, historiadores e de todos os profissionais que se preocupam com a preservação, conservação e divulgação de documentos de arquivos”.²⁰⁹ Por motivos diversos ficou apenas no primeiro número, cujo tema era: “Os arquivos da repressão – do recolhimento ao acesso”.

A criação do Arquivo Público e a instalação de sua sede logo revelaram que havia uma demanda reprimida em relação ao recolhimento da documentação histórica. Aquela primeira sede não tinha espaço suficiente. Além disso, o quadro de pessoal que começava a se estruturar exigia novos ambientes para as atividades técnicas. Lá foi novamente Walter Mello propor à NOVACAP a mudança para outro prédio, mais adequado às atividades fins de uma instituição arquivística. O prédio visado ficava também dentro do terreno da NOVACAP: “Nós estávamos com o outro prédio, ali ao lado. Eu chegava e via todo dia esse segundo prédio e comecei a me interessar... Mas era ocupado! Eu me relacionava muito bem com o pessoal da NOVACAP. Daí, aconteceu que eles vieram me falar que o prédio seria desativado e sugeriram que eu falasse, quem sabe não conseguiria, né?! Aí, eu fui ao Governador e disse que era um prédio que tinha uma área bem maior e que, enquanto não se construía a sede, esse prédio era mais apropriado. Fizemos os en-

tendimentos e como eu tinha um bom relacionamento com o Cristovam Buarque, conseguimos esse novo prédio. Aí, mais uma vez, a Celina Vargas, do Arquivo Nacional, nos deu o engenheiro, e a NOVACAP nos deu o arquiteto que nos ajudaram na parte da adaptação. Nós demos algumas dicas, os nossos planos técnicos.”²¹⁰

Para a mudança, os próprios servidores se envolveram diretamente na pintura dos ambientes. “Nesse novo prédio foram feitas as adaptações, e quando nós mudamos foi o pessoal do Arquivo que pintou. Aí sei que nós demos conta. Tanto que inclusive, por exemplo, o prédio era o seguinte: você, pra subir, pra chegar no outro andar, você tinha uma escada externa, que não tinha proteção. Aí eu sugeri que fosse feita uma escada interna. No final nos instalamos nesse novo prédio, em melhores condições.”²¹¹ Desta forma, em 5 de junho de 1997 o Arquivo Público do Distrito Federal foi transferido para sua segunda sede ficando ali até outubro de 2014.

Foi transferido para sua atual sede, no Setor de Garagens Oficiais Norte, no dia 20 de outubro de 2014. Sobre essa última mudança comentou: “Pensar que tudo começou em uma salinha na NOVACAP e hoje estamos com esse lugar grande aqui.”²¹² A placa referente à instalação na sede definitiva faz a referência temporal à da primeira instalação na NOVACAP: “Arquivo Público do Distrito Federal. Trinta anos a serviço da população, preservando a memória documental do Distrito Federal. Entrega da sede definitiva do ArPDF. Governador do Distrito Federal, Agnelo Queiroz. Secretário-chefe da Casa Civil do Distrito Federal, Swedenberger Barbosa. Superintendente do Arquivo Público do Distrito Federal, Marta Célia Bezerra Vale. Brasília-DF, 20 de outubro de 2014.”

No dia 27 de dezembro de 2016, combinamos fazer um passeio em Pirenópolis para visitarmos a residência de Jomar Nickerson de Al-

meida, atual Superintendente do Arquivo Público do Distrito Federal. Quando cheguei em seu apartamento na Quadra 415 Norte, após me acolher e dizer que estava pronto para a viagem, foi até a mesa e pegou um CD-ROOM de cor azul. “Olha, outra coisa importante que eu quero que faça referência é o trabalho que o Arquivo apresentou para que o Fundo NOVACAP se tornasse ‘Memória do Mundo’ da UNESCO”. Prometi que ia estudar com carinho o tema e sem delongas enfiar o CD-ROOM no bolso da minha blusa. Estava com pressa, pois a viagem era longa e o tempo prometia muita chuva. Além do que, eu estava com uma forte gripe alérgica e quase havia cancelado nosso passeio. Objetou que eu devia cancelar. Disse que não, que estava tomando anti-alérgicos, etc... Não queria perder a chance de colher novas informações. Assim, entre muitos espirros, tosse, coriza, lá fomos nós. E de fato, o investimento valeu a pena. Muitas memórias são acessadas mais facilmente ao redor de uma mesa entre amigos, ainda mais degustando um bom vinho e bebericando cerveja artesanal.

Na capa do CD-ROOM consta: “Proposition des Archives Publiques du District Fédéral, Brésil, en vue d’inscrire le Fond Novacap sur le Registre de La ‘Memoire du monde’ – UNESCO. Brasília, DF, Brésil – 1998”.

Tempos atrás, no ano seguinte à instalação da segunda sede, encontramos Walter Mello empenhado em conseguir que o acervo da NOVACAP fizesse parte do Registro de Memória do Mundo da UNESCO: “o Arquivo Público do Distrito Federal desenvolveu Projeto de confecção de um CD-ROM que visa apresentar a candidatura do Fundo NOVACAP ao Registro da Memória do Mundo, um programa de salvaguarda e de valorização de documentos, coordenado pela UNESCO. [...] Os documentos que o ArPDF apresenta à candidatura ao Registro da Memória do Mundo compreendem o período da criação da NOVA-

CAP, responsável pela construção da nova capital, até a inauguração de Brasília. Uma curiosidade interessante na produção do CD é o fato de não termos utilizado os programas mais adequados para a construção de apresentações em multimídia, o que nos possibilitou verificar que mesmo com poucos recursos é possível obter excelentes resultados. O CD-ROM, desenvolvido no programa Power Point, contém imagens, fotos, documentos textuais, cartas, plantas e uma breve apresentação da instituição. A maior parte do tratamento digital dado aos documentos, em seus mais variados suportes, foi executado no Núcleo de Informática do ArPDF, aparelhado pela Fuji Photo Film do Brasil Ltda”.²¹³

A preocupação não era apenas de divulgação. Na verdade, o conjunto documental que consegue o Registro de Memória do Mundo alerta os poderes públicos e privados da necessidade de proteção especial para essa documentação e facilita a arrecadação de fundos de tal forma a associar patrocinadores a projetos oportunos e apropriados de organização e preservação documental. Infelizmente, aquela iniciativa não logrou sucesso. Contudo, como toda boa semente, só estava esperando o solo adequado para produzir muitos frutos. Todo o material preparado naquela primeira tentativa foi reaproveitado quando em julho de 2007, o Arquivo Público do Distrito Federal, por iniciativa do servidor e arquivista Euler Frank Lacerda Barros, então Diretor de Arquivo Permanente, candidatou novamente o Fundo NOVACAP no Edital do Comitê Nacional do Brasil do Programa Memória do Mundo da UNESCO.

O CD preparado para a primeira tentativa estava tão bem elaborado que, segundo Euler Frank, com quem conversei para entender esse fato, foi necessário fazer pouquíssimas adaptações e atualizações. Contudo, diferente da primeira tentativa, o novo edital da UNESCO fazia novas exigências. Eram necessários, junto com o material do CD,

apresentar também um relatório descritivo do acervo e da história da instituição NOVACAP, além de vários documentos protocolares, todos em inglês. E isso só foi possível, graças à participação de Walter Mello que, à época da segunda tentativa, exercia o cargo de Assessor Especial do Arquivo Público do Distrito Federal, sendo Superintendente o jornalista Luiz Ribeiro de Mendonça. Os comentários a respeito da primeira tentativa e os discernimentos de Walter Mello foram importantes para a elaboração de toda documentação da segunda tentativa, por sinal, coroada de sucesso.

Assim em 11 de setembro, o Fundo NOVACAP foi reconhecido no Registro Nacional do Brasil do Programa Memória do Mundo da UNESCO e formalizado pela Portaria nº 60, de 31 de outubro de 2007, do Ministério da Cultura. Finalmente, em novembro de 2007, foi aprovada a inscrição do Fundo NOVACAP no Registro Regional para a América Latina e Caribe da UNESCO do Programa Memória do Mundo.^{214a}

Além de todas as atividades afins a um Arquivo Público, principalmente naqueles primeiros anos, Walter Mello esteve também envolvido com a criação do Fórum Nacional dos Diretores de Arquivos Estaduais.

Sobre esse evento recorda: “Nos encontros de diretores de arquivos estaduais que eu comecei a participar a partir do momento que me tornei Superintendente do Arquivo Público do DF, eu ficava deplorado ao ver o estado de degradação de alguns arquivos. Além disso, os arquivos não se comunicavam. Aí cheguei à conclusão de que se deveria criar um fórum permanente onde os arquivos pudessem se comunicar para trocar experiências e assim se ajudarem mutuamente. A ideia me ocorreu inspirado no que o Governador José Aparecido tinha criado, que era o Fórum dos Secretários de Cultura Estaduais. Eu achei a ideia

interessante. Me lembro que eu propus a ideia de criação do Fórum Nacional dos Diretores de Arquivo Estaduais em um encontro de diretores de arquivos públicos que ocorreu lá em São Paulo. Na ocasião eu até abdiquei da presidência para indicar o diretor do Arquivo de São Paulo. Mais tarde, com a saída dele, eu assumi a presidência do fórum. Esta iniciativa nos permitiu realizar encontros em vários estados no Brasil. E criamos uma metodologia: no final de cada fórum nós apresentávamos uma ‘Carta de Princípios’. Neste documento nós mostrávamos a necessidade de que cada governo estadual desse uma melhor assistência aos Arquivos no cuidado para com os acervos históricos de cada estado. Não era só uma sugestão, não! Nós exigimos apoio dos estados em função das instalações derruídas que a gente encontrava. E confesso que pudemos perceber uma considerável melhora. Começou a acontecer um maior entrosamento entre os arquivos públicos dos estados, que não havia! É bom lembrar que a gente promovia isso paralelamente à criação do Sistema Nacional de Arquivos, pela Celina Vargas. Por sinal, o Sistema Nacional de Arquivos veio reforçar as iniciativas que a gente propunha em cada fórum”.^{214b}

E as atividades não paravam. Foi um dos responsáveis pela redescoberta dos trabalhos da Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil (1892) e da Comissão de Estudos da Nova Capital da União (1894-1895) para a compreensão dos primórdios da história da transferência da capital para o Planalto Central. Até aquela época, pouco se falava sobre as duas pioneiras Comissões, criadas no início da República Brasileira para fazer estudos que viabilizassem a transferência da capital para o Planalto Central do Brasil, conforme indicava a primeira Constituição republicana de 1891, no seu artigo 3º.

Lembra com orgulho que “se o Arquivo Público não tivesse tomado a iniciativa, teria passado em branco. Eu que organizei, como

Superintendente do Arquivo Público do Distrito Federal, o centenário da Comissão Cruls. Na minha condição de Superintendente, organizei o Centenário da Comissão Cruls. Primeiro, criei uma comissão pra organizar a programação. O Dr. Ernesto Silva, inclusive, participou na qualidade de presidente. Aí criamos a medalha comemorativa. Por sinal, em relação à medalha eu cometi um lapso. É que, a rigor, quando você recebe uma medalha, você recebe também um diploma, e nós não fizemos isso. A medalha foi feita na Casa da Moeda no Rio de Janeiro e foi financiada pelo BRB – Banco Regional de Brasília. A entrega das medalhas foi no Palácio do Itamaraty. Eu também recebi a medalha do Centenário da Comissão Cruls. Fizemos também uma grande exposição que o Dinho²¹⁵ foi o responsável, conferências, uma série de palestras, e ainda foi feito um concerto com música de época de Luiz Cruls e da época da Comissão Cruls. Durou mais de uma semana. A rigor, quem deveria ter organizado o centenário era o governo federal, pois foi uma Comissão determinada pelo governo federal. Como eu vi que ninguém fez, então eu resolvi fazer. Aí, o pessoal do Arquivo Público do Distrito Federal topou fazer. Depois fizemos também o sesquicentenário do nascimento de Luiz Cruls. Foi algo mais simples. Foi uma palestra no IHGBDF – Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal.”²¹⁶

O Boletim Informativo do ArPDF desse período informa que, no contexto dessas comemorações, foram previstas “a publicação do livro/biografia – Luiz Cruls, de autoria do cientista Prof. Ronaldo Mourão, com o apoio do ArPDF, Senado Federal e Vasp, assim como, a produção e impressão de 1.000 CD-ROMs doados pela Embaixada da Bélgica, com o relatório de 1894 da Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil – Relatório Cruls, pela CODEPLAN, com apoio do ArPDF.”^{217a}

Outra iniciativa do período em que Walter Mello era Superin-

tendente, e que reflete até hoje na instituição arquivística por meio da criação de novas linhas de pesquisa, foi a criação do “Programa de História Oral”. Sob a coordenação do arquivista e historiador Luis Carlos Lopes, na época Gerente de Pesquisa do órgão, foram feitas dezenas de entrevistas de “atores” envolvidos com a construção da nova capital no Planalto Central do Brasil.

Sobre o projeto, comenta Heloísa Liberalli Bellotto: “Com a implantação do programa, que utiliza rigorosamente as técnicas preconizadas pelos teóricos da chamada História Oral, tornou-se viável a abertura de um fascinante e inesperado universo de novas informações. Trata-se de dados saídos de reminiscências e de lembranças que surgem com a naturalidade própria da oralidade e do descomprometimento atual dos entrevistados para com os fatos passados. Ao se repetirem e ao se cruzarem, se legitimam e se reforçam reciprocamente, constituindo a trama de fundo perfeita para nela recaírem os dados arquivísticos tradicionais”.^{217b}

Bellotto finaliza ressaltando que o Programa de História Oral, “vem coroar o trabalho técnico, social e cultural que o Arquivo Público do Distrito Federal vem desenvolvendo sob a dinâmica, eficaz e profícua administração de Walter Albuquerque Mello, contribuindo de forma singularmente concreta e objetiva, não só para proporcionar maior dimensão aos estudos históricos sobre Brasília e sua inserção na História do Brasil, como também para demonstrar como o arquivo público pode exemplarmente devolver ao Estado e à sociedade, por meio dos benefícios da informação, a sustentação que deles recebe”.^{217c}

Em uma publicação relativa ao tema, Walter Mello comentou que “o Programa de História Oral, executado pelo Arquivo Público do Distrito Federal, está aberto a todos aqueles que buscam mais do que o conhecimento, o testemunho de uma época. [...] Seriam iguais os vários

personagens entrevistados? Impossível, mas têm em comum a satisfação de ter colaborado, cada qual à sua maneira, na concretização do sonho de Juscelino Kubitschek: fazer Brasília”.^{217d}

No último encontro para a correção dos textos, Walter Mello sugeriu a inserção de uma referência à sua pessoa feita pela arquiteta e urbanista gaúcha, Briane Panitz Bicca, que faleceu em 2 de junho de 2018. “Ela trabalhou como técnica de planejamento do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) entre 1979 e 1992, quando coordenou o grupo de trabalho para que Brasília se tornasse Patrimônio Cultural da Humanidade. Também na capital federal, Briane foi responsável pela implantação e coordenação, entre 1992 e 2001, do Setor de Cultura da Unesco no Brasil”.^{218a}

O excerto é uma parte do prefácio preparado por Briane para a publicação “Catálogo de Depoimentos Orais”, publicada pelo Arquivo Público em 1994 na gestão de Bernardo Carvalho de Araújo. O projeto, contudo, havia iniciado sob a superintendência de Walter Mello.

O prefácio procura ressaltar que “Brasília, cidade com características tão particulares, singulariza-se também por dispor de todos os elementos documentais que dizem respeito à sua construção e consolidação”.^{218b} É neste contexto que Briane Bicca enaltece a importância de Walter Mello: “Quanto aos documentos escritos, Walter Mello, cuja dedicação a essa causa nunca será demais enaltecer, ainda no final da década de 70 [1970], ou seja, a menos de 20 anos da cidade inaugurada, já havia percebido o quão fundamental era a existência aqui de um arquivo público e estava imbuído do firme propósito de levar avante a sua ideia. Isso antes ainda da época em que Aloísio Magalhães constituía a Fundação Pró-Memória e, através do Grupo de Trabalho de Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural de Brasília, dava início ao inventário do acervo existente no Distrito Federal. Nem bem criava corpo

o conceito de que havia o que proteger em Brasília, e lá estava plantada a ideia de reunir o seu corpo documental”.^{218c}

Walter Mello esteve à frente do Arquivo Público do Distrito Federal, como Superintendente, nos seguintes períodos:

- 18/03/1985 – Na função de Diretor da Divisão de Proteção do Patrimônio Histórico e Artístico do Distrito Federal, é DESIGNADO para responder pela Superintendência.
- 15/09/1986 – Nomeado Superintendente;
- 09/08/1990 – Exonerado da Superintendência por motivo da aposentadoria;
- 14/08/1990 – Nomeado Superintendente;
- 08/11/1993 – Exonerado da Superintendência;
- 05/01/1995 – Nomeado Superintendente;
- 01/01/1999 – Exonerado, a pedido pessoal, da Superintendência.

Portanto, excetuando três anos e três meses na década de 1990, Walter Mello esteve à frente do Arquivo como Superintendente por 12 anos e oito meses, no intervalo de 18 de março de 1985 a 1º de janeiro de 1999.

Do período que ficou fora, recorda: “Depois de ter ficado de 1985 até 1993, eu saí porque eu não me entendia com o Fernando Lemos, Secretário de Cultura daquela época. Aí quem vai assumir é o Bernardo Carvalho de Araújo.”²¹⁸ A saída, bastante traumática, criou uma onda de solidariedade. Amigos se manifestaram com visitas, telefonemas e também em cartas. Os sentimentos envolvidos naquele momento podem ser alcançados a partir de uma carta que Walter Mello recebeu:

“Prezado amigo Walter,

Recebi com muita tristeza a comunicação de seu afastamento do cargo de Superintendente do ArPDF, tanto pelo significado de sua saída para as atividades desse órgão, como pelo motivo que causou sua renúncia.

Sinto pela falta de compreensão das autoridades aos problemas de nossa área, pelo desrespeito profissional e ao tratamento à sua pessoa.

Contudo, apesar de sentir a sua perda para o serviço público e para a comunidade arquivística, acredito ser sua atitude digna e oportuna.

Meu amigo, vejo para você agora, uma fase mais generosa, voltada para seus interesses particulares, coisa que, tenho certeza, pela sua dedicação ao trabalho, era sempre relegada ao segundo plano. Logo, viva esta realidade enfocando o lado bom que é VOCÊ, ser importante e valioso que merece muita felicidade. Desejo de coração que a encontre neste novo caminho, que é o seu e não dos outros como tem sido.

Colha agora os frutos que plantou no decurso destes anos, de abnegação ao trabalho e usufrua mais da natureza, da disponibilidade de seu tempo e da convivência de seus amigos.

Um grande abraço.

Sireni G. Pinheiro”²¹⁹

Certo é que, um ano e alguns meses depois, vários servidores do Arquivo Público do Distrito Federal, liderados por Lúcia Margarida Alheiro da Silva, na época era Gerente de Arquivo Permanente do Ar-

quivo Público, iniciam um movimento envolvendo o pessoal da cultura de Brasília para trazer de volta Walter Mello. Do fato, assim recorda: “Depois que o Cristóvam Buarque foi eleito, então a Lúcia organizou um movimento para que eu voltasse para o Arquivo Público e fiquei como Superintendente até que foi eleito o Governador Roriz.”²²⁰

Em tão longo espaço de tempo legou uma identidade institucional forte, ainda mais que exerceu a Superintendência no momento de nascimento e consolidação das atividades do Arquivo Público do Distrito Federal. Além disso, deixou marcas indelévels de sua pessoa em todos os que o conheceram e que o lembram carinhosamente como um diligente protetor da memória histórica de Brasília, de trato suave, mas rígido nos princípios, aberto ao diálogo, mas zeloso dos aspectos técnicos: “O legado que eu deixei aqui é: tem que vestir a camisa. E não estou falando do jaleco para manusear os documentos não, estou falando metaforicamente. Eu, mesmo aposentado nunca deixei de usar a minha”.²²¹

INESPERADO RETORNO AO ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL

Quando não mais pensava que voltaria a “por os pés”²²² na instituição que ele tanto lutara para ver criada e consolidada, foi convidado em 2007, pelo então Superintendente, Luiz Ribeiro de Mendonça, para ser seu assessor, função que exerceu até final de 2010, quando teve a chance de se envolver e acompanhar todas as atividades promovidas pelo Arquivo Público do Distrito Federal por ocasião das celebrações do cinquentenário de Brasília: “Esta cidade me permitiu que eu me realizasse como ser humano e deu sentido a todos os meus sonhos na área da cultura.”²²³

Comentou várias vezes que esse retorno inesperado ao Arquivo Público deu-lhe novo ânimo. Desde cedo, lá estava o “Seu Walter”, como todos o chamam, acompanhando e palpitando nas atividades da instituição que tanto ama: “Tenho a sensação que de fato cumpri minha missão. Com Brasília e comigo mesmo.”²²⁴

Numa das minhas últimas visitas à sua residência na Quadra 415 Norte, insisti com Walter Mello sobre a necessidade que eu tinha de saber sobre os títulos, condecorações, etc., que ele havia recebido. Disse-me que devido às muitas mudanças nos últimos anos, tinha extraviado

muito coisa e as que ainda tinha estavam muito bagunçadas e dentro de caixas. Neste dia, o filho Joaquim Pedro estava em casa e garantiu-me que iria insistir com seu pai para juntar toda documentação e papéis que possuíam e iam me convidar para pesquisar. Fiquei na espera. No dia nove de janeiro de 2017, às 9h30min, encontrei-o em sua residência. Havia juntado o que tinha e queria que eu “desse uma olhada”.

Em relação às condecorações recebidas, de memória, lembrou a da Embaixada da então Tchecoslováquia, da qual recebeu o título de “Operário da Cultura.” Lembra que “não foi uma comenda propriamente dita, mas foi dada publicamente.”²²⁵ Em 2013, por ocasião do 46º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, em reconhecimento ao trabalho prestado na promoção do cinema, foi homenageado com o Troféu Candango. O único documento guardado que tinha era o do título de Cidadão Honorário de Brasília, de 18 de novembro de 1997, dado pela Câmara Legislativa do Distrito Federal por meio do Decreto Legislativo nº 156.

Sobre a mesa estavam também algumas placas que passo a fazer referência. “Homenagem da Associação dos Arquivistas Brasileiros (Núcleo Regional de Brasília) ao Dr. Walter Mello, pelos relevantes serviços prestados a nossa causa. Brasília, 01/10/1979” e uma placa do Iº Congresso Nacional de Arquivologia: “A Abarq – ASSOCIAÇÃO BRASILIENSE DE ARQUIVOLOGIA no ensejo do Iº Congresso Nacional de Arquivologia concede ao Sr. WALTER ALBUQUERQUE MELLO o título de Sócio Benemérito desta Associação pelos serviços relevantes e contribuição valiosa à arquivologia em Brasília. Brasília – DF, 23 a 26 de novembro de 2004”.

Fotos? Não tinha. Novamente disse que tinha extraviado. Contudo, pegou sobre a mesa um quadro, separado especialmente para me mostrar. “Essa caricatura foi feita pelo ilustrador Jô Oliveira. É a

melhor imagem que tenho de mim mesmo... e aqui atrás estão várias assinaturas dos servidores do Arquivo Público. Recebi na época que me aposentei. Tenho um carinho enorme por essa homenagem que me deram... é a que mais me orgulho de guardar.”²²⁶

ÚLTIMO DESEJO

REVELADO NO PARQUE OLHOS D'ÁGUA

Atualmente, com seus 90 anos de idade, continua a morar em Brasília. Intencionalmente procurou alugar um apartamento ao lado do Parque Olhos d'Água a fim de que possa aproveitar aquele espaço para suas caminhadas e reflexões. Considera que agora, no atual estágio de sua vida, deve serenar o espírito e aproveitar melhor seus momentos para pequenos prazeres que a saúde e seu salário permitem. “Eu falo sempre com o Joaquim Pedro, meu filho: olha, eu estou com pouco tempo de vida, estou numa idade avançada... olha, eu gostaria de tomar um pouco mais de sorvete, escutar mais música, ver os filmes que eu amo na vida, dos diretores italianos... não sou de grandes exigências... É só isso que eu peço.”²²⁷

Nos almoços que participávamos sempre gostava de comentar um provérbio da filosofia chinesa: “Coma a metade, caminhe o dobro e ria o triplo”. E completava sorridente: “Por isso que eu estou aos 87 anos, jovem”.²²⁸ Numa dessas ocasiões, perguntei a ele desde quando cultivava o gosto pela filosofia de vida chinesa. Respondeu que começou a se interessar depois dos 60 anos, e completou com outro provérbio chinês: “Três coisas na vida, não voltam atrás: a flecha lançada, a palavra proferida e a oportunidade perdida”.²²⁹ Certo dia, em outro

almoço, sempre no afã de conseguir mais informações sobre sua história pessoal, perguntei se havia se arrependido de algo em sua atividade como servidor público, ao que respondeu: “Me lembro que escrevi num informativo interno do Arquivo Público, num dos meus últimos textos: ‘Não favoreci ninguém. Devo ter cometido numerosos disparates. Todos os meus erros, porém, foram erros da inteligência, que é fraca’”.²³⁰ E não comentou mais nada. Concluí que não havia arrependimentos. Apenas a aceitação de sua profunda humanidade, com as contingências que a vida trás.

Pensei que o tema havia se esgotado quando, na visita a Pirenópolis no dia 27 de dezembro de 2016, mencionada anteriormente, Walter Mello novamente, entre uma recordação e outra, citou outra vez Graciliano Ramos: “Não favoreci ninguém. Devo...”. Ao terminar a citação, comentou que, se havia conseguido realizar muitas coisas enquanto Superintendente do Arquivo, não tinha lutado sozinho: “Para mim, seria uma omissão imperdoável não citar certas pessoas.”²³¹ Sorveu um longo gole de cerveja, olhou para o rótulo da pequena garrafa, como a homenagear a qualidade daquela bebida, voltou-se para mim e continuou: “Por isso, gostaria que fosse colocado em minha biografia um texto que escrevi no Boletim Informativo do Arquivo Público do Distrito Federal. Não me lembro a data. Tá ali em minha pasta no carro que viemos. Depois vou te passar”.²³² Mais tarde entregou-me o texto, que passo a transcrever:

Ação e Memória: Trajetória, síntese, balanço e despedida²³³

“Não favoreci ninguém. Devo ter cometido numerosos disparates. Todos os meus erros, porém, foram erros da inteligência, que é fraca” (Graciliano Ramos)

Em razão da mudança de Governo e minha aposentadoria e o desejo de dedicar-me doravante à família, deixo a direção do Arquivo Público do Distrito Federal. Foram precisamente 20 anos de luta dedicados a preservação da memória documental de Brasília.

Não lutei sozinho. Em 1978, na gestão do Embaixador Wladimir Murtinho na então Secretaria de Educação e Cultura foram dados os primeiros passos concretos para a criação do Arquivo Público do Distrito Federal. Na ocasião dirigia a Divisão de Patrimônio Histórico e Artístico, quando senti a necessidade da criação de uma instituição voltada para a preservação da memória documental. Para tanto contei com a colaboração de duas Celinas: Celina Lamounier D'Alessandro e Celina Vargas do Amaral Peixoto, na ocasião, Diretora do Arquivo Nacional, Nilza Teixeira Soares e Maria Aparecida dos Santos.

Estaria incorrendo em omissão imperdoável se não mencionasse o ex-governador Cel. José Ornellas de Souza Filho e a professora Eurides Brito, em cujas gestões o Arquivo foi criado. Ressalto ainda a participação do Prof. José Maria Jardim, José Aparecido de Oliveira, Carlos Magalhães da Silveira, Márcio Cotrim, Maria Duarte, Silvio Tendler e mais recentemente o Secretário de Cultural Hamilton Pereira e Oto Silvério, Presidente da Novacap que resgataram o compromisso do Governador Cristovam Buarque de dar ao Arquivo Público novas instalações e melhores condições técnicas neces-

sárias a uma instituição arquivística.

O novo prédio nos propiciou dar um importante salto qualitativo e quantitativo, o que nos possibilitará recolher novos fundos, bem como ampliar os atuais conjuntos custodiados.

Quero aproveitar o ensejo para prestar uma homenagem à valorosa equipe do Arquivo Público pela dedicação e competência que a caracterizaram. Como símbolo desses funcionários lembro a pessoa de Vânia Caldas – que nos acompanhou desde o início e que hoje presta a sua colaboração a uma empresa jornalística – que com a sua competência, dedicação e garra muito nos ajudou nessa trajetória. A eles credito uma grande parte do nosso sucesso. Quanto a mim, plagiando o professor Darcy Ribeiro ao receber o título de ‘Doutor Honoris Causa’ na Sorbonne, falarei sobre os meus fracassos na instituição: não tive sucesso nas tentativas de estabelecimento de uma política de arquivos para o Distrito Federal, não consegui construir a sede definitiva – não obstante a existência do terreno – não consegui que fosse criada a carreira de arquivista nos quadros da administração do GDF.

Considerando que a integridade do patrimônio arquivístico, por se tratar de um bem público, deve ser assumida pelo Estado, espero e faço votos para que o próximo Governo possa concretizar essas ações de alta relevância para a preservação da memória documental de Brasília.

Walter Albuquerque Mello – Superintendente.

Há tempos eu desejava abordar com Walter Mello o tema da morte. No dia em que, caminhando no Parque Olhos d'Água, ele contou sobre uma chaga em seu coração – o trágico acontecimento dos assassinatos – comentei que eu o percebia como um homem desapegado das coisas materiais e marcado por uma profunda simplicidade de vida. Dito isso, perguntei como gostaria que fosse seu enterro. Tranquila e serenamente, revelou seu desejo: “Se tiver condição, eu gostaria de ser cremado. E a cinza eu quero que seja derramada, a metade na árvore do buriti que eu tombei, ali em frente ao Palácio do Buriti. E a outra metade das minhas cinzas eu gostaria que fosse colocada no túmulo da Klementina Kalašová, lá no cemitério Quinta dos Lázaros, em Salvador.”²³⁴

Ao terminar esses apontamentos biográficos, que ele partilhou a seu modo com esse escriba representando o Arquivo Público do Distrito Federal, instituição que lutou tanto para criar e que amou como a um filho, tenho a certeza de que os servidores desta instituição arquivística, e seus amigos, envidarão todos os esforços para realizar seu “último desejo”.

Nada melhor do que finalizar esses apontamentos com uma frase que sintetiza a consciência que Walter Mello tem do significado de sua própria existência: “Não nasci há 90 anos. Como todo bom baiano, eu estreei”.²³⁵

NOTAS

- 1 O autor deste texto teve a chance de presenciar Oscar Niemeyer cumprimentar o senhor Walter Mello como “Valtinho Cultura” no hall de entrada do Brasília Palace Hotel, quando de uma visita do arquiteto a Brasília, no Governo de José Roberto Arruda.
- 2 Encontro de revisão do texto biográfico – 09/01/2017.
- 3 Encontro de revisão do texto biográfico – 09/01/2017.
- 4 Conversa – pós-operatório – 24/11/2016.
- 5 Conversa com servidores em visita ao ArPDF - 01/05/2015.
- 6 Caminhada no Parque Olhos d’Água – 24/02/2016.
- 7 Caminhada no Parque Olhos d’Água – 24/02/2016.
- 8 Conversa – pós-operatório – 24/11/2016.
- 9 Conversa – pós-operatório – 24/11/2016.
- 10 Grafei entre aspas a palavra “padrinho” porque, apesar de ser assim caracterizada por Walter Mello a relação com seus pais de criação, a palavra não tem a conotação religiosa da palavra “padrinho”, quando usada para significar “padrinho de batismo”, “de crisma”, etc.
- 11 Passeio para tirar fotografias com Walter Mello - 08/06/2016.
- 12 Passeio para tirar fotografias com Walter Mello - 08/06/2016.
- 13 Passeio para tirar fotografias com Walter Mello - 08/06/2016.
- 14 Passeio para tirar fotografias com Walter Mello - 08/06/2016.
- 15 Cf. Pasta Funcional – ArPDF
- 16 Cf. Pasta Funcional – ArPDF
- 17 Caminhada no Parque Olhos d’Água – 24/02/2016.
- 18 Correio Braziliense, Caderno Cidades, 5 de novembro de 2008.
- 19 Encontro de revisão do texto biográfico – 09/01/2017.
- 20 VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. Walter da Silveira, o filósofo do cinema brasileiro. Bahia na Rede, 21/04/2013. <https://blogbahianarede.wordpress.com>. Acesso em 19/02/2016.
- 21 Caminhada no Parque Olhos d’Água – 24/02/2016.
- 22 Caminhada no Parque Olhos d’Água – 24/02/2016.
- 23 Caminhada no Parque Olhos d’Água – 24/02/2016.
- 24 Informação colhida em uma tarde do mês de fevereiro/2016 em sua residência - Quadra 415 Norte.
- 25 KORNIS, Mônica Almeida. Sociedade e cultura nos anos 1950. In <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Sociedade/Anos1950>. Acesso em 15/08/2016.
- 26 Encontro de revisão do texto biográfico – 09/01/2017.
- 27 Encontro de revisão do texto biográfico – 09/01/2017.
- 28 Encontro de revisão do texto biográfico – 09/01/2017.
- 29 Caminhada no Parque Olhos d’Água – 24/02/2016.
- 30 Caminhada no Parque Olhos d’Água – 24/02/2016.
- 31 Caminhada no Parque Olhos d’Água – 24/02/2016.

- 32 Caminhada no Parque Olhos d'Água – 24/02/2016.
- 33 Passeio para tirar fotografias com Walter Mello - 08/06/2016.
- 34 Caminhada no Parque Olhos d'Água – 24/02/2016.
- 35 Cf. <http://www.funarte.gov.br/brasilmemoriadasartes/acervo/familia-vianna/vianninha-o-autor-e-sua-obra/>
- 36 E-mail encaminhado por Walter Mello em 10/01/2016.
- 37 Caminhada no Parque Olhos d'Água – 24/02/2016.
- 38 E-mail encaminhado por Walter Mello em 10/01/2016.
- 39 Cf. <http://www.sabercultural.com/template/ArteBrasilPintores/MirandaRonaldo1.html> - acesso em 10/01/2017.
- 40 E-mail encaminhado por Walter Mello em 10/01/2016.
- 41 E-mail encaminhado por Walter Mello em 10/01/2016.
- 42 E-mail encaminhado por Walter Mello em 10/01/2016.
- 43 E-mail encaminhado por Walter Mello em 10/01/2016.
- 44 Caminhada no Parque Olhos d'Água – 24/02/2016.
- 45 Caminhada no Parque Olhos d'Água – 24/02/2016.
- 46 Caminhada no Parque Olhos d'Água – 24/02/2016.
- 47 Caminhada no Parque Olhos d'Água – 24/02/2016.
- 48 Conversa com servidores em visita ao ArPDF - 01/05/2015.
- 49 Cf. ABREU, Marcelo. Correio Braziliense, Caderno Cidades, 5 de novembro de 2008.
- 50 Walter Mello têm 1,58 metros de altura.
- 51 Conversa com servidores em visita ao ArPDF - 01/05/2015.
- 52 Caminhada no Parque Olhos d'Água – 24/02/2016.
- 53 Encontro de revisão do texto biográfico – 09/01/2017.
- 54 Revista GPS – Lifetime. Ano 7, nº 9, 2018, p.32.
- 55 Entrevista concedida a ABREU, Marcelo. Correio Braziliense, Caderno Cidades, 5 de novembro de 2008.
- 56 Entrevista concedida a ABREU, Marcelo. Correio Braziliense, Caderno Cidades, 5 de novembro de 2008.
- 57 Entrevista concedida a ABREU, Marcelo. Correio Braziliense, Caderno Cidades, 5 de novembro de 2008.
- 58 Passeio para tirar fotografias com Walter Mello - 08/06/2016.
- 59 Entrevista dada informalmente numa refeição na residência de Walter Mello.
- 60 Entrevista dada informalmente numa refeição na residência de Walter Mello.
- 61 Cf. http://www.recantocaipira.com.br/duplas/waldomiro_bariani_ortencio/waldomiro_bariani_ortencio.html - Acesso em 12/01/2017.
- 62 Revista Meia Um. Ano 2, setembro/2012, nº 17.
- 63 Revista Meia Um. Ano 2, setembro/2012, nº 17.
- 64 Cf. ANDRADE, Marco Antonio Pasqualini de. Uma poética Ambiental. Tese apresentada ao programa de pós-graduação em Artes da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2007. p.23.
- 65 Conversa informal em sua residência – dia 29/03/16.
- 66 Cf. Carteira profissional nº 24871 – Série 146. É admitido em 1º de fevereiro de 1962.

- 67 Cf. Portaria nº 86 de 06/07/1962 – Pasta Funcional 1 – Secretaria de Cultura.
- 68 Cf. Decreto nº 50.250, de 28 de Janeiro de 1961 – “Autoriza o Departamento Nacional de Educação do Ministério da Educação e Cultura a instalar, em Brasília, a estação de rádio difusão com finalidades educativas. [...] A estação radiodifusora terá finalidades exclusivamente educativas e se denominará Rádio Educadora de Brasília.”
- 69 Cf. Conversa informal em sua residência – dia 29/03/16.
- 70 Cf. Conversa informal em sua residência – dia 29/03/16.
- 71 Cf. Conversa informal em sua residência – dia 29/03/16.
- 72 Conversa informal em sua residência com a presença do filho Joaquim Pedro_29/03/2016.
- 73 Conversa com servidores em visita ao ArPDF - 01/05/2015.
- 74 Cf. FIGUEIREDO, Aline. Artes Plásticas no Centro-Oeste. São Paulo, UFMT/MACP, 1979.
- 75 Cf. Pasta Funcional 1 – Secretaria de Cultura.
- 76 Cf. Pasta Funcional 1 – Secretaria de Cultura.
- 77 Conversa informal em sua residência com a presença do filho Joaquim Pedro_29/03/2016.
- 78 Informação colhida em conversa informal com Walter Mello.
- 79 Cf. Regimento da Fundação Cultural - Pasta Funcional 1 – Secretaria de Cultura.
- 80 <http://www.festbrasil.com.br/2003/noticias/27> - acesso em 29/01/2016.
- 81 EMÍLIO, Paulo. Paulo Emílio - Um intelectual na linha de frente. Org. por Calos Augusto Calil e Maria Teresa Machado. Brasiliense, Rio de Janeiro, 1986, p. 245. 81 82 <http://cinematecaunb.blogspot.com/p/o-auditorio-doiscandangos-foi-erguido.html>
- 83 EMÍLIO, Paulo. Paulo Emílio - Um intelectual na linha de frente. Org. por Calos Augusto Calil e Maria Teresa Machado. Brasiliense, Rio de Janeiro, 1986, p. 400.
- 84 Cf. Revista Meia Um. Ano 2, setembro/2012, nº 17.
- 85 Cf. Pasta Funcional – Arquivo Público do Distrito Federal.
- 86 Cf. Pasta Funcional – Arquivo Público do Distrito Federal.
- 87 Cf. Pasta Funcional – Arquivo Público do Distrito Federal.
- 88 Cf. Pasta Funcional – Arquivo Público do Distrito Federal e Pasta Funcional 1 – Secretaria de Cultura.
- 89 Cf. Conversa informal em sua residência – dia 29/03/16.
- 90 Cf. Pasta Funcional – Arquivo Público do Distrito Federal.
- 91 Cf. FIGUEIREDO, Aline. Artes Plásticas no Centro-Oeste. São Paulo, UFMT/MACP, 1979.
- 92 Cf. Pasta Funcional 1 – Secretaria de Cultura.
- 93 Cf. Pasta Funcional – Arquivo Público do Distrito Federal.
- 94 Cf. Pasta Funcional – Arquivo Público do Distrito Federal.
- 95 Cf. Pasta Funcional – Arquivo Público do Distrito Federal.
- 96 Cf. Pasta Funcional – Arquivo Público do Distrito Federal.
- 97 Cf. Pasta Funcional 1 – Secretaria de Cultura.
- 98 Cf. Pasta Funcional 1 – Secretaria de Cultura.
- 99 Cf. Pasta Funcional 1 – Secretaria de Cultura.
- 100 Cf. Conversa informal em sua residência – dia 29/03/16.

- 101 Cf. Pasta Funcional 1 – Secretaria de Cultura.
- 102 Cf. FIGUEIREDO, Aline. Artes Plásticas no Centro-Oeste. São Paulo, UFMT/MACP, 1979.
- 103a Cf. Pasta Funcional 1 – Secretaria de Cultura.
- 103b Encontro de Revisão do Texto - 24/10/2018.
- 103c Encontro de Revisão do Texto - 24/10/2018.
- 103d Encontro de Revisão do Texto - 24/10/2018.
- 103e Encontro de Revisão do Texto - 24/10/2018.
- 103f Encontro de Revisão do Texto - 24/10/2018.
- 103g Encontro de Revisão do Texto - 24/10/2018.
- 103h Encontro de Revisão do Texto - 24/10/2018.
- 103i Encontro de Revisão do Texto - 24/10/2018.
- 103j Encontro de Revisão do Texto - 24/10/2018.
- 103l Encontro de Revisão do Texto - 24/10/2018.
- 104 Cf. <http://www.festbrasil.com.br/2013/noticias/27> - Acesso em 29/01/2016.
- 105 Cf. <http://www.festbrasil.com.br/2013/noticias/27> - Acesso em 29/01/2016.
- 106 Cf. Pasta Funcional 1 – Secretaria de Cultura.
- 107 Cf. Pasta Funcional 1 – Secretaria de Cultura.
- 108 Cf. FIGUEIREDO, Aline. Artes Plásticas no Centro-Oeste. São Paulo, UFMT/MACP, 1979.
- 109 Cf. FIGUEIREDO, Aline. Artes Plásticas no Centro-Oeste. São Paulo, UFMT/MACP, 1979.
- 110 Cf. Pasta Funcional 1 – Secretaria de Cultura.
- 111 Cf. “Elogio” de 13/03/1974 - Pasta Funcional 1 – Secretaria de Cultura.
- 112 Visita - primeira versão dos apontamentos biográficos - 14 de janeiro de 2017.
- 113 Visita - primeira versão dos apontamentos biográficos - 14 de janeiro de 2017.
- 114 Visita para entregar primeira versão dos apontamentos biográficos - 14 de janeiro de 2017.
- 115 Visita - primeira versão dos apontamentos biográficos - 14 de janeiro de 2017.
- 116 Visita - primeira versão dos apontamentos biográficos - 14 de janeiro de 2017.
- 117 Visita - primeira versão dos apontamentos biográficos - 14 de janeiro de 2017.
- 118 Visita - primeira versão dos apontamentos biográficos - 14 de janeiro de 2017.
- 119 Visita - primeira versão dos apontamentos biográficos - 14 de janeiro de 2017.
- 120 Visita - primeira versão dos apontamentos biográficos - 14 de janeiro de 2017.
- 121 Visita - primeira versão dos apontamentos biográficos - 14 de janeiro de 2017.
- 122 Visita - primeira versão dos apontamentos biográficos - 14 de janeiro de 2017.
- 123 Visita - primeira versão dos apontamentos biográficos - 14 de janeiro de 2017.
- 124 Visita - primeira versão dos apontamentos biográficos - 14 de janeiro de 2017.
- 125 Visita - primeira versão dos apontamentos biográficos - 14 de janeiro de 2017.
- 126 Visita - primeira versão dos apontamentos biográficos - 14 de janeiro de 2017.
- 127 Visita - primeira versão dos apontamentos biográficos - 14 de janeiro de 2017.
- 128 Visita - primeira versão dos apontamentos biográficos - 14 de janeiro de 2017.
- 129 Revista GPS – Lifetime. Ano 7, nº 9, 2018, p.33.

- 130 Cf. Pasta Funcional 1 – Secretaria de Cultura.
- 131 Cf. Pasta Funcional – Arquivo Público do Distrito Federal.
- 132 Conversa informal em sua residência com a presença do filho Joaquim Pedro_29/03/2016.
- 133 Conversa informal em sua residência com a presença do filho Joaquim Pedro_29/03/2016.
- 134 Telefonema do dia 24 de fevereiro de 2016.
- 135 Caminhada no Parque Olhos d'Água – 24/02/2016.
- 136 Caminhada no Parque Olhos d'Água – 24/02/2016.
- 137 O período da Ditadura, conforme a Comissão Nacional da Verdade, se estende de 1964 até 1985.
- 138 Projeto de Lei nº 7.534, de 2010. Cria o Dia Nacional da Diplomacia Cultural e dá outras providências. Cf. <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/1006271.pdf> - Acesso em 22/02/2016.
- 139 Conversa com servidores em visita ao ArPDF - 01/05/2015.
- 140 Conversa com servidores em visita ao ArPDF - 01/05/2015.
- 141 Cf. Pasta Funcional – Arquivo Público do Distrito Federal.
- 142 Encontro de revisão do texto biográfico – 09/01/2017.
- 143 Encontro de revisão do texto biográfico – 09/01/2017.
- 144 Expressão bastante usada no linguajar açoriano do sul de Santa Catarina, com o sentido de mexer, catucar, tentar descobrir.
- 145a Encontro de revisão do texto biográfico – 09/01/2017.
- 145b Encontro de revisão do texto biográfico - 24/10/2018.
- 146 Encontro de revisão do texto biográfico – 09/01/2017.
- 147 Encontro de revisão do texto biográfico – 09/01/2017.
- 148 E-mail encaminhado por Walter Mello em 10/01/2016.
- 149 Passeio para tirar fotografias com Walter Mello - 08/06/2016.
- 150 Passeio para tirar fotografias com Walter Mello - 08/06/2016.
- 151 Encontro de revisão do texto biográfico – 09/01/2017.
- 152 Passeio para tirar fotografias com Walter Mello - 08/06/2016.
- 153 Caminhada no Parque Olhos d'Água – 24/02/2016.
- 154 Encontro de revisão do texto biográfico – 09/01/2017.
- 155 Entrevista concedida por Walter Albuquerque Mello. CARVALHÊDO, Shirley do Prado. O Arquivo Público do Distrito Federal: contextos, concepções e práticas informacionais na trajetória de uma instituição arquivística. Dissertação em nível de Mestrado, UnB, Brasília, 2003, p. 81.
- 156 Entrevista concedida por José Maria Jardim. CARVALHÊDO, Shirley do Prado. O Arquivo Público do Distrito Federal: contextos, concepções e práticas informacionais na trajetória de uma instituição arquivística. Dissertação em nível de Mestrado, UnB, Brasília, 2003, p. 86.
- 157 COMPROMISSO DE BRASÍLIA. 1º. Encontro de Governadores de Estado, Secretários Estaduais da Área Cultural, Prefeitos de Municípios Interessados, Presidentes e Representantes de Instituições Culturais. Abril, 1970. Disponível no site do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: www.iphan.gov.br.
- 158 ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL: 1985-1990 – 5 anos preservando a memória documental de Brasília. Secretaria de Cultura e Esporte – Arquivo Público

do Distrito Federal, Brasília, 1990.

159 ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL: 1985-1990 – 5 anos preservando a memória documental de Brasília. Secretaria de Cultura e Esporte – Arquivo Público do Distrito Federal, Brasília, 1990.

160 Cf. ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL: 1985-1990 – 5 anos preservando a memória documental de Brasília. Secretaria de Cultura e Esporte – Arquivo Público do Distrito Federal, Brasília, 1990.

161 ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL: 1985-1990 – 5 anos preservando a memória documental de Brasília. Secretaria de Cultura e Esporte – Arquivo Público do Distrito Federal, Brasília, 1990.

162 Entrevista concedida por Walter Albuquerque Mello. CARVALHÊDO, Shirley do Prado. O Arquivo Público do Distrito Federal: contextos, concepções e práticas informacionais na trajetória de uma instituição arquivística. Dissertação em nível de Mestrado, UnB, Brasília, 2003, p. 81.

163 Conversa com servidores em visita ao ArPDF - 01/05/2015.

164 Cf. CARVALHÊDO, Shirley do Prado. O Arquivo Público do Distrito Federal: contextos, concepções e práticas informacionais na trajetória de uma instituição arquivística. Dissertação em nível de Mestrado, UnB, Brasília, 2003. p. 65-67.

165 Cf. CARVALHÊDO, Shirley do Prado. O Arquivo Público do Distrito Federal: contextos, concepções e práticas informacionais na trajetória de uma instituição arquivística. Dissertação em nível de Mestrado, UnB, Brasília, 2003, p. 65.

166 Conversa com servidores em visita ao ArPDF - 01/05/2015.

167 Conversa com servidores em visita ao ArPDF - 01/05/2015.

168 Entrevista concedida por Walter Albuquerque Mello. In CARVALHÊDO, Shirley do Prado. O Arquivo Público do Distrito Federal: contextos, concepções e práticas informacionais na trajetória de uma instituição arquivística. Dissertação em nível de Mestrado, UnB, Brasília, 2003, p. 81.

169 Conversa com servidores em visita ao ArPDF - 01/05/2015.

170 ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL: 1985-1990 – 5 anos preservando a memória documental de Brasília. Secretaria de Cultura e Esporte – Arquivo Público do Distrito Federal, Brasília, 1990, p. 16.

171 RIBEIRO, Sandra Bernardes. Brasília: memória, cidadania e gestão do patrimônio cultural. Annablume, São Paulo, 2005, p. 188.

172 Conversa informal em sua residência com a presença do filho Joaquim Pedro_29/03/2016.

173 Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil.

174 Refere-se ao “bote” de uma cobra, quando se dá a investida do animal sobre a presa.

175 Conversa com servidores em visita ao ArPDF - 01/05/2015.

176 ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL: 1985-1990 – 5 anos preservando a memória documental de Brasília. Secretaria de Cultura e Esporte – Arquivo Público do Distrito Federal, Brasília, 1990, p. 14.

177 José Maria Jardim é doutor e pós-doutor em ciências da informação e um dos arquivistas mais respeitados do Brasil. Trabalhou no Arquivo Nacional entre 1982-1992. Foi professor da UFF e atualmente da UNIRIO.

178 Conversa com servidores em visita ao ArPDF - 01/05/2015.

179 Conversa com servidores em visita ao ArPDF - 01/05/2015.

180 Entrevista concedida por José Maria Jardim. In CARVALHÊDO, Shirley do Prado. O

Arquivo Público do Distrito Federal: contextos, concepções e práticas informacionais na trajetória de uma instituição arquivística. Dissertação em nível de Mestrado, UnB, Brasília, 2003, p. 82,85.

181 Conversa com servidores em visita ao ArPDF - 01/05/2015.

182 Revista GPS – Lifetime. Ano 7, nº 9, 2018, p.30.

183 Revista GPS – Lifetime. Ano 7, nº 9, 2018, p.32.

184 Cf. CARVALHÊDO, Shirley do Prado. O Arquivo Público do Distrito Federal: contextos, concepções e práticas informacionais na trajetória de uma instituição arquivística. Dissertação em nível de Mestrado, UnB, Brasília, 2003.

185 Conversa com servidores em visita ao ArPDF - 01/05/2015.

186 Caminhada no Parque Olhos d'Água – 24/02/2016.

187 Cf. Portaria de 18/03/1985 da Secretaria de Educação e Cultura – DODF nº 30 de 14/02/1986.

188 Caminhada no Parque Olhos d'Água – 24/02/2016.

189 Caminhada no Parque Olhos d'Água – 24/02/2016.

190 Conversa com servidores em visita ao ArPDF - 01/05/2015.

191 Caminhada no Parque Olhos d'Água – 24/02/2016.

192 Conversa com servidores em visita ao ArPDF - 01/05/2015.

193 Carlos Magalhães da Silveira foi arquiteto e genro de Niemeyer. Acompanhou as obras da construção de Brasília e foi responsável pela construção da Catedral.

194 Conversa informal em sua residência com a presença do filho Joaquim Pedro_29/03/2016.

195 Visita a Pirenópolis – 27/12/2016

196 Passeio para tirar fotografias com Walter Mello - 08/06/2016.

197 Passeio para tirar fotografias com Walter Mello - 08/06/2016.

198 Conversa com servidores em visita ao ArPDF - 01/05/2015.

199 Cf. Placa comemorativa da instalação do Arquivo Público do Distrito Federal que se encontra atualmente à direita da entrada da sede definitiva.

200 Conversa com servidores em visita ao ArPDF - 01/05/2015.

201 Conversa com servidores em visita ao ArPDF - 01/05/2015.

202 Conversa informal em sua residência com a presença do filho Joaquim Pedro_29/03/2016.

203 Visita a Pirenópolis – 27/12/2016.

204 Visita a Pirenópolis – 27/12/2016.

205 Conversa informal em sua residência com a presença do filho Joaquim Pedro_29/03/2016.

206 Conversa informal em sua residência com a presença do filho Joaquim Pedro_29/03/2016.

207 O Quadrilátero. Boletim do Arquivo Público do DF, órgão vinculado à Secretaria de Cultura e Esporte. Brasília-DF, Ano I, nº 1, jan-Mar/1996.

208 O Quadrilátero. Boletim do Arquivo Público do DF, órgão vinculado à Secretaria de Cultura e Esporte. Brasília-DF, Ano I, nº 1, jan-Mar/1996.

209 Cf. Revista O QUADRILÁTERO. Revista do Arquivo Público do Distrito Federal, vinculado à Secretaria de Cultura e Esportes. Brasília-DF, Volume I, Nº 1, março/agosto/1998.

210 Passeio para tirar fotografias com Walter Mello - 08/06/2016.

- 211 Conversa com servidores em visita ao ArPDF - 01/05/2015.
- 212 Revista GPS – Lifetime. Ano 7, nº 9, 2018, p.32.
- 213 Boletim Informativo do Arquivo Público do Distrito Federal – ArPDF. Ano III, nº2, outubro/dezembro 1998.
- 214a Guia – Arquivo Público do Distrito Federal. Brasília, 2016.
- 214b Encontro de revisão do texto - 18/10/2018.
- 215 Oswaldo Sérgio, servidor da Secretaria de Cultura do Distrito Federal.
- 216 Conversa informal em sua residência com a presença do filho Joaquim Pedro_29/03/2016.
- 217a Boletim Informativo do Arquivo Público do Distrito Federal – ArPDF. Ano III, nº2, outubro/dezembro 1998.
- 217b Arquivo Público do Distrito Federal. Catálogo de Depoimentos Orais. Brasília: ArPDF, 1994.
- 217c Arquivo Público do Distrito Federal. Catálogo de Depoimentos Orais. Brasília: ArPDF, 1994.
- 217d Arquivo Público do Distrito Federal. Catálogo de Depoimentos Orais. Brasília: ArPDF, 1994.
- 218a Bernardo Carvalho de Araújo, também conhecido como Bernardo Sayão Filho, é filho do engenheiro Bernardo Sayão, um dos primeiros Diretores da NOVACAP. Conversa informal em sua residência com a presença do filho Joaquim Pedro_29/03/2016.
- 218b Correio Braziliense. Caderno Cidades, 02/06/2018. In https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2018/06/02/interna_cidadesdf,685732/morre-a-arquiteta-briane-bicca-que-ajudou-no-tombamento-de-brasilia.shtml. Acesso em 23/10/2018
- 218c Arquivo Público do Distrito Federal. Catálogo de Depoimentos Orais. Brasília: ArPDF, 1994.
- 219 Sireni Gonçalves Pinheiro era então Coordenadora dos Sistemas de Arquivo, Documentação e Comunicação Administrativa do Governo do Distrito Federal.
- 220 Conversa informal em sua residência com a presença do filho Joaquim Pedro_29/03/2016.
- 221 Revista GPS – Lifetime. Ano 7, nº 9, 2018, p. 31.
- 222 Conversa informal em uma refeição.
- 223 Entrevista concedida a ABREU, Marcelo. Correio Braziliense, Caderno Cidades, 5 de novembro de 2008.
- 224 Entrevista concedida a ABREU, Marcelo. Correio Braziliense, Caderno Cidades, 5 de novembro de 2008.
- 225 Conversa informal em sua residência com a presença do filho Joaquim Pedro_29/03/2016.
- 226 Encontro de revisão do texto biográfico – 09/01/2017.
- 227 Conversa informal em sua residência com a presença do filho Joaquim Pedro_29/03/2016.
- 228 Passeio para tirar fotografias com Walter Mello - 08/06/2016.
- 229 Passeio para tirar fotografias com Walter Mello - 08/06/2016.
- 230 Passeio para tirar fotografias com Walter Mello - 08/06/2016.
- 231 Visita a Pirenópolis – 27/12/2016
- 232 Visita a Pirenópolis – 27/12/2016

233 Boletim Informativo do Arquivo Público do Distrito Federal – ArPDF. Ano III, nº2, outubro/dezembro 1998.

234 Caminhada no Parque Olhos d'Água – 24/02/2016.

235 Entrevista concedida a ABREU, Marcelo. Correio Braziliense, Caderno Cidades, 5 de novembro de 2008. Atualizei sua idade na presente citação. A entrevista foi concedida quando Walter Mello contava com a idade de 80 anos.